

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

CINTIA ANDREZZA DOS SANTOS DIAMANTINO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO CEIM SÃO PEDRO**

**SÃO MATEUS - ES
2019**

CINTIA ANDREZZA DOS SANTOS DIAMANTINO

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO CEIM SÃO PEDRO

Trabalho de pesquisa apresentado á Faculdade
Vale do Cricaré no Mestrado Profissional em
Gestão Social, Educação e Desenvolvimento
Regional.
Professora Orientadora: Dr^a Kátia Gonçalves
Castor

SÃO MATEUS - ES
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

D537e

Diamantino, Cintia Andrezza dos Santos.

A educação ambiental na educação infantil – práticas pedagógicas no CEIM São Pedro / Cintia Andrezza dos Santos
Diamantino – São Mateus - ES, 2019.

107 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof.^a Dr.^a. Kátia Gonçalves Castor.

1. Educação ambiental. 2. Educação infantil. 3. Formação de professores. 4. Práticas pedagógicas. I. Castor, Kátia Gonçalves. II. Título.

CDD: 372.357

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

CÍNTIA ANDREZZA DOS SANTOS DIAMANTINO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL -
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CEIM SÃO PEDRO**

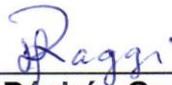
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 14 de dezembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Isabel Matos Nunes
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dedico este trabalho à minha família, com muito amor, carinho e gratidão pela compreensão, presença e apoio ao longo do período de elaboração e execução deste trabalho, pela compreensão das dificuldades e ausência.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional durante essa caminhada.

À Profª Drª Kátia Gonçalves Castor pela orientação, atenção e apoio durante o processo da dissertação.

Aos professores e alunos do Centro de Educação Municipal São Pedro, que colaboraram para que essa pesquisa fosse realizada.

A todos os meus amigos que torceram pelo meu sucesso sempre me incentivando. A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

DIAMANTINO, Cíntia Andrezza dos Santos. **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CEIM SÃO PEDRO**, 2019. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional). Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2019.

Esta pesquisa fundamentou-se nos conceitos de Educação Ambiental (EA) na Educação Infantil (EI), buscando analisar como a EA é inserida nas práticas pedagógicas dos professores do Centro de Educação Infantil Municipal São Pedro, localizado no município de São Mateus (ES). A metodologia possui uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva, buscando informações originais no que se refere à realidade deste espaço escolar, para isso foi utilizado observações da rotina diária e entrevista semi-estruturada, totalizando quinze perguntas. Foram entrevistadas seis professoras de alunos com faixa etária entre três a seis anos. O intuito de aplicar estas perguntas foi de apreciar o nível de conhecimento das professoras acerca da importância da educação ambiental na educação infantil, avaliando também a existência ou não da sensibilidade, preocupação no que se refere ao meio ambiente e sua carecida conservação e quais visões estes docentes possuem quanto aos problemas e responsabilidades ambientais, bem como causas, consequências, suas dificuldades e anseios. As observações diárias da rotina e práticas pedagógicas destes docentes tiveram o intuito analisar, também, como o aluno aprende os assuntos trabalhados, como é o envolvimento da família na rotina da escola e como os professores atribuem sentido a temática da EA nas redes de conhecimento produzidas no espaço escolar. Esses dados foram registrados por meio de tabelas e comentados posteriormente. Os resultados revelaram diferentes percepções sobre as concepções de problemas ambientais, principalmente no que se diz respeito à preservação do meio ambiente de maneira geral e preservação da cidade em que vivem. Os sujeitos da pesquisa revelaram que práticas pedagógicas conservadoras ainda tem sido assegurada nas rotinas da escola. Como produto final foi elaborado uma plataforma como sala de aula virtual com a temática ambiental, tendo como foco a educação infantil, utilizando o Google Classroom. Nesta plataforma pretendeu-se criar pastas com sugestões de atividades, vídeos, últimas notícias sobre as questões ambientais, pesquisas, publicações e um espaço onde os docentes poderão enviar imagens e/ou textos a fim de compartilhar seu trabalho.

Palavras-chave: Educação ambiental. Educação infantil. Práticas pedagógicas. Formação de professores.

ABSTRACT

DIAMANTINO, Cíntia Andrezza dos Santos. **THE AMBIENTAL EDUCATION IN CHILD EDUCATION - PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE CEIM ARE PEDRO**, 2019. 110f. Dissertation (Professional Master in Social Management, Education and Regional Development). Faculty of Cricaré Valley, São Mateus, ES, 2019.

This research was based on the concepts of Environmental Education (EA) in Early Childhood Education, seeking to analyze how EA is inserted in the pedagogical practices of the teachers of the Center for Early Childhood Education Municipal São Pedro, located in the municipality of São Mateus (ES). The methodology has a qualitative approach of exploratory and descriptive nature, seeking original information regarding the reality of this school space, for which it was used observations of the daily routine and semi-structured interview, totaling fifteen questions. Six female teachers were interviewed, ranging in age from three to six years. The purpose of applying these questions was to assess the level of knowledge of the teachers about the importance of environmental education in children's education, also assessing the existence or not of sensitivity, concern about the environment and its lack of conservation and what visions these teachers about environmental problems and responsibilities, as well as causes, consequences, difficulties and desires. The daily observations of the routine and pedagogical practices of these teachers had the intention of analyzing also how the student learns the subjects worked and how is the family involvement in the routine of the school and how the teachers attribute meaning to the thematic of the EA in the networks of knowledge produced in space school time. These data were recorded through tables and commented on later. The results revealed different perceptions about the conceptions of environmental problems, especially regarding the preservation of the environment in general and preservation of the city in which they live. The research subjects revealed that the pedagogical conservationist tendency has been assured in the educational practice of the school. As a final product, a platform was developed as virtual classroom with the environmental theme, focusing on children's education, using Google Classroom. This platform aims to create folders with suggestions for activities, videos, latest news on environmental issues, research and publications and a space where teachers can send images and / or texts in order to share their work.

Keywords: Environmental education. Child education. Pedagogical practices. Teacher training.

TABELAS

Tabela 1	Resposta à pergunta número 1 da entrevista.....	66
Tabela 2	Resposta à pergunta número 2 da entrevista.....	67
Tabela 3	Resposta à pergunta número 3 da entrevista.....	69
Tabela 4	Resposta à pergunta número 4 da entrevista.....	70
Tabela 5	Resposta à pergunta número 5 da entrevista.....	71
Tabela 6	Resposta à pergunta número 6 da entrevista.....	72
Tabela 7	Resposta à pergunta número 7 da entrevista.....	74
Tabela 8	Resposta à pergunta número 8 da entrevista.....	75
Tabela 9	Resposta à pergunta número 9 da entrevista.....	76
Tabela 10	Resposta à pergunta número 10 da entrevista.....	78
Tabela 11	Resposta à pergunta número 11 da entrevista.....	80
Tabela 12	Resposta à pergunta número 12 da entrevista.....	81
Tabela 13	Resposta à pergunta número 13 da entrevista.....	82
Tabela 14	Resposta à pergunta número 14 da entrevista.....	83
Tabela 15	Resposta à pergunta número 15 da entrevista.....	84
Tabela 16	Quadro-resumo das tendências de EA retirado da pesquisa de Matha Tristão: Educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas.....	85

LISTA DE SIGLAS

CEIM	Centro Municipal de Educação Infantil
CGEA	Coordenação-Geral de Educação Ambiental
CIEAs	Comissões Interinstitucionais Estaduais de Educação Ambiental
CNE	Conselho Nacional de Educação
Coea/MEC	Coordenação-Geral de Educação Ambiental
Conama	Conselho Nacional de Meio Ambiente
DEA	Diretoria de Educação Ambiental
EA	Educação Ambiental
ECO	Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
EI	Educação Infantil
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
FVC	Faculdade Vale do Cricaré
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MMA	Ministério do Meio Ambiente
OG-PNEA	Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental
ONGs	Organizações não governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional de Meio Ambiente
Pnuma	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPA	Plano Plurianual
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
RCNEI	Referencial Nacional Para a Educação Infantil
Secad	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEMA	Secretaria Especial do Meio Ambiente
Sisnama	Ambiental no âmbito do Sistema Nacional de Meio Ambiente
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UNCHE	United Nations Conference on the Human Environment
UNESCO	Organização das Nações Unidas Para Educação, Ciência e Cultura
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS	19
1.1.1 Objetivo geral	19
1.1.2 Objetivos específicos	19
1.2 O CEIM E O CORPO DOCENTE E DISCENTE	20
1.2.1 Contexto e Lócus da Pesquisa	20
2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	22
2.1 UM DIÁLOGO COM AS PESQUISAS	29
2.2 O CONTEXTO DAS POLÍTICAS DA EA	34
2.2.1 O contexto da EA no Brasil e sua institucionalização	34
2.3 O CONTEXTO DAS CORRENTES E TENDÊNCIAS DA EA NO BRASIL	38
2.4 A CULTURA DA SUSTENTABILIDADE E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	45
2.5 EA E A FORMAÇÃO HUMANA – EMANCIPATÓRIA E TRANSFORMADORA	51
3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL – UM DIÁLOGO POSSÍVEL	55
3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS CAMPOS DA EA E DA EI	58
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	64
4.1 DELINEAMENTOS DO ESTUDO	64
4.2 AMBIENTE DA PESQUISADA	65
4.3 PROCEDIMENTOS E ETAPA PARA COLETA DE DADOS	66
4.3.1 Entrevistas: Respostas e discussão	66
4.3.2 Observações	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
6 PRODUTO FINAL	92
CRONOGRAMA	95
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	103
ANEXOS	106

APRESENTAÇÃO

Partindo do desejo de aprender, vivenciar e tornar-me participante na história de alguns pequenos, ingressei na Faculdade Vale do Cricaré - (FVC) no curso de pedagogia em 2012. Buscava trilhar um caminho que sempre admirei: da educação, tentando deixar marcas significativas no trajeto percorrido por mim. Os anseios e a força de vontade só aumentavam ao longo do curso, principalmente nos momentos de estágio.

Na graduação vivenciei diversas questões referentes à educação, tais como: o processo de ensino e aprendizagem, formação de professores, métodos de ensino, condições físicas dos espaços escolares, entre outras, que perpassavam as leituras, os estudos, as experiências e as práticas da vivência dos colegas de curso; observando a dicotomia entre a teoria e a prática encontrada nas escolas.

Já no primeiro ano de faculdade comecei a trabalhar em um Centro de Educação Infantil particular, onde atuava como secretária, em menos de um ano já estava atuando em sala de aula, ali começou minha paixão pela educação infantil e me invade até hoje.

No ano de 2015, tive a oportunidade de me inscrever em um concurso público da prefeitura que oportunizou minha efetivação como pedagoga da rede municipal de São Mateus - ES.

Desde os estágios e as vivências em sala pude perceber e fazer alguns questionamentos sobre as minhas práticas e as dos colegas à minha volta com relação à educação ambiental. Sempre pensando em: Como fazer a diferença na vida escolar de meus alunos? Como ensinar de forma significativa e reflexiva? Quais os melhores caminhos para chegar aos meus objetivos de ensino e aprendizagem? Como mudar a realidade daquela comunidade à qual estava inserida?

Dois anos após a graduação, ingressei no curso de mestrado, ao qual sempre tive o desejo de estudar, com fim de aprender sempre mais, assim tornei-me mestranda em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Uma grande influência na definição da pesquisa aconteceu recentemente durante as aulas relacionadas ao meio ambiente e sustentabilidade. Em meio a uma imensidão de novos conhecimentos, deparei-me com uma nova possibilidade de realizar uma pesquisa que me permitiria conviver e me envolver com os

participantes. Percebi que há uma sintonia entre essa forma de pesquisar e os princípios de participação, corporeidade e sensibilidade inerentes à Educação Ambiental.

Uma das minhas inquietações a respeito da temática Educação Ambiental é o fato de que, apesar das informações veiculadas em mídias, muitos estudos e debates na área, percebo que, acredito que inconscientemente, muitos professores ainda utilizam uma metodologia tradicional, descontextualizada da vida dos estudantes, desconexão entre a cultura e a natureza, conhecimentos fragmentados e sem sentido para a vida dos alunos. Quando o que deveria ser valorizado pelos educadores é a criticidade, cultura e conscientização dos educandos.

Mas, para tal é preciso uma mudança de atitudes que vai muito além das quatro paredes da sala de aula, mudança esta que envolva toda a escola, como nos afirma Ferraro (2013, p.31)

Com relação ao espaço da escola, é preciso que professores e professoras se fortaleçam como aprendizes da sustentabilidade. E isto transcende de longe a réplica de livros e teorias. Leva a pensar em escolas sustentáveis desde sua estrutura até o sistema escolar, envolvendo todos os atores sociais dentro da escola e em seu entorno, o que inclui a socialização de ideias, de material didático contextualizado e de convivência sociocultural, função relevante do ambiente escolar, que não se restringe aos muros da escola.

Podemos notar que apesar de perceberem a necessidade de abordar o tema na Educação Infantil, muitos professores notam a Educação Ambiental por um viés pragmático e conservador, tendo como foco o desenvolvimento de posturas que julgam adequadas nas crianças, ou seja, não percebem a complexidade do tema, pois o consideram apenas como o ensino de conservação da natureza e não como um tema que lida com uma relação política, econômica e social entre homem e natureza, podendo guiar certas decisões e opções no que se refere ao lidar da sociedade com os recursos naturais.

Assim, hoje, o meu maior questionamento é: Como os professores podem despertar a criticidade e a sensibilidade nos alunos da educação infantil, de modo a levá-los ao desenvolvimento da cultura da sustentabilidade, pensando no mal que fazemos ao nosso planeta com essa cultura de consumismo desenfreado e como podemos incentivá-los a ter o desejo de mudar de atitude e disseminar essa consciência para toda a sociedade, como afirma Kligerman (2000 p. 101), apud Layargues (2002, p.20)

deve-se educar a sociedade, pois, teoricamente, ela orienta a demanda. No entanto, é necessário avançar esse raciocínio e questionar o educador e o que se ensina; do contrário, a prática educativa poderá ser alvo da manipulação ideológica, a exemplo do que é possível verificar quando a própria autora afirma que "temos que ajudar a natureza e a nós mesmos, separando o lixo em nossa casa, fazendo a coleta seletiva".

Assim, segundo Zaneti (1997, p. 15)

para reduzir o impacto no meio ambiente, tanto na acumulação do lixo, como no esgotamento das fontes de recursos naturais, começam os processos de reciclagem. Mas de nada adiantam campanhas para reciclar e programas de Coleta Seletiva de Lixo, se não fizermos um trabalho de internalização de novos hábitos e de atitudes para que, num futuro próximo, não haja mais lixo excessivo e a sua causa, o consumo desmedido, tenha sido controlada. Assim, a reciclagem vai reduzir, em parte, a crise, mas não vai eliminá-la.

Contudo, para chegar ao aluno é preciso primeiramente chegar ao professor, levá-lo a entender, refletir, buscar e colocar em prática a educação ambiental com criticidade, reflexão e consciência. Para isso, existem alguns caminhos que podem ajudar a chegar a tais objetivos, claro que, com interesse do professor. Eis que surgem algumas possibilidades como uma formação continuada, ou material de estudo, ou cartilha com sugestões de atividades, ou projetos com a finalidade de nortear o trabalho do professor de forma a convidá-lo a uma reflexão crítica a respeito da Educação Ambiental. Mais interessante seria conseguir unir todas essas opções em um só lugar e de forma bem acessível.

Assim, como proposta de produto final, surgiu-me a idéia de criar uma plataforma como uma sala de aula virtual com diversas sugestões de atividades, material para reflexão, vídeos e algumas metodologias abordando o tema ambiental de forma lúdica, crítica e consciente, tendo como foco a educação infantil. Através da plataforma o professor terá acesso a informações atualizadas, poderá compartilhar e discutir com outros colegas e utilizar as muitas ferramentas que possuem na plataforma, em qualquer hora e lugar com acesso até pelo próprio celular. Sugiro a utilização da plataforma Google Classroom, que atualmente é a mais completa no assunto educação.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo contínuo e dinâmico, realizado durante o decorrer da vida do indivíduo, exigindo competências que permitam movimentar informações para confrontar uma determinada situação, lançando mão de diferentes recursos, de forma inovadora e responsável.

Durante a Educação Infantil, as crianças desenvolvem a capacidade de agir, observar e explorar tudo o que encontram ao seu redor, tornando-se participantes ativas frente às situações socioambientais cotidianas.

É importante destacar que iniciar na Educação Infantil a Educação Ambiental significa começar a refletir desde a base da educação sobre os problemas socioambientais a partir daqueles do nosso próprio cotidiano. Segundo Tristão (2002, p.173), “Trata-se de ampliar a função da escola, de simples transmissão de conhecimento para estabelecimento de uma comunicação crítica, criadora de um sistema imaginativo e transformador da cultura e do ser humano”.

A educação ambiental tem a função de mostrar e sensibilizar as pessoas de que somos parte do meio ambiente, buscando superar a visão antropocêntrica – onde o homem é visto como centro de tudo deixando de lado a importância da natureza, da qual somos parte integrante. Consiste numa ação educativa durável, em que a comunidade tenha consciência de suas decisões e da atual realidade do nosso planeta.

Essa prática amplia atitudes que atrela o educando com a comunidade, desenvolve valores e costumes que promovem transformação nos aspectos naturais e sociais para a conservação do meio ambiente, necessário à qualidade de vida e à sua sustentabilidade. Busca despertar a inquietação individual e coletiva, colaborando para o desenvolvimento de uma consciência crítica frente às questões ambientais com mudanças culturais e transformação social, ética e política.

Assim, o papel do professor é de vital importância, pois através dele, mudanças, práticas, estratégias e didáticas transdisciplinares são traçadas, promovendo um desenvolvimento integral e em equipe, criando métodos para o exercício prático da cidadania, sintetizando as dimensões do processo socioambiental.

Partindo de um processo permanente, a educação ambiental consiste em um planejamento constante, refletindo a prática cotidiana numa aprendizagem significativa que conduzirá a mudanças no comportamento dos educandos e na sociedade, estabelecendo correlação com o meio ambiente, aprendendo a pensar de forma crítica a importância de utilizarmos de forma adequada os recursos existentes na natureza.

O docente precisa estar aberto às mudanças compreendendo que a educação no mundo contemporâneo não pode permanecer no interior da escola, mas ao contrário, deve envolver a comunidade, atendendo às suas necessidades, assumindo a responsabilidade como cidadãos críticos, participativos e inseridos no contexto social.

Simultaneamente, é necessário agregar novos valores e atitudes, desempenhando o papel de cidadão em uma sociedade com inúmeros problemas socioambientais como: desmatamento, poluição atmosférica, destruição da camada de ozônio, urbanização não planejada, industrialização, aquecimento global, dentre outros que coagiram o mundo, forçando a sociedade a refletir sobre educação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Desenvolver a cultura da sustentabilidade representa utilizar os recursos escassos disponíveis, de forma que não comprometa o futuro das próximas gerações. Não é simples efetivar esse conceito, mas é possível, mesmo em atividades extrativistas de alto impacto ao meio ambiente, através de parâmetros de sustentabilidade.

Suprir as necessidades da sociedade com os recursos naturais, avaliando o prosseguimento da biodiversidade, mantendo e melhorando a qualidade de vida é um desafio constante na atualidade. Extrair e trabalhar os recursos naturais com garantia e possibilidade de recuperação das áreas exploradas é a melhor maneira de assegurar que a sustentabilidade seja uma prática utilizada com mais eficiência, especialmente pelos grandes grupos econômicos.

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento define Desenvolvimento sustentável como o “[...] desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (BRASIL, 1997b, p. 38).

Para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) o “desenvolvimento sustentável” significa “[...] melhorar a qualidade da vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas” (BRASIL, 1997b, p. 38). Isso quer dizer: usar os recursos renováveis de forma adequada.

Em 1991, o Pnuma com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e de ONGs propôs “[...] princípios, ações e estratégias para a construção de uma sociedade sustentável” (BRASIL, 1997b, p. 39). Na sequência, os nove princípios de sustentabilidade que o Pnuma identificou foram: respeitar e cuidar dos seres vivos; melhorar a qualidade da vida humana; conservar a vitalidade e a diversidade do planeta terra; modificar atitudes e práticas pessoais; permitir que as comunidades cuidem do seu próprio ambiente; gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação; constituir uma aliança global.

Portanto a preservação ambiental está intrinsecamente ligada à Educação ambiental. O uso contínuo e exagerado dos recursos naturais devido às várias atividades humanas faz com que a sociedade degrade o meio ambiente, sendo necessárias leis de proteção por parte de organizações da sociedade civil e do governo atuando de forma educacional, preventiva e efetiva, visando garantir uma sociedade sustentável. Além disso, a educação, em todas as suas formas, pode moldar o mundo de amanhã, instrumentalizando indivíduos e sociedades com as habilidades, perspectivas, conhecimento e valores para se viver e trabalhar de maneira sustentável a fim de desenvolver uma ética para a educação permanente, promovendo o respeito às necessidades humanas compatíveis com o uso sustentável dos recursos naturais e com as necessidades do planeta.

Face ao exposto, esta pesquisa busca analisar como se tem aplicado a educação ambiental na prática pedagógica dos professores do CEIM pesquisado, sua opinião e reflexão a respeito dos assuntos relacionados à EA. Analisa-se como vem sendo trabalhado esse tema para que as crianças se tornem conscientes pelos seus atos em relação ao meio em que vivem e como as crianças podem obter o conhecimento sobre questões que envolvem o meio ambiente. Também foi observada a participação da família na rotina da escola

A relevância dessa pesquisa reside na atual necessidade de estudos sobre como a educação ambiental é incluída dentro da proposta pedagógica na educação infantil, ou seja, de que forma esse tema tem sido abordado em sala de aula. Então

foi escolhido o Centro de Educação Infantil Municipal São Pedro para realizar uma pesquisa com o intuito de observar como a EA é trabalhada na educação infantil.

A organização desta dissertação se apresenta estruturada em seis capítulos, sendo que o primeiro é dedicado à introdução, justificativas, objetivos, sujeitos e ambiente da pesquisada. Este capítulo amplia a concepção de EA, destacando os pilares sobre os quais a EA deve estar assentada, apoiada em um viés participativo, dialógico, democrático, para que as mudanças nos valores e atitudes que configuram a cultura sejam alcançadas, a partir do exercício do pensamento crítico.

No segundo capítulo são apresentados como referenciais teóricos estudos de Tristão, Guimarães, Carvalho, Layrargues, além das normativas legais e dos tratados e orientações originadas nas conferências mundiais e nacionais, das quais destaco a Conferência Nacional Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente, iniciada em 2003. Além disso, apresento algumas dissertações publicadas nos últimos cinco anos com temas que dialogam com minha pesquisa. Problematizo o “consumo”, revelando o teor social e a postura política assumida no texto. Logo, os fundamentos se pautam nos conceitos de sustentabilidade, formação humana emancipatória e integral, que considero valorizar as relações homem/natureza e entre os humanos, trazendo um panorama da origem do conceito de sustentabilidade, problematizando o desenvolvimento sustentável e os discursos da sustentabilidade, bem como as suas implicações para a educação ambiental praticada nos ambientes formais. Nessa concepção educacional, a aprendizagem emerge dos conhecimentos e fenômenos presentes na realidade concreta da própria comunidade.

No terceiro capítulo, trago uma reflexão sobre a educação ambiental na educação infantil, a escola e seu papel, a criança enquanto membro participativo da sociedade, desafios e formação para professores.

No quarto capítulo, com base na discussão dos dados, apresento os resultados encontrados e assim, tentamos fornecer informações sobre como a educação ambiental vem sendo trabalhada na educação infantil, quais opiniões estes docentes possuem a respeito da temática e importância de inseri-la no seu dia a dia.

Logo após trago as considerações finais, as quais tratam um pouco sobre a importância do trabalho e também alguns pontos interessantes encontrados durante a pesquisa e em seus resultados.

E por fim, sugiro como produto final a criação de uma plataforma no Google Classroom com a finalidade de abranger toda temática ambiental, facilitando o trabalho dos professores. Tal instrumento pode auxiliar os docentes desde a formação continuada, abordando temas referentes à educação ambiental, até na aplicação de atividades para os alunos, possibilitando também a interação da família com o que foi trabalhado em sala de aula, bem como tarefas de casa, de modo a facilitar o trabalho pedagógico.

1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

1.1.1 Objetivo geral

Logo, meu objetivo geral, foi analisar como a educação ambiental é inserida nas práticas pedagógicas dos professores do CEIM São Pedro. Quais visões estes docentes possuem quanto aos problemas e responsabilidades ambientais, bem como causas, conseqüências, dificuldades e anseios.

1.1.2 Objetivos específicos

Pretende-se com o desenvolvimento da pesquisa:

- Investigar e observar as práticas e metodologias, conhecimentos e reflexões dos professores com relação à: o que é meio ambiente, o que são problemas ambientais, como é possível conservar o meio ambiente, quem são os responsáveis por problemas ambientais, formação de professores nesta área, EA e EI, educação ambiental e suas dificuldades, consciência ambiental e responsabilidade ambiental;
- Observar e discutir quais concepções de EA os professores assumem nas suas práticas educativas e como o aluno absorve os assuntos trabalhados e como é o envolvimento da família na rotina da escola;
- Propor a criação de uma plataforma como sala de aula virtual com o tema ambiental, tendo como foco a educação infantil. Utilizar o Google Classroom, ou outro similar, onde serão criadas pastas com sugestões de atividades, vídeos, últimas notícias sobre as questões ambientais, pesquisas e publicações e um

espaço onde os internautas poderão enviar imagens e/ou textos a fim de compartilhar seu trabalho.

1.2 O CEIM E O CORPO DOCENTE E DISCENTE

Considerando essas questões e minha trajetória, pretendi dar continuidade em estudos na área da Educação Infantil, no entanto, direcionando meu olhar para a Educação Ambiental e como precisava escolher um CEIM num universo de 38 (até 2019), tendo em vista que meu objetivo era compreender mais profundamente como acontece a Educação Ambiental nesse espaço escolar, optei por escolher o que estivesse mais acessível a mim, por ser próximo à minha residência, decidindo então aplicar minha pesquisa no Centro de Educação Infantil Municipal São Pedro localizado na Avenida Copa Setenta nº 977, bairro São Pedro, São Mateus-ES CEP: 29942-420. É uma instituição de ensino público, vinculada ao sistema municipal de ensino.

1.2.1 Contexto e Lócus da Pesquisa

O CEIM atende a uma clientela bem diversificada, prevalecendo, no entanto, crianças de famílias de classe social média baixa, residentes em bairros próximos ao que está localizado à escola.

Funciona em dois turnos – matutino e vespertino – com atendimento a 173 alunos (ano letivo de 2018) moradores de bairros como, São Pedro, Vitória, Morada do Lago e Bom Sucesso I e II. Estes alunos, com idade de três a seis anos e ambos os sexos, estão distribuídos em salas de creche nível 3 e pré-escola nível 1 e 2.

O corpo docente é composto de 16 professores nos dois turnos, sendo 11 com formação em Licenciatura em pedagogia, 2 em Educação Física, 1 em Filosofia e 2 em Artes, mostrando-se capaz de realizar um trabalho de excelência. Conta ainda com uma diretora, uma Coordenadora Pedagógica e seis Auxiliares de Serviços Gerais.

Acredito que esta pesquisa possibilitará novas reflexões sobre a importância da Educação Ambiental na Educação Infantil, pois, mediante de um espaço propício à participação das crianças irão construir posturas críticas frente às questões sócio-

ambientais. O que vai ao encontro do que Reigota (1996, p.10) entende por Educação Ambiental:

Assim, a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza.

Esta pesquisa fará diálogo com as professoras deste CEIM a fim de levantar questões sobre a educação ambiental em sua prática, investigar como acontece e suas opiniões a respeito do assunto. Além de observar como a EA é inserida na rotina das crianças, bem como a participação das famílias e comunidade em geral.

Assim, a proposta do presente trabalho, é fazer um levantamento através de entrevista e observações com os seguintes questionamentos: Qual concepção de EA os professores assumem nas suas práticas educativas? Como estas práticas estão articuladas no/com o currículo escolar da educação Infantil? Como os professores atribuem sentido a temática da EA nas redes de conhecimento produzidas no espaço tempo escolar? Como é a participação da família no cotidiano da escola?

2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A política Nacional de educação ambiental, lei nº 9795/99 define Educação Ambiental como “Processos por meios dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à vida sadia, qualidade de vida e sua sustentabilidade.” Dentro disto cabe ainda à educação ambiental, pluralidade de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. A Educação Ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente com racionalização dos discursos e usos de seus recursos da melhor forma possível para práticas conciliadas com a sustentabilidade.

Nesta perspectiva percebo que há vasta literatura sobre o assunto, com autores que possuem grande relevância para a comunidade acadêmica como: Tristão, Guimarães, Carvalho, Layrargues, dentre outros. Também reponho-me a algumas pesquisas publicadas no site da Capes e, assim, fundamento meu estudo.

A questão socioambiental diz respeito à interação do sujeito com o meio onde ele vive. O que este sujeito faz para preservar e manter o lugar onde ele vive? Até que ponto as ações de um sujeito prejudica o outro? Com isto, volta-se a discussão do individualismo e o antropocentrismo, o homem é o centro de tudo e é para ele que existem os recursos da natureza. Devemos entender que o meio social e o homem influenciam diretamente nos maus tratos ao ambiente. A natureza tem sido vista como a fonte de sobrevivência do ser humano, tudo existe em função dele, para ele. Quando se fala em meio ambiente, logo se pensa na natureza, nos animais e plantas, mas o meio em questão é o ambiente onde todos estão inseridos e é isto que em sala de aula precisamos incentivar o aluno a entender que somos parte do meio, por isto a importância de preservá-lo. O capitalismo contribui de forma significativa para a degradação ambiental, a modificação da natureza pelo homem foi em grande parte motivada pelo consumismo.

Neste sentido Rempel (2010, p. 44) afirma que:

Os impactos ambientais relacionados à devastação dos ecossistemas naturais provocados pela interferência inconsequente do homem, movido por interesses estritamente econômicos, revela o lado negativo do processo de colonização face aos conflitos sociais e aos altos custos ecológicos que produz. São inquestionáveis os benefícios da agricultura para o

desenvolvimento econômico do país, a geração de renda e emprego e da melhoria da qualidade de vida, no entanto da forma como vem sendo praticada, sem o devido respeito à natureza torna-se incompatível com o princípio da sustentabilidade ambiental e social.

A autora traz uma reflexão acerca das modificações que o homem faz no planeta, tudo que o move é a vontade de ter sempre mais, não se importando com as consequências de seus atos.

Há diferença entre os termos consumo e consumismo. O ato de consumir é uma necessidade, afinal precisamos nos alimentar, nos vestir, nos locomover, nos abrigar, nos comunicar. Consumismo, segundo o dicionário Aurélio online (2018), “é o ato de consumir muito, em geral sem necessidade”.

Ao longo dos séculos, a necessidade de consumir para sobreviver cedeu lugar a novas e complexas necessidades de cunho social e emocional para responder ao desejo do indivíduo de mostrar-se aos outros e chancelar seu pertencimento a um grupo ou classe social. O consumo envolve o indivíduo de tal forma que alimenta e estimula a dinâmica da sociedade capitalista contemporânea cuja prosperidade depende intrinsecamente do ato de consumir e de sua necessidade de pertencimento social. O consumo deixou de ser uma ocupação dos seres humanos e passou a ser um atributo da sociedade na forma de um consumismo que associa a felicidade a um volume e a uma intensidade de desejos sempre crescentes (BAUMAN, 2007, p. 42).

Esse comportamento consumista molda nossos modos de vida (vestimenta, alimentação, casas, carros, etc.) porque somos julgados, muitas vezes, por nossas posses, pelo que temos e não pelo que somos.

Nas palavras de Penna (1999, p. 216), apud Gomes (2006, p. 25):

Os efeitos da degradação ambiental não podem ser tratados sem que se combatam suas causas.

O capitalismo moderno deu à luz o consumismo, o qual criou raízes profundas entre as pessoas.

O consumismo tornou-se a principal válvula de escape, o último reduto de auto-estima em uma sociedade que está perdendo rapidamente a noção de família, de convivência social, e em cujo seio a violência, o isolamento e o desespero dão sinais de crescimento.

Para Santos (1998, p. 34)

...numa sociedade tornada competitiva pelos valores que erigiu como dogmas, o consumo é verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os shopping centers e os supermercados, aliás, construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que sua exclusão atribui às pessoas a condição de

alienados. Daí a sua força e o seu papel perversamente motor na sociedade atual.

Sobre essas questões Gadotti (2000, p. 31) afirma:

potencial destrutivo gerado pelo desenvolvimento capitalista o colocou numa posição negativa com relação à natureza. Essa situação não é consequência de desastres naturais ou mero acaso, é fruto de um modelo de desenvolvimento social e econômico que visa apenas ao lucro imediato de uma minoria.

Já Tozoni-Reis (2004, p. 55) afirma que existem vários fatores que contribuem para o agravamento da crise ambiental:

A desigualdade social é ainda a sua mais perversa face. A luta de classes permanece na história, embora recolocada a partir de diferentes formas de opressão e exclusão, como as que se referem à raça, à ética, à religião, ao sexo, bem como o fenômeno das frações de classes que se observa na sociedade atual. Esse estágio de desenvolvimento do capitalismo agrava ainda mais a crise ambiental.

O fato de que no capitalismo a ideia é de que, “quanto mais consumir mais felicidade a pessoa terá”, faz com que realmente os indivíduos consumam de forma exagerada, causando assim mais poluição e mais lixo acumulado, podendo ainda trazer riscos à saúde.

Assim, percebemos que capitalismo está muito presente no processo de degradação da natureza, uma das tarefas da escola é formar cidadãos críticos que não aceitem a repressão e tenham ideias próprias, e sensibilizem-se sobre o quanto o planeta precisa de pessoas que não o destrói, porém a escola não é a única responsável por este processo, é preciso que haja uma participação ativa da família.

Nesse sentido, as creches e escolas têm um papel fundamental no ensino/aprendizagem da educação ambiental. Desde os primeiros anos escolares é apresentada à criança os direitos e deveres de todo cidadão, mas o que muitas vezes é deixado de lado é como fazê-las cumprir. E sem dúvida, a preservação do meio ambiente é um dever de cada um, pois preservá-lo é preservar o futuro, e quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação. Por isso, a educação para uma vida sustentável deve começar já na educação infantil, o educador deve relacionar o conteúdo à realidade para que haja sentido entre o que está sendo passado ao aluno e assim, ser colocado em prática.

Com isso podemos verificar a importância do professor ao aplicar a proposta pedagógica contextualizada com o mundo em que a criança vive, fazendo com que

este presente e assimile às práticas ao seu dia-a-dia. Uma nova busca para que haja conscientização universal de fato deve existir, mas essa conscientização deve haver de forma que se estruturam novas maneiras de interagir com o mundo e o mais cedo possível, desde o primeiro ciclo escolar de uma criança, na educação infantil.

Quando o educador se detém do conhecimento para aprofundar com seus alunos o contexto e a relação do meio ambiente, ele, então viabiliza que o educando realmente se integre e conheça de fato e assiduamente o que é o meio ambiente, sua amplitude, e significância. Em relação a essa experiência de vida e contextualização Gadotti (2000, p. 88) nos afirma:

E educação ambiental vai muito além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica em atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico.

Sabemos que de fato o ser humano está conscientizado sobre meio ambiente e sustentabilidade, quando o ser humano é capaz de estabelecer relações com o mundo de forma sadia e coerente, quando suas atitudes não são contrárias a sua fala, quando no dia a dia o ser humano fala sobre a importância do meio ambiente e a importância da sustentabilidade e ao mesmo tempo suas relações com o meio ambiente em que está inserido não está desconexa com o que acredita. Desta forma é que enquanto educadores devemos incessantemente buscar, que as crianças saiam das escolas e instituições carregadas de valores, conhecimento sobre a educação ambiental e sua complexidade, mas também que suas relações sejam totalmente coerentes com seus conhecimentos, pois a teoria só se é válida quando está alinhada à prática e a coerência de suas relações refletindo em um ser humano bem instruído, bem elaborado e bem construído.

A EA deve ser entendida como um conceito amplo, que traga críticas em relação ao ambiente que todos vivem, assim como Guimarães (2004, p. 40) defende:

A maior parte dos professores está sensibilizada contra a degradação da natureza, e se mobiliza, com empenho sincero, para enfrentar essa questão, mas as práticas resultantes geralmente são pouco eficazes para

mudar, de forma significativa, a realidade mais imediata com a qual estão lidando e, reciprocamente, com uma realidade mais ampla.

A discussão que o autor traz é de que as pessoas em geral têm como conceito de EA a preservação da natureza. Não que isto seja menos importante, mas os professores em geral poderiam trazer discussões como observar a rua em que a criança mora, a limpeza, a poluição do ar feita pelos automóveis, a limpeza da escola e até mesmo o desperdício de alimentos na hora do lanche.

Penteado (1997, p. 53) afirma que:

Uma coisa é ler sobre o meu meio ambiente e ficar informado sobre ele, outra é observar diretamente o meu meio ambiente, entrar em contato direto com os diferentes grupos sociais que o compõem, observar como as relações sociais permeiam o meio ambiente e o exploram, coletar junto às pessoas informações sobre as relações que mantêm com o meio ambiente em que vivem, enfim, apreender como a sociedade lida com ele. Agir assim é experimentar comportamentos sociais em relação ao meu meio ambiente que permitem constatar suas características e as reações dele à nossa atuação. Sabemos que “aprende-se a participar, participando”.

O importante antes de observar o que está longe é perceber o que está perto, como está o ambiente em que se vive, a poluição, o lixo jogado nas ruas, o desperdício, tudo está ligado à EA. O que falta é orientação por partes das políticas públicas sobre como reverter estes problemas que estão causando crises ambientais em todos os lugares, assim como efetiva fiscalização e punição para os culpados pelos crimes ambientais.

Diversos modelos de educação ambiental conhecidos como convencionais buscam educar ambientalmente para a mudança de conhecimentos, valores, hábitos, comportamentos, atitudes etc. (CARTEA, 2006, p.82).

Porém segundo tal autor esses modelos acabam não assumindo a natureza estrutural da crise ambiental, ou seja, não entendem a problemática ambiental como um desajuste do funcionamento das sociedades contemporâneas e acabam confinados pelos limites que impõem a mesma lógica do sistema no qual estão inseridos.

Como exemplo, em relação ao destino de resíduos, tema recorrente nas práticas educativo-ambientais, se estimula continuamente a Política dos 3R's (reduzir, reutilizar e reciclar) sem necessariamente discutirem a fundo a questão do consumismo, da obsolescência programada e da criação de demandas artificiais no capitalismo.

A EA é uma prática pedagógica que pode ser desenvolvida em todas as escolas, principalmente na educação infantil, motivando a criança a ter o respeito e o cuidado com o outro. E cabe a escola e aos professores formar cidadãos críticos que percebam e queiram mudar a realidade em que vivem. Para que isso ocorra é necessário partir da realidade da criança, do lugar onde ela vive, assim como Medina e Santos (2000, p. 25) apontam:

Não se trata tão-somente de ensinar sobre a natureza, mas de educar “para” e “com” a natureza; para compreender e agir corretamente ante os grandes problemas relações do homem, trata-se de ensinar sobre o papel do ser humano na biosfera para a compreensão das complexas relações entre a sociedade e a natureza e dos processos históricos que condicionam os modelos de desenvolvimento adotados pelos diferentes grupos sociais.

Ensinar os alunos sobre o ambiente é mais abrangente do que árvores frutíferas ou flores perfumadas e coloridas, a criança deve entender que sua escola, sua casa, seu bairro, enfim o lugar onde está inserida faz parte do ambiente. A partir do esclarecimento do que é ambiente e da compreensão a respeito das necessidades de melhorias, é que o professor conseguirá fazer- com que seus alunos entendam a importância de se preservá-lo.

Ao abordar a ação educativo-ambiental para crianças de 0 a 6 anos, e tendo em vista os conceitos dos autores citados, é um desafio pensar em projetos permanentes e emancipatórios, que considerem a importância de compreender a percepção e a sensibilização das crianças em relação ao meio ambiente, visto que a compreensão de mundo dessas crianças ainda está em processo inicial de formação e os professores demonstram despreparo teórico e metodológico em relação ao tema.

Os docentes se sensibilizam pelas problemáticas ambientais que as circundam ou que identificam, entretanto não possuem, em sua maioria, consciência histórica destas problemáticas e ferramentas ideológicas para uma ação mais profunda e efetiva. Percebe-se, nesses discursos, certa “ingenuidade” e uma fragilidade no pensamento, que está distante dos modelos contra-hegemônicos mais revolucionários, como afirma Loureiro (2004, p. 94):

A educação ambiental emancipatória e transformadora parte da compreensão de que o quadro de crise em que vivemos não permite soluções compatibilistas entre ambientalismo e capitalismo ou alternativas moralistas que descolam o comportamental do histórico-cultural e do modo como a sociedade está estruturada.

O que se percebe ainda é a ausência de um modelo didático explícito que guie a intervenção das professoras e que tenha como objetivo dar coerência à prática e estimular uma reflexão crítica e profunda sobre a racionalidade dominante. Percebe-se, de fato, a ausência de uma práxis inovadora, dialógica e cotidiana que aponte a esses professores novos rumos transformadores da sociedade. É nítido o abismo que continua a existir entre as especulações dos pesquisadores teóricos e das atuações práticas dos professores, em especial no que se refere à problemática ambiental.

De forma mais ampla, um aspecto que fica bastante explícito é a necessidade da criação de programas de pesquisa vinculados à intervenção, como acontece nos programas de extensão das universidades, no qual é feito um exercício de percepção de que se o que se estuda na academia tem articulação com o contexto da realidade ou não.

Além disso, se percebe também, a necessidade de um maior investimento na formação de educadores ambientais através da inclusão da educação ambiental como uma área de formação em todos os cursos de graduação e cursos profissionalizantes. E, em conjunto com este trabalho, promover a integração e a troca de experiência dos que já atuam nesta área com o objetivo de reduzir as disputas que existem entre as diversas formações destes profissionais e estimular o intercâmbio de ideias entre estes setores e, assim, tentar superar as visões parciais dentro da educação ambiental. Assim, se confirma no plano de ação da Coordenação de Educação ambiental do MEC, de 1996, ainda prevê que se é importante para as instituições de ensino, não somente a abordagem destes conteúdos, mas como a capacitação de docentes para que essas ações sejam consistentes e sistemáticas e ainda ressalta que essa medida deve acontecer em todo o país garantindo incorporação em todas as modalidades de ensino.

Em suma, é importante destacar que esta pesquisa se insere em um contexto atual e pujante, no qual a temática ambiental se constitui como objeto de interesse e necessidade social. Nesse sentido, a inserção da educação ambiental nos múltiplos espaços de vida e especialmente nos cenários educativo-formais, em que os professores desenvolve sua ação profissional, aponta uma alternativa frente às evidências latentes de uma crise ambiental.

Portanto, tratar sobre o consumismo, a consciência, a mudança de hábitos, a cultura, a história etc, de forma reflexiva e emancipatória na educação infantil, que é o início da educação básica, são de extrema importância e urgência.

2.1 UM DIÁLOGO COM AS PESQUISAS

A Educação Ambiental, fenômeno social localizado na intersecção entre Sociedade, Educação e Natureza, iniciou sua trajetória de constituição há cerca de trinta anos. Adquiriu forte dinâmica e visibilidade nos anos 90, durante a Rio 92, no IV Fórum de Educação Ambiental, em Guarapari (ES) e I Conferência Nacional de EA (Brasília), ambos em 1997.

A Educação Ambiental, como temática de pesquisa, oferece um leque de possibilidades muito grande visto ser um eixo de discussão que perpassa as demais áreas do conhecimento, constituindo-se em objeto de estudo nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* no país. As primeiras pesquisas, no Brasil, surgiram ainda na década de 70, tendo continuidade na década de 80, mas o desenvolvimento maior foi na década de 90 com a implantação de programas de mestrado e doutorado.

Um levantamento realizado na 25ª Reunião Anual da ANPED mostrou a existência de: um Programa de Mestrado, específico, em Educação Ambiental, três programas de Doutorado em Educação que possuem linhas de pesquisa em Educação Ambiental, dezessete Programas de Mestrado em Educação que possuem núcleo/grupos de pesquisa em Educação Ambiental e três programas de doutorado e, ainda, mais sete outros programas de mestrado em outras áreas, que não da educação, os quais possuem núcleos e ou grupos de pesquisa.

Um levantamento posterior realizado pela REASul mostram que estes números são bem maiores. Quase todos os programas de pós-graduação na área de biológicas, ciências naturais e geociências, promovem algumas atividades relacionadas à Educação Ambiental, sob a forma de disciplinas, seminários, palestras, pesquisas ou mesmo atividades extracurriculares.

Nesse mesmo levantamento foi constatada a atuação de, pelo menos, 63 pesquisadores doutores, organizados em 15 grupos de pesquisa/laboratórios/núcleos e em 17 linhas de pesquisa em EA, nos diversos programas de pós-

graduação *stricto sensu*. Foram também identificadas, pelo menos, nove redes virtuais organizadas por ONGs, órgãos públicos e privados que podem dar suporte à pesquisa em EA. Além disso, há, presentemente, três periódicos nacionais que vêm fazendo publicações na área de Educação Ambiental, quais sejam: Ambiente e Educação (FURG)¹⁰; Contra Pontos (UNIVALI) 11 - Revista de Educação Pública (UFMT). 12.

Deve-se ressaltar que esses dados são parciais, uma vez que nem todos responderam ao diagnóstico feito pela internet, mas mostra o potencial da pesquisa em EA.

Dentre tantas pesquisas podemos citar algumas publicadas nos últimos cinco anos com temas que dialogam com esta pesquisa, dentre elas estão: “Educação ambiental na educação infantil: Sentidos produzidos no cotidiano” de Andressa Lemos Fernandes (2017); “A importância da educação ambiental na proposta pedagógica da educação infantil: Um estudo na Creche Palmeiras em Sinop”, de Bruna Silva de Sousa e Edison Antônio de Souza, (2014); “Reciclar, recriar, transformar e reinventar na educação infantil” de Tatiane Marchesan e Dirce Maria Teixeira Paz, (2015); “A educação ambiental na educação infantil: Limites e possibilidades” de Daniele Saheb e Daniela Gureski Rodrigues, (2016); “Uma proposta de educação ambiental crítica na educação infantil” de Adriana Regina de Oliveira Couto e Alessandra Aparecida Viveiro, (2017); “Desafios emergentes na ação educativo-ambiental: Uma experiência em centros de educação infantil de Curitiba – PR” de Marília Andrade Torales Campos e Andrea Macedônio de Carvalho, (2015).

Ambas as pesquisas tem em comum a afirmação de que o consumismo desenfreado, o egoísmo, a ganância e a falta de consciência, tem sido a razão por tamanha crise ambiental que o planeta tem vivido. É de comum acordo por parte destes e de tantos outros autores, que a educação ambiental precisa de ser vista com uma maior importância por parte das pessoas e que o fato de começar a mudança de atitudes com pensamento crítico desde a infância, na educação infantil, irá possibilitar a mudança dessa cultura atual da população, onde o consumismo dita as regras. Assim pode-se confirmar nos autores citados acima, a começar por Sousa, (2014, p. 68)

O consumismo intenso valoriza a acumulação material, a competição exagerada, o individualismo, o egoísmo, e vende uma ilusão alarmante de

crença na viabilidade desse modelo, que jamais poderia ser alcançado pelo conjunto da população planetária ou até mesmo pela grande maioria das nações existentes. Não há como se pretender que, dentro dessa estrutura, todas as nações atinjam a um mesmo nível de desenvolvimento e o mesmo padrão de consumo dos atuais países desenvolvidos, sem que isso não resultasse em grandes consequências ambientais. Nesse sentido, as creches e escolas têm um papel fundamental no ensino aprendizagem da educação ambiental.

Assim, desde os primeiros anos escolares é apresentada à criança os direitos e deveres de todo cidadão, mas o que muitas vezes é deixado de lado é como fazê-las cumprir. E sem dúvida, a preservação do meio ambiente é um dever de cada um, pois preservá-lo é preservar o futuro, e quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação. Por isso, a educação para uma vida sustentável deve começar já na creche o educador deve relacionar o conteúdo à realidade para que haja sentido entre o que está sendo passado ao aluno, para poder ser colocado em prática.

A questão ambiental vem sendo considerada como cada vez mais urgente e importante para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso pelo homem dos recursos naturais disponíveis. Essa consciência já chegou à escola e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, por educadores de todo o País. Por estas razões, vê-se a importância de se incluir a temática do Meio Ambiente como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda prática educacional.

Marchesan, (2015, p.2) traz como reflexão, a importância de um trabalho significativo de educação ambiental desde a educação infantil, que é a base, o começo da educação quando afirma que,

Nos tempos atuais é imprescindível que a educação de forma interdisciplinar aborde o meio ambiente para que as crianças conheçam e valorizem as leis da natureza, e acima de tudo aprendam a cuidar dos nossos recursos naturais promovendo o desenvolvimento sustentável. Precisamos plantar a semente da conscientização também para os pequenos, para que as crianças de hoje percebam-se parte do ambiente, zelando-o e sejam os conscientes adultos de amanhã. Ainda sobre a autora, portanto é necessário investir numa mudança de mentalidade, conscientizando os grupos humanos para a necessidade de se adotarem novos pontos de vista e novas posturas diante da questão ambiental, sendo esse trabalho deve se perpetuar na escola, iniciando pela primeira etapa da Educação Básica que é a Educação Infantil.

Portanto, é unânime entre pesquisadores, professores e sociedade em geral a importância da educação ambiental na rotina dos pequenos. Outro ponto em comum

a esses pesquisadores é o papel do professor e sua prática pedagógica para uma EA crítica e emancipatória.

Assim, Saheb, (2016, p.91) em sua pesquisa, constatou que,

Após criteriosa análise das concepções dos educadores sobre EA, identificou-se a necessidade da superação do senso comum quanto ao tema, elemento preocupante visto que o profissional atrela sua prática à teoria adquirida em suas vivências acadêmicas ou cotidianas. Quando indagados sobre as fontes de suas informações utilizadas como base para o planejamento das atividades de EA, os professores da rede pública e da privada se restringem aos cadernos pedagógicos do município, práticas dos colegas e materiais encontrados na internet.

Nesse sentido, cabe à escola uma parcela de contribuição nessas novas buscas. Deve-se trabalhar na perspectiva da superação da visão ingênua e reducionista das novas gerações, assumindo a EA como um instrumento que pode e deve ser utilizado como estratégia para o embasamento de discussões acerca de problemas concretos. Com base nas afirmações anteriores, compreende-se que para que seja vivenciada a dimensão escolar da EA torna-se fundamental romper com os comportamentos pré-estabelecidos e estereotipados, o que deve necessariamente acontecer no processo de formação inicial e continuada de professores, como um caminho necessário para que a dimensão ambiental amplie e solidifique seu espaço nas discussões e práticas na Educação Infantil.

Sousa, (2014, p.69) justifica que.

Como na educação infantil as crianças são pequenas, muitas vezes pode haver dificuldades para se trabalhar o contexto meio ambiente, mas devemos perceber que isso é trabalhado até mesmo quando fazemos inclusões de materiais, seguido de recreações e ludicidade. Esse pode ser um primeiro passo considerável na primeira infância, abrangência de conteúdos relacionados à educação ambiental já que o conhecimento é uma construção, processo, elaboração contínua e que esse primeiro momento para a criança, pode ser de importante papel para a construção desse conhecimento. O próprio contato com meio ambiente, local arborizado, com plantas, árvores frutíferas, diferentes no espaço em que a criança está, já contribui para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, assim como inerente a essas práticas a criança mesmo já inclusa neste cenário propicia a criança sentir, perceber, através da visualização, olfato e seus sentidos para compreender o que é meio ambiente.

Pensar em atividades que contemplem a Educação Ambiental crítica com crianças da Educação Infantil se constitui numa tarefa complexa porque não basta trabalhar os conceitos, temos, pois, que pensar em estratégias e recursos adequados, nas diferentes linguagens que dialogam com as crianças no sentido de

exploração sensorial, problematização a partir de vivências cotidianas, brincadeiras, interações e resolução de problemas.

Couto, (2017) em sua pesquisa intitulada de “Uma proposta de educação ambiental crítica na educação infantil”, nos explica que,

Nesta pesquisa foi possível perceber que os discursos das professoras e educadoras são fortemente ambientalistas e tradicionais, nas quais a educação ambiental está mais centrada na descrição da natureza e dos problemas ambientais do que em suas causas e na capacitação para a ação. Esta realidade denota a existência de um modelo educativo-ambiental com enfoque na mudança de hábitos e rotinas sem necessariamente questionar o modelo social dominante e suas implicações. Enfoque este decorrente de um pensamento simplificador e cartesiano, produto de uma ciência positivista fortemente enraizada em nossa sociedade e principalmente em nossas escolas. (p.127)

Assim, torna-se fundamental romper com os comportamentos pré-estabelecidos e estereotipados, o que deve necessariamente acontecer no processo de formação inicial e continuada de professores, como um caminho necessário para que a dimensão ambiental amplie e solidifique seu espaço nas discussões e práticas na Educação Infantil.

Cabe a este profissional a busca pelos conceitos e informações sobre questões socioambientais. Os docentes necessitam entrar em contato direto com os diferentes grupos sociais, observar relações que se interpõem ao meio ambiente e explorá-lo, junto com as crianças, coletar informações sobre as relações entre o meio ambiente e a sociedade, buscando coordenar situações de ensino, onde provoquem os alunos a buscar e se apropriar do conhecimento, levando o mesmo para ser aplicado não somente na escola, mas para a vida. Esses profissionais precisam trabalhar com atitudes, com a formação em valores pautados na ética, na cooperação e no respeito, ou seja, a ideia de ambiente relacionada à dimensão cultural e social. Portanto a EA deve ser desenvolvida por meio da interdisciplinaridade.

Ainda sobre formação Fernandes, (2017, p.111) justifica que:

Aqui, no Espírito Santo, alguns cursos de Educação Ambiental, no contexto da formação continuada, são oferecidos pelas Secretarias Municipais e Estaduais de Educação e/ou Meio Ambiente, porém essas iniciativas esbarram em algumas questões, como a falta de um processo que garanta esse continuum e a dificuldade pela indisponibilidade de horários dos/as professores/as. Isso ocorre porque esses profissionais têm que cumprir 200 dias letivos na escola e as Secretarias de Educação não os liberam de suas funções em seu horário de trabalho. Assim, oferecem cursos no horário

oposto, esquecendo-se de que a grande maioria trabalha em outras escolas, ou, então, esses cursos são oferecidos no sábado, dia em que os/as professores/as têm para se dedicar às suas famílias e ao lazer. (p.67)

Ainda com a autora,

sobre programas de Mestrado e Doutorado no Brasil, específico em Educação Ambiental, só tenho informação do ofertado pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Em algumas universidades, o que ocorre é a Educação Ambiental ser incluída em linhas de pesquisa de programas de Mestrado e Doutorado, especialmente em Educação, como é o caso desta pesquisa, que faz parte da linha de pesquisa em Educação Ambiental do Mestrado em Educação da UFES. (p.70)

Portanto, as pesquisas dialogam com os mesmos principais assuntos quanto ao contexto da educação ambiental contemporânea, quanto à necessidade de mudança no comportamento e cultura das pessoas para que tenham um pensamento crítico e atitudes que venham a diminuir o consumismo de bens desnecessários, quanto à importância dessa conscientização desde a educação infantil. Também trazem a responsabilidade do professor em trabalhar o tema de forma crítica e emancipatória para melhor compreensão dos alunos quanto a seus direitos e deveres e por fim trazem a problemática das formações continuadas, tão necessárias quanto pouco valorizadas. Os professores conhecem a necessidade de atualizar-se e como é importante continuar estudando, mas para que os docentes sintam-se motivados é preciso que haja valorização e investimentos na educação de forma geral, tanto na questão das formações quanto na valorização dos profissionais, afinal está nas mãos dos professores o caminho escolar de seus alunos.

2.2 O CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EA

2.2.1 O contexto da EA no Brasil e sua institucionalização

A Educação Ambiental surge no Brasil muito antes da sua institucionalização no governo federal. No início dos anos 70 ocorreu a emergência de um ambientalismo que se une às lutas pelas liberdades democráticas, manifestada através da ação isolada de professores, estudantes e escolas, por meio de pequenas ações de organizações da sociedade civil, de prefeituras e governos estaduais, com atividades educacionais voltadas a ações para recuperação,

conservação e melhoria do meio ambiente. Neste período também surgem os primeiros cursos de especialização em Educação Ambiental.

O processo de institucionalização da Educação Ambiental no governo federal brasileiro teve início em 1973 com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), vinculada à Presidência da República. Outro passo na institucionalização da Educação Ambiental foi dado em 1981, com a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) que estabeleceu, no âmbito legislativo, a necessidade de inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, incluindo a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente. Reforçando essa tendência, a Constituição Federal, em 1988, estabeleceu, no inciso VI do artigo 225, a necessidade de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Em 1991, a Comissão Interministerial para a preparação da Rio 92 considerou a Educação Ambiental como um dos instrumentos da política ambiental brasileira. Foram, então, criadas duas instâncias no Poder Executivo, destinadas a lidar exclusivamente com esse aspecto: o Grupo de Trabalho de Educação Ambiental do MEC, que em 1993 se transformou na Coordenação-Geral de Educação Ambiental (Coea/MEC), e a Divisão de Educação Ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), cujas competências institucionais foram definidas no sentido de representar um marco para a institucionalização da política de Educação Ambiental no âmbito do Sistema Nacional de Meio Ambiente (Sisnama).

No ano seguinte, foi criado o Ministério do Meio Ambiente (MMA). Além disso, o IBAMA instituiu os Núcleos de Educação Ambiental em todas as suas superintendências estaduais, visando operacionalizar as ações educativas no processo de gestão ambiental na esfera estadual.

Durante a Rio 92, com a participação do MEC, também foi produzida a Carta Brasileira para Educação Ambiental, que, entre outras coisas, reconheceu ser a Educação Ambiental um dos instrumentos mais importantes para viabilizar a sustentabilidade como estratégia de sobrevivência do planeta e, conseqüentemente, de melhoria da qualidade de vida humana. A Carta admitia ainda que a lentidão da produção de conhecimentos, a falta de comprometimento real do Poder Público no

cumprimento e complementação da legislação em relação às políticas específicas de Educação Ambiental, em todos os níveis de ensino, consolidavam um modelo educacional que não respondia às reais necessidades do país.

Em dezembro de 1994, em função da Constituição Federal de 1988 e dos compromissos internacionais assumidos durante a Rio 92, foi criado, pela Presidência da República, o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), compartilhado pelo então Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal e pelo Ministério da Educação e do Desporto, com as parcerias do Ministério da Cultura e do Ministério da Ciência e Tecnologia. O PRONEA foi executado pela Coordenação de Educação Ambiental do MEC e pelos setores correspondentes do MMA/Ibama, responsáveis pelas ações voltadas respectivamente ao sistema de ensino e à gestão ambiental, embora também tenha envolvido em sua execução outras entidades públicas e privadas do país.

Em 1995, foi criada a Câmara Técnica Temporária de Educação Ambiental no Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Os princípios orientadores para o trabalho dessa Câmara eram a participação, a descentralização, o reconhecimento da pluralidade e diversidade cultural e a interdisciplinaridade.

Em 1996, foi criado, no âmbito do MMA, o Grupo de Trabalho de Educação Ambiental, sendo firmado um protocolo de intenções com o MEC, visando à cooperação técnica e institucional em Educação Ambiental, configurando-se num canal formal para o desenvolvimento de ações conjuntas.

Após dois anos de debates, em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. Os PCNs se constituem em um subsídio para apoiar a escola na elaboração do seu projeto educativo, inserindo procedimentos, atitudes e valores no convívio escolar, bem como a necessidade de tratar de alguns temas sociais urgentes, de abrangência nacional, denominados como temas transversais: meio ambiente, ética, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, com possibilidade de as escolas e/ou comunidades elegerem outros de importância relevante para sua realidade.

Em 1999, foi aprovada a Lei nº 9.795, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), com a criação da Coordenação-Geral de Educação Ambiental (CGEA) no MEC e da Diretoria de Educação Ambiental (DEA) no MMA.

Em 2000, a Educação Ambiental integra, pela segunda vez, o Plano Plurianual (2000-2003), agora na dimensão de um Programa, identificado como 0052 – Educação Ambiental, e institucionalmente vinculado ao Ministério do Meio Ambiente.

Em 2002, a Lei nº 9.795/99 foi regulamentada pelo Decreto nº 4.281, que define, entre outras coisas, a composição e as competências do Órgão Gestor da PNEA lançando, assim, as bases para a sua execução. Este foi um passo decisivo para a realização das ações em Educação Ambiental no governo federal, tendo como primeira tarefa a assinatura de um Termo de Cooperação Técnica para a realização conjunta da Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (projeto que será relatado neste documento).

Nesse mesmo ano (2002), data bem próxima da Rio+10, o governo federal lançou oficialmente a Agenda 21 Brasileira. Cumpria, assim, expectativa criada pela Agenda 21 global, programa de ação subscrito pelos 179 países participantes da Rio 92, dos quais o Brasil foi primeiro signatário. No texto internacional constava o compromisso dos países de formularem documentos similares, contemplando as especificidades, para chegar aos mesmos objetivos.

Em 21 de julho de 2003, um ano e um mês após a regulamentação da Lei da Política Nacional de EA, os ministérios do Meio Ambiente e da Educação, respectivamente representados pelos ministros Marina Silva e Cristovam Buarque, participaram da esperada cerimônia de instalação do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (OG-PNEA). Como previsto na legislação, ele seria composto só pelos dois ministérios. Mas teria enorme responsabilidade: desde definir diretrizes de EA em âmbito nacional, até a supervisão de planos, programas e projetos, além da participação na negociação de financiamentos nesta área.

Merece destaque o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) que, em 2004, teve a sua terceira versão submetida a um processo de Consulta Pública, realizada em parceria com as Comissões Interinstitucionais Estaduais de Educação Ambiental (CIEAs) e as Redes de Educação Ambiental, envolvendo cerca de 800 educadores ambientais de 22 unidades federativas do país.

Em 2004, a mudança ministerial, a conseqüente criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e a transferência da CGEA para esta secretaria, permitiu um maior enraizamento da EA no MEC e junto

às redes estaduais e municipais de ensino, passando a atuar de forma integrada a áreas de Diversidade, Educação Escolar Indígena e Educação no Campo, conferindo assim maior visibilidade à Educação Ambiental e destacando sua vocação de transversalidade.

Em 2004, tem início um novo Plano Plurianual, o PPA 2004-2007. Em função das novas diretrizes e sintonizado com o ProNEA, o Programa 0052 é reformulado e passa a ser intitulado Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis.

Enquanto isso, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Unesco deslanchavam a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, que se estenderia de 2005 a 2014. Com o poder de disseminação que possuíam, planejavam enfatizar o papel da educação no enfrentamento da problemática socioambiental e a conquista da sustentabilidade. Expressando o apoio do governo federal, o Órgão Gestor da PNEA reconheceu a iniciativa como “potencializadora das políticas, programas e ações educacionais”, e preparou um diretório brasileiro com cerca de 80 documentos sobre a iniciativa, disponibilizado pela internet.

Sendo assim, é necessário que pesquisas sejam realizadas para compreender as formas de atuação existentes e para fomentar ações que contribuam para melhor qualidade da educação. A “Educação Ambiental apresenta-se como um campo novo e multidimensional ainda insuficientemente explorado em sua complexidade, diversidade, em sua(s) identidade(s) e alcance social” (LIMA, 2005, p. 11). Igualmente, por não haver estudos empíricos que possibilitem saber qual é a postura político-pedagógica da EA em todos os setores da sociedade, ao menos entre os pesquisadores da área “a ideia de que o conhecimento e a prática de EA devem incorporar as dimensões sociais e políticas da questão ambiental parece ser na atualidade, uma conclusão consensual” (p. 118). Mesmo assim, são observadas diversas posturas dentro dessa mesma compreensão, constituindo-se a EA no que pode ser denominado de vertentes, tendências, correntes ou ainda identidades diferenciadas.

2.3 O CONTEXTO DAS CORRENTES E TENDÊNCIAS DA EA NO BRASIL

A Educação Ambiental estuda as relações entre os meios e busca encontrar uma forma de equilíbrio entre estes fatores, objetivando a geração de qualidade de

vida para todos, procurando um modelo de desenvolvimento que seja realmente sustentável. É perceptível que, com o passar dos anos, práticas educativas voltadas a EA vem sendo desenvolvidas com maior frequência no ambiente escolar brasileiro. Assim afirma Sauv e, (2005, p.17)

Quando se aborda o campo da educa o ambiental, podemos nos dar conta de que, apesar de sua preocupa o comum com o meio ambiente e do reconhecimento do papel central da educa o para a melhoria da rela o com este último, os diferentes autores (pesquisadores, professores, pedagogos, animadores, associa es, organismos, etc.) adotam diferentes discursos sobre a EA e propoem diversas maneiras de conceber e de praticar a a o educativa neste campo. Cada uma predica sua própria visão

Segundo Sauv e   possível caracterizar a E.A em 15 correntes. Ao caracterizar estas correntes, o autor as agrupa em dois grandes blocos: as mais antigas (aquelas surgidas nos anos 70 e 80) e as mais modernas (que surgiram de preocupa es recentes)

Fazem parte das mais antigas as seguintes correntes: naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sist mica, científica, humanista, e moral/ tica. Entre as correntes mais recentes, a autora situou: holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, eco educa o e sustentabilidade.

Cada uma delas tem sua concep o de meio ambiente própria, tra am seus objetivos para a Educa o Ambiental e tem seus enfoques privilegiados, apesar disto ao analisarmos tais abordagens percebemos que estas correntes não são excludentes entre si, mas sim complementares.

Ainda sobre Sauv e, (2005, p.17)

(...) uma mesma proposi o pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual   analisada. Finalmente, embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes, não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham características comuns.

A este estudo interessam, particularmente, as correntes: naturalista, conservacionista/recursista, da sustentabilidade e crítica, descritas a seguir.

A corrente naturalista está centrada na rela o com a natureza, com rela o ao enfoque educativo que pode ser cognitivo (aprender com coisas da natureza) ou experiencial (viver na natureza e aprender com ela). Para podermos resolver os problemas ambientais, devemos compreender como "funciona" a natureza; devemos

aprender a entrar em contato com ela, por intermédio dos nossos sentidos e de outros meios sensíveis. Devemos, inclusive, explorar nossa relação com a natureza e compreender que somos parte dela.

Já a corrente conservacionista/recursista está centrada na “conservação” dos recursos, no que diz respeito tanto à qualidade quanto à quantidade. Quando se fala de “conservação da natureza”, como a biodiversidade, trata-se, sobretudo, de uma natureza-recurso.

A corrente da sustentabilidade tem como foco central a utilização racional dos recursos no momento atual, para que estes existam suficientemente para todos, podendo-se assegurar o atendimento às necessidades do amanhã. A educação ambiental torna-se uma ferramenta, dentre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável, pois o desenvolvimento econômico, considerado como base do desenvolvimento humano, é indissociável da conservação dos recursos naturais. A corrente da sustentabilidade penetrou pouco a pouco o movimento da educação ambiental e se impôs como uma perspectiva dominante.

A corrente crítica inspira-se no campo da “teoria crítica”, que foi inicialmente desenvolvida em ciências sociais e integrou o campo da educação, para finalmente encontrar-se com o da educação ambiental nos anos de 1980. Essa corrente está centrada na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais.

Assim, pode-se observar que cada corrente de educação ambiental se distingue por características particulares, mas podem se observar zonas de convergências entre elas. Neste mesmo sentido, a análise de proposições específicas (programas, modelos, atividades, etc.) ou de relatos de intervenção nos leva a constatar que integram características de duas ou três correntes de educação ambiental. Muitos educadores consideram que o fundamento da relação com o meio ambiente é de ordem ética, pois, nesse nível, deve-se intervir de maneira prioritária. É necessário saber analisar os valores dos protagonistas de uma situação, antes de qualquer ação.

Sobre o professor, Tristão (2007) em seu trabalho intitulado: “A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas”, traz questionamentos em suas pesquisas realizadas sobre formação em Educação Ambiental e que são complementares àquelas desenvolvidas nos Grupos de

Trabalhos sobre Formação em Educação Ambiental e sobre Educação Ambiental na formação de professores/as, ocorridos durante o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental (3 a 6/11/2004) e o V Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental (5 a 8/04/2006) respectivamente.

Em seu texto Tristão (2007, p.2) afirma:

Acredito, como alguns autores, que não estamos vivendo momentos nem de ruptura nem de continuidade cronológica com o paradigma moderno ou pós-moderno. Estamos no movimento entre conflitos e contradições, entre um pensamento e outro, já que vivemos em ambas as ruptura e continuidade. Alguns autores consideram que essa era já emerge como pós-moderna e é marcada pela imprevisibilidade, pela rapidez, pela realidade virtual, pela cultura televisiva e por uma linguagem imagética.

Sobre a confluência entre as tendências da formação docente e as vertentes da Educação Ambiental na atual crise de paradigmas Carvalho, J. M. (2004) apud Tristão (2007 p.2) argumenta que

o paradigma dominante e emergente (moderno e pós-moderno) marca na atualidade as tendências da profissionalização do/a professor/a. Para a autora, o paradigma da modernidade é compreendido por três tendências, e o paradigma da pós-modernidade ou de tendências que fazem críticas ao paradigma da modernidade é compreendido por uma tendência, como um projeto ainda em gestação.

O professor como profissional competente, o professor como profissional reflexivo e o professor como profissional orgânico-crítico marcam a corrente em consonância com o pensamento moderno; o professor como profissional pós-crítico, com o pensamento pós-moderno. Essas quatro tendências serão analisadas e articuladas com as vertentes que marcam o pensamento e a busca de identidades para as práticas da Educação Ambiental, que hoje compreendemos situadas entre a tradicional, a crítica e a pós-crítica. A intenção não é delimitar fronteiras, classificar ou rotular as diversas práticas e tendências, mesmo porque não vamos encontrar nenhuma em seu estado puro, haja vista que ora uma tendência se apresenta na outra, ora todas se apresentam em uma única.

O professor como profissional competente afina-se com o tecnicismo (neopositivismo) e o neoliberalismo (competência como alternativa à qualificação, recursos humanos das grandes corporações capitalistas) e tem uma grande influência nos repertórios interpretativos das políticas neoliberais. Essa noção parece considerar as competências e habilidades desvinculadas das dimensões do lugar, de uma inserção no meio ambiente, de tempo e espaço. Poderíamos associá-

la a uma concepção pragmática e utilitarista da educação ambiental, deslocada do contexto histórico-social, com uma prática educativa despolitizada das questões ambientais e com a confiança de que a formação se constrói por acumulação (cursos, conhecimentos de técnicas) para um comportamento ecologicamente correto.

Sobre professor (a) como profissional reflexivo, a autora cita Carvalho, J. M. (2004)

de acordo com Carvalho, J. M. (2004) tem sua confluência com o vitalismo e o pragmatismo de John Dewey: devemos dar mais importância às conseqüências e efeitos da ação do que a seus princípios e pressupostos, o critério da verdade deve ser encontrado nos efeitos e conseqüências de uma idéia, em sua eficácia, em seu sucesso.

A grande referência dessa tendência encontra-se no pensamento de Donald Schön que, embora faça uma crítica à racionalidade técnica, não supera o pragmatismo de Dewey, ao reafirmar as competências profissionais e ao considerar a prática pedagógica como o único e principal lócus da formação. Concentra-se na reflexão-na-ação (simulação da prática do/a professor/a), ou seja, pensar o que fazem enquanto fazem, para interferir na ação em movimento e repensar as estratégias.

Essa tendência que considera a prática pedagógica fundamental para a formação do/a professor/a reflexivo/a e pesquisador/a não a articula com outros contextos formativos, como a formação inicial ou mesmo, o contexto político. Está afinada com a abordagem tradicional da educação ambiental apontada por Guimarães (2004), que foca a realização da ação educativa na terminalidade da ação, compreendendo ser essa terminalidade o conhecimento retido e, no caso da formação de professores/as, a supervalorização da prática em detrimento dos fundamentos norteadores da política e da ética. Essa lógica entende a sociedade e a escola como resultado da soma de elementos e de indivíduos e não como um sistema com sua dinâmica complexa em que a soma das partes não expressa as qualidades emergentes do todo.

Uma característica dessa tendência, denominada educação ambiental convencional, apontada por Loureiro (2004, p. 80), que marca as práticas da educação ambiental, são as vivências de sensibilização que, muitas vezes, têm uma ênfase grande na mudança de comportamento pessoal, com enfoque na dimensão

individual, negligenciando [...] a ação coletiva e à problematização e transformação da realidade de vida, despolitizando a práxis educativa.

Essa tendência tradicional ou convencional da educação ambiental e da formação privilegia o aspecto cognitivo e prático do processo educativo, acredita que o conhecimento reflexivo do/a professor/a isolado sobre sua prática pedagógica irá repercutir sobre sua ação educativa, na escola e na sociedade. Nesse caso, é mais considerada no processo de aprendizagem a racionalidade cognitiva e instrumental do que a emoção, o conhecimento é reduzido à reflexão, sem considerar a prática socioambiental, a unidimensionalidade, em detrimento da multidimensionalidade, a objetividade com ênfase no individualismo, em detrimento da formação da subjetividade, da ação coletiva e/ou da inserção política.

Por fim, o (a) professor (a) como profissional orgânico-crítico, em suas relações com o neomarxismo de Gramsci, relaciona-se com a teoria crítica que vem marcando a identidade da Educação Ambiental emancipatória defendida por vários autores (Carvalho, I, Loureiro, Guimarães, Layrargues entre outros). Segundo Carvalho, I. (2004) a teoria crítica é bastante diversa e baseia-se em vários teóricos, mas o que existe em comum é o princípio de fortalecer aqueles sem poder por meio da transformação socioambiental, minimizando as desigualdades e as injustiças sociais e ambientais. Essa tendência, denominada de educação ambiental crítica ou transformadora, transforma a pedagogia em uma prática política, com uma cooperação entre educadores/as e outros sujeitos culturais engajados na lutas sociais e ambientais, criando espaços críticos de aprendizagem dentro e fora da escola, buscando a união com movimentos sociais organizados.

Assim, as mudanças não ocorrerão de cima para baixo, mas com a participação dos/as professores/as que estão diretamente ligados/as à realidade. As propostas curriculares, as mudanças e transformações educativas dependem daqueles e daquelas envolvidos/as com seu cotidiano. O engajamento dos/as professores/as nos processos políticos de decisão intervém no seu fazer pedagógico e pode ser considerado como contexto valioso de formação, também como possibilidade de construção de novas formas de compreender e viver a relação saberes e fazeres, teoria e prática.

No Brasil, esses ideais foram constitutivos da educação popular, e o grande mentor foi o filósofo da educação Paulo Freire, com a idéia central de educar para

transformar e com sua teoria da educação como prática de liberdade. Os princípios e as práticas da educação popular tiveram grande influência na construção histórica da Educação Ambiental a partir dos anos 80, pois romperam com a tendência tradicional de uma concepção tecnicista da educação, difusora e repassadora de informação e de conhecimento. Freire, na difusão da pedagogia crítica, convida a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos, a educação imersa na vida, na história e nas questões urgentes de nosso tempo.

A Educação Ambiental crítica encontra aporte nessa tendência pelos seus pressupostos teóricos e metodológicos, trazendo a sua especificidade, como alerta Carvalho, I. (2004, p. 17), [...] da prática educativa ambientalmente orientada, de processos educativos que compreendam a interdependência entre sociedade-natureza e intervenham nos problemas e conflitos socioambientais. Essa práxis educativa em que a conscientização é compreendida como uma reflexão/ação supera os ideais de conscientização ecológica do ambientalismo dos anos 70, em que práticas educativas eram instrumentos de suas ações, com a idéia central de “conhecer para preservar”; propõe uma mudança de valores e de atitudes na formação dos sujeitos por meio do seu engajamento ativo. A militância aqui poderia ser considerada um contexto ativo de formação desses/as educadores/as, com uma leitura crítica, problematizada e contextualizada da realidade educativa e socioambiental estudada. Tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico é uma síntese expressiva dessa tendência. Cabe aqui a responsabilidade sobre o conteúdo do que ensinam, como ensinam e o que movimentam suas lutas, superando dicotomias entre a teoria e a prática, o pessoal e o coletivo, o local e o global.

Diríamos que, na educação de modo geral e nos pensadores e teóricos de currículo, encontramos no Brasil alguns adeptos dessa tendência da pedagogia da incerteza. Na tentativa de associar o currículo vivido com o cotidiano escolar, os fundamentos da metodologia de pesquisa do/no/com o cotidiano escolar passam a ser compreendidos como espaço de enredamentos. Tanto a vida como o conhecimento são relacionados com a metáfora da rede. Essa abordagem considera a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não linear, fazendo analogia com a metáfora da rede para

compreender a vida e o conhecimento, expressando o sentido de entrelaçamento e de interdependência. Assim, nos convida a refletir Sato (2001, p.31) quando afirma que,

Uma pesquisa em EA pode ter tradição, mas também pode revirar pelo avesso toda a estrutura íntima de seus planos, pois pode gerar possibilidades infinitas de versatilidade, dentro e fora de uma conjuntura analógica da vida. Senão vira modismo, explica-se como última fase da intelectualidade “fashion” e morre ali, como um herói de puro sangue bem sucedido. Torna-se estática em assuntos dinâmicos. É fundamental, portanto, que uma pesquisa em EA seja apaixonadamente subversiva. A liberdade não é a expressão antagônica de determinações sociais, mas a realização das opções que estas nos permitem realizar.

A formação em Educação Ambiental, então, passa a ser compreendida como uma rede de contextos que, desde a formação inicial, estendendo-se à vivência, à atuação profissional, à participação em cursos, grupos e eventos, que são compreendidos como espaços/tempos de formação que perpassarão por toda a trajetória do educador.

2.4 A CULTURA DA SUSTENTABILIDADE E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Entende-se por sustentabilidade: “O desenvolvimento sustentável como aquele que “satisfaz” as necessidades da atual geração sem, contudo, prejudicar as necessidades das gerações futuras”. Brundtland, (1987, p. 35).

Mundialmente a palavra sustentabilidade começou a ser propagada a partir da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – United Nations Conference on the Human Environment (UNCHE), em junho de 1972, em Estocolmo. A partir deste evento, que foi o primeiro encontro mundial promovido com o objetivo de discutir assuntos relacionados ao meio ambiente e soluções para a preservação da humanidade, o conceito de sustentabilidade passou a ganhar uma maior importância. No Brasil, a expressão “sustentabilidade”, ganhou dimensões maiores após a realização da Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO), em 1992, no Rio de Janeiro.

Segundo Montibeller Filho, Sustentabilidade:

Implica a noção de perenidade, algo que não se esgota, na concepção de que aquilo que atualmente existe possa garantir-se no futuro. Ela tem forte ligação com as questões ambientais, pois o esgotamento de fontes de recursos naturais, assim como a degradação do meio ambiente trazem

consequências de muito longo prazo, comprometendo a continuidade dos processos socioeconômicos (2006, p. 35).

Com base no Manual de Educação para o Consumo Sustentável, que é um manual que contribui para o fortalecimento da cidadania e para a construção de uma política pública para o consumo sustentável no Brasil, a felicidade e a qualidade de vida têm sido cada vez mais associadas e reduzidas às conquistas materiais. Isto acaba levando a um ciclo vicioso, em que o indivíduo trabalha para manter e ostentar um nível de consumo, reduzindo o tempo dedicado ao lazer e a outras atividades e relações sociais.

A sociedade de consumo produz carências e desejos (materiais e simbólicos) incessantemente. Os indivíduos passam a ser reconhecidos, avaliados e julgados por aquilo que consomem, aquilo que vestem ou calçam, pelo carro e pelo telefone celular que exibem em público. O próprio indivíduo passa a se auto-avaliar pelo que tem e pelo que consome. Mas é muito difícil estabelecer o limite entre consumo e consumismo, pois a definição de necessidades básicas e supérfluas está intimamente ligada às características culturais da sociedade e do grupo a que pertencemos. O que é básico para uns pode ser supérfluo para outros e vice-versa. (CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação, 2005, p.15)

A sustentabilidade surge como uma crítica à ordem econômica, como uma maneira do ser humano sobreviver e como apoio para que haja um crescimento permanente e duradouro do processo de produção.

Partir da percepção de que os atuais padrões de consumo estão nas raízes da crise ambiental, a crítica ao consumismo passou a ser vista como uma contribuição para a construção de uma sociedade mais sustentável. Mas como o consumo faz parte do relacionamento entre as pessoas e promove a sua integração nos grupos sociais, a mudança nos seus padrões torna-se muito difícil. Para Buarque (2008, p. 70) “[...] essa transição de um estilo insustentável para um sustentável deve enfrentar e redesenhar a rigidez e as restrições estruturais, que demandam tempo e iniciativas transformadoras da base da organização da sociedade e da economia”. Assim, ações devem ser postas em prática, de maneira tal que a mudança na forma de desenvolvimento seja mais bem usufruída por toda a sociedade.

A abundância dos bens de consumo, continuamente produzidos pelo sistema industrial, é considerada, frequentemente, um símbolo do sucesso das economias capitalistas modernas. No entanto, esta abundância passou a receber uma conotação negativa, sendo objeto de críticas que consideram o consumismo um dos principais problemas das sociedades industriais modernas. (CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação, 2005, p.15)

Com relação à prática do consumo e à forma de desenvolvimento adotada pelas nações, que indica a necessidade de mudança nas práticas de consumo, na busca por uma melhor qualidade de vida, pode-se afirmar que um dos objetivos para o alcance do desenvolvimento sustentável se dá por meio da mudança nos padrões de consumo, ao se perceber a necessidade de “[...] promover padrões de consumo e produção que reduzam as pressões ambientais e atendam às necessidades básicas da humanidade” (Agenda 21, 1992). Partindo desse princípio, torna-se possível a busca pelo consumo sustentável.

Segundo Baiôco (2016, p. 76)

Em virtude das discussões relacionadas à sustentabilidade, as empresas estão se movimentando para desenvolver ações socioambientais mais harmônicas com a realidade atual e futura, estimulando aquisições e a implantação de um desenvolvimento sustentável, interagindo com o ciclo de vida econômico e biológico, com táticas sustentáveis.

A sustentabilidade abrange vários aspectos, desde o social ao ambiental, como afirma BUAINAIN:

A noção de sustentabilidade incorpora uma clara dimensão social e implica atender também as necessidades dos mais pobres de hoje, outra dimensão ambiental abrangente, uma vez que busca garantir que a satisfação das necessidades de hoje não pode comprometer o meio ambiente e criar dificuldades para as gerações futuras. Nesse sentido, a ideia de desenvolvimento sustentável carrega um forte conteúdo ambiental e um apelo claro à preservação e à recuperação dos ecossistemas e dos recursos naturais (2006; p. 47).

Em seu ensaio sobre “O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação”, Lima (2003, p. 107) destaca que:

À medida que o debate da sustentabilidade vai se tornando mais complexo e é difundido socialmente, ele vai sendo apropriado por diferentes forças sociais que passam a lhe imprimir o significado que melhor expressa seus valores e interesses particulares.

Dessa forma, crescimento econômico e sustentabilidade estão integrados e, por conseguinte, envolvidos com as questões ambientais e sociais relacionadas aos seres humanos em um contexto globalizado, integrado aos processos tecnológicos que são melhorados a todo tempo.

A sustentabilidade representa grande progresso no gerenciamento ambiental e na industrialização, visando à sobrevivência dos seres humanos e a do próprio

planeta, considerando o presente e o futuro. Para isto existem algumas principais atitudes que podem ser tomadas para incentivar os ideais da sustentabilidade como:

- O emprego de fontes energéticas renováveis, atenuando a ofensiva ao ambiente. Essas fontes de energia renováveis, como: a energia solar, energia eólica e energia geotérmica representam uma grande chance de utilizarmos a tecnologia, permitindo um desenvolvimento com custos menores econômicos, social e ambientalmente, consentindo um desenvolvimento sustentável. Priorizando a utilização de tecnologias que usam essas fontes de energias renováveis;

- Evitar o desperdício de água;
- Manter preservadas áreas verdes, oceanos, nascentes, lagos, etc, salvas de atividades de exploração com fins econômicos;

- Racionalizar e controlar a exploração de recursos minerais (carvão mineral, petróleo, minérios, etc), criando estratégias que permitam o menor impacto possível para o meio ambiente;

- Priorizar a produção e consumo de alimentos orgânicos;
- Reciclagem e coleta seletiva do lixo;
- Priorizar o consumo de produtos biodegradáveis.
- A diminuição da poluição nos rios, terra e atmosfera;
- A manutenção da vida terrestre com qualidade e dignidade sem agredir ao meio ambiente;

- Evitar grandes catástrofes naturais provocadas pelos impactos ambientais.

Atualmente, a problemática ecológica como o esgotamento das reservas de petróleo, a escassez de água potável, a explosão demográfica de diversas nações do mundo e a busca para conquistar um elevado padrão de desenvolvimento econômico têm exigido muito do meio ambiente. Assim, são necessárias mudanças nas atitudes dos indivíduos e das empresas na busca por alternativas desses e de outros problemas ambientais e sociais que afligem a sociedade. Nessa conquista, a educação ambiental é fator determinante. Através da conscientização, agregando conhecimento e informações, valorizando as estratégias e decisões que beneficiam

a natureza, respeitando a sua preservação e conservação em detrimento de sua devastação, é possível construir uma nova sociedade.

A sustentabilidade tem a finalidade principal de edificar uma sociedade com boas condições de vida, considerando as diferentes espécies existentes no planeta, eliminando as desigualdades sociais e socioambientais. Dessa forma, precisamos aprender a aprender a complexidade ambiental, criando maneiras para agir no planeta de forma conscienciosa.

Assim, o desenvolvimento ambiental adere-se ao Desenvolvimento Sustentável, preocupando-se com o respeito às diversas formas de vida, à eficiência econômica e à justiça social. É preciso estar consciente das próprias ações, dos problemas socioambientais e, conseqüentemente, lutar mais para superá-los.

Para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), o “desenvolvimento sustentável” significa “[...] melhorar a qualidade da vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas” (BRASIL, 1997b, p. 38). Isso quer dizer: usar os recursos renováveis de forma adequada.

Em 1991, o Pnuma com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e de ONGs propôs “[...] princípios, ações e estratégias para a construção de uma sociedade sustentável” (BRASIL, 1997b, p. 39). Na sequência, os nove princípios de sustentabilidade que o Pnuma identificou: respeitar e cuidar dos seres vivos; melhorar a qualidade da vida humana; conservar a vitalidade e a diversidade do planeta terra; modificar atitudes e práticas pessoais; permitir que as comunidades cuidem do seu próprio ambiente; gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação; constituir uma aliança global.

De acordo com Leff,

[...] O desenvolvimento sustentável é um projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e descentralização territorial da produção, assim como para a diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta. Neste sentido, oferece novos princípios aos processos de democratização da sociedade que conduzem à participação direta das comunidades na apropriação e transformação de seus recursos ambientais (2005, p. 57).

Desenvolvimento Sustentável corresponde a um procedimento onde o desenvolvimento econômico, social e ambiental são instituídos às políticas comerciais, econômicas, industriais de forma integradas, utilizando os recursos naturais de forma a não comprometer seu esgotamento e onde se desenvolva uma sociedade mais justa e igualitária.

Para consolidar o Desenvolvimento Sustentável, é necessária uma educação ambiental prática, voltada à formação da personalidade, avivando a consciência ambiental, apreciando e valorizando os recursos naturais. Dentro desse contexto, há o comprometimento da prática de políticas públicas voltadas ao Desenvolvimento Sustentável com investimentos constantes e necessários na educação ambiental, despertando na sociedade a preocupação com a preservação do meio ambiente. Jorge (2015, p.58) nos convida a refletir que,

A falta de conhecimento do ser humano em relação à sustentabilidade e ao que isto implica, pode ter consequências catastróficas. Nos dias de hoje é preciso que cada indivíduo tenha a consciência de que é necessário se preocupar e cuidar do meio ambiente no qual se vive. E para isto, é preciso estar atento a cada atitude e repensar a forma como se vive dentro deste ambiente. A continuação e sobrevivência da raça humana está totalmente dependente da conservação dos recursos naturais de nossas matas, florestas, rios, lagos e oceanos.

O desenvolvimento sustentável é um processo de transformações onde o uso dos recursos naturais atenda às necessidades da sociedade atual e do futuro, em condição de harmonia, e não no padrão de ampliação adotado pela sociedade fundamentado no consumismo e no egocentrismo.

Neste sentido urge uma mudança de paradigma ao nível legislativo, doutrinal, jurisprudencial, cultural, político, econômico, social e individual, que sempre se consubstanciará numa tomada de consciência pessoal, local e governamental com a consequente adoção de exemplos úteis a seguir, de modo a reforçar o desenvolvimento sustentável.

Em suma, a sustentabilidade está definida como a capacidade que o indivíduo ou um grupo de pessoas tem em se manterem dentro de um ambiente sem causar impactos a esse ambiente. Mas apesar da sustentabilidade estar associada diretamente ao meio ambiente e a tudo o que envolve este, não está limitada somente a esta área. A sustentabilidade também está relacionada a outros setores da sociedade como a economia, a educação e a cultura. A sustentabilidade está diretamente ligada ao desenvolvimento de vários setores da sociedade, sem que estes agridam o meio ambiente. É através da sustentabilidade que os recursos naturais são utilizados de forma inteligente e são preservados para as gerações futuras. Sustentabilidade é isto, é saber suprir as necessidades presentes sem interferir nas gerações futuras.

Um conceito correto e amplo de sustentabilidade está associado a soluções, caminhos e planos que busquem resgatar adoções de práticas sustentáveis na vida de cada pessoa e atinjam uma melhora comum a todos. Contribuir com nossas vivências e experiências pessoais e repassar estas ao coletivo, é um fator decisivo para possibilitar a prática da sustentabilidade. A adoção de práticas sustentáveis resulta a médio e longo prazo numa nova perspectiva de vida para nossos sucessores e lhes garantirão a manutenção dos recursos naturais necessários para uma melhor qualidade de vida.

2.5 EA E A FORMAÇÃO HUMANA – EMANCIPATÓRIA E TRASFORMADORA

Os dias de hoje retratam uma sociedade que necessita de uma busca constante pela preservação e utilização consciente do meio ambiente e de seus recursos, bem como pelo desenvolvimento da afetividade nas relações interpessoais. Isto é, integramos uma sociedade que “necessita forjar personalidades autônomas e críticas, capazes de respeitar a opinião dos demais e de defender os seus direitos, ao mesmo tempo” (Busquets et al., 1997, p.38).

O mercado parece eufórico com a nova classe média, e as pesquisas mercadológicas mostram que a decisão sobre o que comprar está hoje nas mãos das mulheres e das crianças. Por isso, acredita-se que boa parte do sucesso das estratégias de educação para o consumo responsável deva estar dirigidas a estes segmentos.

As mulheres hoje estão em um momento histórico de afirmação nas sociedades ocidentais. Próximas da educação dos filhos, do provimento de alimentos nos lares, formadoras de opinião no ambiente doméstico e do trabalho, elas são hoje fundamentais quando se pensa em promover valores diferentes. Os valores implícitos e explícitos no decálogo da sustentabilidade passam por trazer este importante grupo da sociedade para este campo.

Com relação às crianças, é óbvio que o mimetismo e a independência, hoje reconhecida nos valores da infância e da adolescência, criam novos desafios para os gestores de políticas públicas. As crianças de hoje são os futuros cidadãos do Planeta. Mais do que perguntar que Planeta deixaremos para as nossas crianças, é preciso perguntar: “Que crianças deixaremos para o nosso Planeta?”. Ou seja, a

mobilização da sociedade do consumo hoje passa por rever as estratégias de diálogo com novos segmentos sociais, com a geração que está vindo e com as mães e pais dessa geração.

Mas o mais importante de tudo é convencer a sociedade e nos reeducarmos na ideia de que podemos desrobotizar o nosso “piloto automático” e fazermos escolhas mais inteligentes todos os dias. Consumir com responsabilidade, eis o convite das políticas públicas governamentais contidas na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e no Plano de Produção e Consumo Sustentáveis.

É importante destacar que o meio ambiente é assegurado aos cidadãos pela Constituição Federal, art. 225, a seguir: Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Brasil 1988, p.146) Ora, se compete à “coletividade o dever de defender e preservar o ambiente ecologicamente equilibrado”, é papel da escola promover espaço para a discussão e conscientização dos educadores e dos aprendizes.

No país, a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998), documento produzido com base na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Brasil, 1996), conforme Loureiro (2004) definiu os temas transversais em função da relevância social, urgência e universalidade da saúde, ética, pluralidade cultural, orientação sexual e meio ambiente.

A partir das discussões possibilitadas pelos PCNs torna-se evidente que a questão ambiental tratada nos processos educativos deve abarcar diversos campos do saber e, portanto, possuir caráter interdisciplinar, justamente porque diz respeito ao “modo como a sociedade se relaciona com a natureza” Gonçalves (2011, p.139), sendo preciso entender que as relações sociais são mediadas, simbolicamente, por meio de “normas, valores e objetivos histórico-culturalmente instituídos e instituintes”.

O autor defende ainda uma prática em educação ambiental emancipatória e transformadora comprometida e fundada nos mandamentos mais modernos em direito constitucional, no que tange matéria de ordem pública, quais sejam: o ambiente ser direito de todos, ter natureza jurídica de bem de uso comum e bem essencial à sadia qualidade de vida.

Enfatiza que cabe ao Poder Público capitanear o cumprimento do mandamento constitucional em promover a preservação do meio ambiente equilibrado, preservado para as gerações presentes e futuras. Layrargues, (2002, p.169): abre seu estudo sobre Educação Ambiental com uma citação onde deixa claro o comprometimento da educação como meio de transformação social: A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social." (Tratado de Educação Ambiental para Sociedades). Afirma, ainda, que é crítica na medida em que discutem as contradições do atual modelo civilizatório, relação sociedade-meio ambiente e relações sociais. Transformadora por acreditar na capacidade de se construir um novo futuro e, emancipatória, por trazer o conceito de liberdade como valor fundamental de existência. Neste sentido, teoria e prática são faces de uma mesma moeda, compondo elementos estruturantes de um mesmo processo de aprendizagem/ensino.

A transversalidade é o caminho, dentre todos os autores lidos. Não há como pensar educação, muito menos em educação ambiental, sem que seja transversal, multidisciplinar e libertadora. Não virá dos que promovem os danos ambientais a mudança. Não virão dos poluidores as soluções ambientais e, nem se há de esperar que deste grupo surjam propostas plausíveis de reforma educacional, pois, a educação conservadora é um dos pilares do sistema cruel que mantém o indivíduo/cidadão à margem do processo civilizatório.

Qual o interesse de se transmutar o conceito e definição de educação para uma educação ambiental? Tozoni-Reis (2006, p. 36) faz esta ponte entre EA e sustentabilidade, trazendo a total interação entre estas áreas. Afirma que para que haja eficácia neste processo de aprendizado e construção de cidadania, envolvendo uma nova concepção de educação para atingir uma consciência socioambiental de sustentabilidade, é imprescindível que seja permanente. Educar para consciência ambiental, principalmente se voltada à sustentabilidade é um processo de conscientização, de educação política e, incisivamente determina a autora, despida de neutralidade.

A autora vai além, quando afirma que da Educação clássica não poderá emergir uma Educação Ambiental eficaz. Terá que ser nova, com outras bases e comprometimento. Com isso, fica clara a imprescindibilidade em construir um novo

pensamento político resultante da participação dos sujeitos envolvidos de forma direta, o que exige responsabilidades individuais e coletivas. A sustentabilidade passou então a ser entendida como peça chave para a educação ambiental crítica, realmente transformadora e emancipatória.

3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Os impactos causados pelo avanço do capitalismo induzem à instabilidade econômica, ambiental e social, por um lado, e à perda da diversidade natural e cultural por outro. No mundo de hoje em que é preciso ter uma mentalidade sustentável, uma atividade – a econômica, não pode ser pensada ou praticada em separado, porque tudo está inter-relacionado, em permanente diálogo, ou seja, não se pode apenas pensar no lucro ou no benefício que a degradação daquele ambiente possa causar, é de extrema importância que este seja analisado antes de tudo, como citam as leis, da política nacional do meio ambiente.

Art 2º - A Política Nacional do Meio Ambiente tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana, atendidos os seguintes princípios.

Os desequilíbrios socioambientais são o resultado de um pensamento antigo feito e não abordado antigamente, mas por outros olhos podemos dizer que, muitos dos nossos rios e fluente que hoje não existem mais ou que estão em grande poluição devem-se pelo fato dos nossos antepassados não terem tido o devido cuidado e zelo, mas por outro lado podemos dizer que os mesmos também não tinham conhecimento sobre o que seria a sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

A discussão aqui apresentada se pauta por uma concepção de educação que cria condições para a transformação dos indivíduos em seres mais conscientes de suas ações, seres críticos e autônomos, para que, nas palavras de Santos e Jacobi (2011, p.265), se construa “uma sociedade mais justa e equilibrada ecologicamente”.

Entende-se que a educação Ambiental é um processo que deve ser estabelecido em longo prazo, pois para alcançá-la o sujeito necessita evoluir intelectualmente para refletir num contexto mais amplo, tal como seu papel de agente transformador de práticas em sua vida diária e profissional que impactam negativamente sobre o meio ambiente (ROOS, BECKER, 2012). Concorde-se que o Ensino Superior não é o melhor momento para a inserção de uma abordagem educacional em EA, e que a educação infantil certamente é o melhor caminho,

porém não se pode ignorar a importância de se começar este processo, seja em que fase da vida conhecermos EA.

Segundo Tonucci (2005, p.16), a criança é “uma pessoa titular de direitos, com uma maneira própria de pensar e de ver o mundo”, devendo a escola “propor as experiências sobre as quais será possível fundamentar seus saberes, seus conhecimentos e suas habilidades”. Nesse sentido, a Política Nacional de EI aponta que “atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio histórico, produtor de cultura e nela inserido” (BRASIL, 2006, p.8).

Convém ressaltar que, na Educação Infantil, as crianças estão em constante processo de desenvolvimento, e é nesta fase, que os educadores podem e devem intervir de maneira eficaz permitindo que as crianças passem a ser sujeitos mais reflexivos e críticos, com relação aos temas ambientais.

Entre outras conquistas, as crianças estão geneticamente capacitadas, na primeira infância, para aprender a caminhar e a falar. O domínio dessas habilidades permite que ela apreenda e transforme o universo físico e simbólico que a cerca. No entanto, o autor afirma que a infância é uma fase muito importante para o ser humano onde a criança traz muitas dúvidas, porém sua capacidade de assimilação e aprendizagem é muito grande para a compreensão do mundo e as transformações que ocorrerão ao longo da sua vida. Ainda de acordo com o autor, na infância está implícita a manipulação do mundo externo pela criança onde há separação entre o “conhecedor” e o “conhecido”.

O desenvolvimento na infância envolve o domínio gradual dos mundos físico e simbólico, por meio do uso disciplinado da inteligência racional, e, neste aspecto, a infância é a fase das descobertas, a escola assim, é um dos lugares que contribui para desvendar os “mistérios” da vida, sendo um deles a ligação do homem com a natureza e o porquê de sua preservação. Desta forma, qualquer proposta de EA deve levar em conta tais características do universo infantil.

Nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), há uma parte que se refere à Natureza e Sociedade, mas não existe uma concepção sobre o termo meio ambiente que seja explicitada pelo documento. Assim, quando esse trata da Natureza, como é referido o assunto, apenas se apresenta a necessidade do contato da criança com animais e plantas, em busca de estimular a

curiosidade e o respeito para que seja favorecida a preservação e a qualidade de vida das pessoas.

A observação pode então partir como um princípio para que a Educação Ambiental passe a ser mais especificamente trabalhada. Os RCNEI (BRASIL, 1997) sugerem, então, atividades de observação da paisagem local, de fotos para se perceber as mudanças ocorridas no espaço, além da valorização de atitudes de manutenção dos espaços coletivo e do meio ambiente. Para o desenvolvimento da Educação Ambiental deve-se ir muito além da observação do meio, pois como referido no documento da Conferência do Rio-92, questões políticas devem ser abordadas, mas considerando-se a faixa etária e o estágio de desenvolvimento das crianças que os RCNEI se referem, a observação do meio pode surgir como uma possibilidade das crianças conhecerem o meio em que estão inseridas.

Além de considerar a faixa etária, a EA na escola não pode ser compreendida como um conteúdo escolar, mas como uma área de conhecimento interdisciplinar que implica a tomada de consciência de uma série de fatores políticos, econômicos e científicos. Esta deve promover o desenvolvimento de uma postura sadia do homem com a natureza a partir do cotidiano de vida da escola e da sociedade.

O papel da escola é construir sujeitos com uma postura crítica com conteúdos relacionados à realidade para o desenvolvimento da conscientização, com suas preocupações mundiais e locais. Desta forma, pode-se notar que a Educação Ambiental acaba atendendo e retomando as finalidades de uma educação que se propõe desenvolver sujeitos críticos e esclarecidos de suas condições no mundo, pois esta analisa por meio do contexto em que os alunos estão situados as interações entre homem e natureza, podendo fazer com que este indivíduo volte o olhar para o seu meio com uma visão mais crítica e ao mesmo tempo buscando soluções para os problemas que surgem a partir da análise deste contexto.

Assim, é perceptível a necessidade de trabalhar de forma interdisciplinar o tema ambiental, pois devido a sua complexidade, seria impossível reduzi-la a apenas uma disciplina. É importante que o diálogo esteja presente nesta relação de ensino e aprendizagem, pois uma relação autoritária entre professor e aluno pode desenvolver uma percepção entre aluno e conhecimento que não o torne participante, postura esta, distante do ideal da Educação Ambiental, pois o indivíduo

deve se sentir parte do processo de mudança entre a relação entre homem e natureza, buscando soluções e transformações em seu meio.

Entende-se, portanto, que o tema ambiental é uma questão que deveria estar sempre presente no discurso educacional para que os alunos possam realmente pensar sobre assuntos presentes em sua realidade e refletir sobre as soluções dos problemas que interferem no bem estar de sua comunidade. Nota-se que os alunos precisam desde o princípio, estar em contato com conceitos que fazem parte da discussão ambiental para que possam compreender a complexidade de certos termos e desta forma entender a relação política das questões ambientais. E no caso da Educação Infantil, a melhor maneira de tratar tais conceitos é através da interação entre os sujeitos e seu meio, conforme afirma Forneiro (1998, p.234)

Os espaços, com seus qualificativos físicos, constituem locais de aprendizagem e desenvolvimento. O ambiente, por sua vez, corresponde ao conjunto do espaço físico e das relações que nele se estabelecem. Como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e, que ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. O ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietações, mas nunca nos deixa indiferentes.

Assim, com relação ao espaço da escola, é preciso que professores e professoras se fortaleçam como aprendizes da sustentabilidade. E isto transcende de longe a réplica de livros e teorias. Leva a pensar em escolas sustentáveis desde sua estrutura até o sistema escolar, envolvendo todos os atores sociais dentro da escola e em seu entorno, o que inclui a socialização de ideias, de espaços, de material didático contextualizado e de convivência sociocultural, função relevante do ambiente escolar, que não se restringe aos muros da escola, mas ao contrário, perpassa por todo e qualquer lugar por onde a criança interaja.

3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS CAMPOS DA EA E DA EI

Entende-se por Educação Ambiental o processo de aprendizagem, de prática e de ações educativas permanentes, pelas quais se pretende que os indivíduos e as comunidades adquiram a consciência de que são parte integrante do ambiente, além de conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os

tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros.

A educação ambiental no contexto da educação infantil deve buscar valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e as demais espécies que habitam o planeta, auxiliando as crianças a analisar criticamente o princípio que tem levado à destruição inconsequente dos recursos naturais e de várias espécies. Andrade (2000) diz que: “A natureza não é fonte inesgotável de recursos, suas reservas são finitas e devem ser utilizadas de maneira racional, evitando o desperdício e considerando a reciclagem como processo vital” (p 36). As demais espécies que existem no planeta merecem nosso respeito. Além disso, a manutenção da biodiversidade é fundamental para a nossa sobrevivência. É necessário planejar o uso de ocupações do solo nas áreas urbanas e rurais, considerando que é necessário ter condições dignas de moradia, trabalho, transporte e lazer, áreas destinadas à produção de alimentos e proteção de recursos naturais.

Portanto, a Educação Ambiental no contexto da Educação Infantil deve ter como princípio uma consciência global das questões relativas e interligadas ao meio ambiente para que possam assumir posições diferentes e afinadas com os valores referentes à proteção da natureza como proteção à vida.

Em um contexto anterior ao nosso, o professor era aquele que transmitia e ensinava um conhecimento, estando, por isso, em uma “posição privilegiada” em relação a seus alunos, o que estabelecia uma determinada hierarquia entre eles: o aluno era o aprendiz, ouvia, tudo aprendia, copiava; o professor era o mestre, falava, ensinava e tudo que sabia.

Inicialmente, as escolas surgiram para atender aos interesses da aristocracia. Só mais tarde, quando se impuseram politicamente, é que as camadas médias das sociedades conseguiram desfrutar dos benefícios da escola. Atualmente, em função da difusão do ideal democrático e das pressões sociais dos trabalhadores, as classes baixas passaram também a frequentar as escolas. A democratização da estrutura social, tornando menores as barreiras entre as classes sociais, contribuiu para a democratização dos sistemas escolares. (OLIVEIRA, 1993. p.34).

Já no contexto do século XXI, a concepção do que é professor, modificou-se profundamente: de detentor do saber e da experiência, de senhor da sala de aula e de manipulador da informação para o mediador do conhecimento, o facilitador da aprendizagem, aquele que lida com uma clientela diversificada e tem papel

importantíssimo, não só no que se refere ao conteúdo em si, mas, principalmente aos conhecimentos extra classe, que envolvem as relações humanas e sociais, valores éticos e comportamentais. A este respeito, Perrenoud (1999, p. 06) afirma que:

Ensinar é fazer parte de um sistema e trabalhar em diversos níveis. Durante muito tempo, a cultura individualista dos professores incitou-os a considerar que seu ambiente começava na porta de sua sala de aula. Todavia, a complexidade atual obriga a tratá-los como membros de um grupo com um papel coletivo e a questionar seus hábitos e suas competências no espaço da equipe, do estabelecimento de ensino e da coletividade local, bem como no espaço propriamente pedagógico e didático. A organização da escolaridade em ciclos de aprendizagem e a emergência de outros dispositivos que enfraquecem o esquema fechado da classe também sugerem que o espaço didático e pedagógico é mais vasto que o face a face entre um professor e seus alunos.

Acreditando que a democratização do ensino perpassa pela formação, pela atuação e reflexão, faz-se necessário ressaltar a importância do investimento no desenvolvimento profissional, que envolve a formação inicial e continuada, articulada a um processo de valorização e conhecimento da identidade do próprio professor, bem como das culturas que o compõe.

Assim, a questão da formação docente vem emergindo cada vez mais como uma das temáticas mais pesquisadas no âmbito da educação. A nova configuração para esta abordagem sugere concepções que a compreendam em sua complexidade, como uma construção social.

Não podemos afirmar que o desenvolvimento profissional do professor deve-se unicamente ao desenvolvimento pedagógico, ao conhecimento e compreensão de si mesmo, ao desenvolvimento cognitivo ou teórico. Ele é antes, decorrência de tudo isso, Imbernón aponta para ideia de que: [...]

a profissão docente desenvolve-se por diversos fatores: o salário, a demanda do mercado de trabalho, o clima de trabalho nas escolas em que é exercida, a promoção na profissão, as estruturas hierárquicas, a carreira docente etc. e é claro, pela formação permanente que essa pessoa realiza ao longo de sua vida profissional. (IMBERNÓN, 2002. p.43).

Em tal perspectiva, pensar em uma formação e que esta seja de qualidade é fundamental, mas é importante abranger conhecimentos no que se refere às pessoas diretamente ligadas à ação do educar. Como acontecem com as crianças, os profissionais vão se constituindo e construindo o exercício da docência, com as relações e experiências vivenciadas como também a peculiaridade profissional.

Segundo Sato, (1997 p.48)

Consolida-se, portanto, a necessidade de se buscar um elo entre a teoria educativa e a prática pedagógica. Se o professor quiser romper com as meras convenções e experiências fortuitas de seu cotidiano, necessita também de uma reflexão científica e crítica sobre a educação. Nesse sentido, a educação permanente dos professores, e de demais profissionais, além de ser uma exigência da sociedade, torna-se uma obrigação.

Acreditando que a democratização do ensino perpassa pela formação, pela atuação e reflexão, faz-se necessário ressaltar a importância do investimento no desenvolvimento profissional, que envolve a formação inicial e continuada, articulada a um processo de valorização e conhecimento da identidade do próprio professor, bem como das culturas que o compõe.

Portanto, uma ação pedagógica reflexiva, aliada ao estudo e a pesquisa, constrói um conjunto de experiências tornando os profissionais que são capazes de desenvolver um trabalho que favoreça a valorização das especificidades humanas bem como, uma educação significativa e consciente.

Tristão (2007, p.11), traz alguns movimentos marcantes de encontros e eventos de Educação Ambiental como espaços/tempos de aprendizagens, de formação crítica e de criação. Como exemplo Martha reporta-se a um grupo constituído de professores/as pesquisadores/as de universidades brasileiras, redes de Educação Ambiental e movimentos sociais, reunido durante o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, realizado de 3 a 6 de novembro de 2004, na cidade de Goiânia/GO. No ensejo do momento de mudanças e de adequações dos cursos de graduação às Diretrizes Curriculares para formação de professores/as da educação básica determinadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) Parecer 009/01), esse grupo articulou-se para um manifesto reivindicando ao Ministério da Educação a inserção explícita da Educação Ambiental nos Cursos de Formação de Professores.

A proposta apresentada na forma de um abaixo-assinado era para que as 400 horas de Prática de Ensino, previstas no inciso I do Art. 1.º da Resolução do CNE/CP-2/2002, estivessem direcionadas à inserção dos temas transversais nas disciplinas específicas, com enfoque ambiental, atendendo assim aos pressupostos dos PCNs e para que se fizesse a utilização pedagógica das tecnologias na educação.

Esse abaixo-assinado foi encaminhado pelo MEC às universidades e, em algumas delas, chegou justamente no momento da elaboração do Projeto de Reformulação Curricular das Licenciaturas para atender a Resolução do CNE, o que foi decisivo para dar visibilidade à Educação Ambiental e à dinâmica do seu movimento.

Outro movimento citado pela autora ocorreu durante o V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental, realizado na cidade de Joinville, Santa Catarina, em abril de 2006, no GT “EA e formação de professores”, em que se reuniu um grupo de mais de 65 educadores/as interessados/as em discutir a temática. As discussões iniciais partiram de algumas preocupações e contradições sobre uma formação em Educação Ambiental. Dentre questões significativas levantadas, posso mencionar: “Como evitar o reducionismo da dimensão ambiental e a fragmentação do conhecimento nos processos formativos?”. As discussões e análises foram realizadas em torno do que considero algumas problemáticas do processo de formação.

As reflexões que giraram em torno da primeira problemática estariam relacionadas com a falta de politização e falta de conhecimentos atualizados e adequados pelos/as professores/as, com a insuficiência da formação continuada; em torno da segunda, as relacionadas com a criação de uma disciplina de Educação Ambiental nos cursos de graduação, o que, por sua vez, iria ao encontro das abordagens fragmentadas e reducionistas; em torno da terceira, as relacionadas com a formação de professores formadores, articulando a formação inicial e a formação continuada; por fim, em torno da quarta problemática, reflexões relativas à falta de apoio político e econômico para a pesquisa e para implementação de programas de Educação Ambiental, à escassa produção e distribuição de materiais educativos, à ausência de mecanismos de avaliação, intercâmbio e comunicação no contexto Ibero-Americano.

Após amplo debate acerca dessas problemáticas, as produções coletivas desse GT giraram resultaram na concordância de que seria preciso:

- a) Conduzir a formação de professores em educação ambiental dentro de uma perspectiva crítica/ emancipatória/libertadora;
- b) Conduzir a formação ambiental nos diferentes cursos de formação de professores de modo transversal;

c) Envolver as entidades formadoras (instituições de ensino superior) e as entidades contratantes (escolas, secretarias, instituições não governamentais e outras) para que se comprometam com os processos de Educação Ambiental, num movimento de articulação entre a formação inicial e a formação continuada;

d) Tratar a Educação Ambiental como política pública e não como política de governo: as políticas públicas estejam vinculadas aos processos de formação continuada de professores/as, de acordo com as demandas e especificidades regionais e locais;

e) Garantir que os espaços para a formação continuada de professores em Educação Ambiental contribuam para o empoderamento dos grupos/coletivos de professores/as para o resgate da profissionalização docente.

Ainda sobre a formação de professores Tristão (2007, p.15) nos convida a refletir que,

não podemos responsabilizar apenas o/a professor/a pela sua formação, considerando só a auto-formação na tríade com a hetero e a eco-formação. Às vezes corremos um sério risco de rotular ou desqualificar o/a profissional professor/a, simplificando uma análise da sua formação ou atuação entre o que seria uma boa ou má formação e atuação. Portanto, é mister analisar sempre o contexto sócio-histórico, econômico e cultural das crescentes condições de empobrecimento do/a professor/a no Brasil para podermos compreender de modo mais complexo e profundo os contextos formativos desses/as profissionais.

Sobre as diversas barreiras encontradas pelo professor, Freire, (2002, p.60) nos convida a refletir,

Gosto se ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Em suma, apesar de existirem vários obstáculos e dificuldades encontradas pelo caminho, o professor com sua sensibilidade e esperança cumpre seu papel como agente transformador de realidades sociais e com relação à educação ambiental tende a influenciar seus alunos a serem conscientes de suas atitudes apesar de não possuírem, em sua maioria, o preparo mais adequado para tratar as questões ambientais e políticas tão atuais e emergentes.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 DELINEAMENTOS DO ESTUDO

A pesquisa é um procedimento racional, desenvolvida com métodos científicos, em que o pesquisador demonstre conhecimento, anseio para aprender, curiosidade para conhecer os avanços tecnológicos e sociais, formulando hipóteses para que se consiga resultado satisfatório. Conforme Marconi; Lakatos, (1992, p. 43)

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui o caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Assim a pesquisa realizada é de natureza qualitativa e, de acordo com Godoy (1995, p. 21):

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Com base nas leituras das obras de Vygotsky (1993, 1984, 2001, 2009) e Molon (2003) esclarece que, para essa perspectiva, o desenvolvimento humano se constitui como produto das relações sociais estabelecidas pelas pessoas numa relação dialética, transformando-as e transformando-se num só tempo, mediante a linguagem.

Para este estudo recorreu-se a utilização das seguintes técnicas, seguindo as orientações de Gibbs (2009); Godoi e Mattos (2010): Observações; Entrevistas semi-estruturadas individuais; Análise documental (Projeto Político Pedagógico) e fotografias sobre o objeto de pesquisa. As observações, percepções, sensações e interações cotidianas foram registradas em um diário de campo. Muitos acontecimentos e momentos especiais foram documentados em fotografias.

No desenvolvimento dessa pesquisa, optou-se pela utilização de uma entrevista (apêndice) que foi elaborada com base em leituras de teses e dissertações articulada com quinze perguntas, apreciando o nível de conhecimento

dos professores acerca da importância da educação ambiental na educação infantil, avaliando também a existência ou não da sensibilidade, preocupação no que se refere ao meio ambiente e sua precarizada conservação. Esses dados foram analisados por meio de tabelas e comentados posteriormente.

4.2 AMBIENTE DA PESQUISADA

A aplicação desta pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal localizada em um bairro classe média baixa do município de São Mateus – ES, com cinco professoras de alunos da faixa etária entre três a seis anos (creche e pré-escola), denominadas regentes de classe e uma professora de educação física, totalizando seis participantes, com o objetivo de entender como é trabalhado as questões ambientais neste ambiente escolar e qual a visão dos professores sobre as problemáticas tão presentes na contemporaneidade.

A instituição, cujo nome é CEIM São Pedro, é rodeada por residenciais. Os alunos que frequentam a instituição são em sua maioria da classe média baixa. Esta instituição dispõe de um amplo espaço físico, contando com seis salas de aula, dois pátios externos, ampla biblioteca, refeitório, sala de professores e diretora. Além da infra-estrutura básica, como cozinha e banheiros.

A facilidade de acesso e inserção na escola foi o critério de seleção e escolha da amostra, a escolha das turmas pesquisadas e o turno, bem como a idade das crianças foram escolhas da responsável pela escola. Foram explicados os propósitos da pesquisa para obter autorização de coleta dos dados (observação e realização das entrevistas), tanto junto à Instituição quanto aos sujeitos. Convém destacar que os professores participantes foram todos voluntários, manifestando a sua disposição em participar da pesquisa por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, procurando-se evitar qualquer constrangimento, contemplando-se os aspectos éticos da pesquisa. Para preservar a identidade destas professoras irei utilizar números a fim de identificar diferentes sujeitos.

4.3 PROCEDIMENTOS E ETAPAS PARA COLETAS DE DADOS

No contexto escolar as etapas realizadas foram desenvolvidas entre os meses de julho a dezembro de 2018:

- Apresentação da pesquisadora à gestora da escola para explicitação da pretendida pesquisa, julho de 2018;
- Apresentação geral da pesquisa para os sujeitos da pesquisa, julho de 2018;
- Exposição teórica sobre os objetivos da pesquisa e as ações educativas que seriam desenvolvidas com os sujeitos pesquisados, julho de 2018;
- Aplicação da entrevista com as professoras individualmente, julho de 2018;
- Observação das práticas das professoras e rotina diária da escola, setembro a dezembro de 2018.

4.3.1 Entrevistas: Respostas e discussão

As entrevistas aconteceram no final do mês de julho. As professoras foram chamadas individualmente em um intervalo da rotina de sala e foram entrevistadas em um ambiente livre de influência de alunos e outros professores.

TABELA 1- RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 1

Questão 1: Para você, o que é meio ambiente?	
Professora 1	É tudo que está nossa volta, né? Seres vivos, não vivos, tudo que nos rodeia, tudo que está a nossa volta mesmo.
Professora 2	O meio ambiente pra mim representa todas as esferas de vida, por exemplo, é bio né? É diversidade de animais, plantas, ar que nós respiramos, terra, água, tudo tá envolvido.
Professora 3	Meio ambiente é o conceito de meio ambiente, né? É o meio em que você vive, né? Escola, igreja, a praia né? Onde você está é o meio ambiente.
Professora 4	Meio ambiente é o meio onde nós vivemos e onde nós devemos cuidar para sempre.
Professora 5	Meio ambiente é tudo, tudo que nos envolve né? Tudo que existe no nosso meio.
Professora 6	Meio ambiente é o sistema onde as pessoas convivem de maneira harmônica e solidária e que devem preservar para manter o equilíbrio natural.

Na primeira questão, sobre “o que é meio ambiente” nota-se que as professoras percebem o meio ambiente como o local onde estamos inseridos, sendo tudo que nos cerca, é o ambiente em que vivemos. E isso nos leva a refletir que as

professoras entendem que o ser humano é parte do meio ambiente e compreendem a questão de uma forma mais ampla, não com uma percepção limitada ou que considera o meio como algo distante do homem.

Segura (2001, p. 21) afirma que:

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização.

Gostaria de registrar que a professora número 6, só aceitou responder a entrevista mediante apresentação das questões antecipadamente, com consulta à internet, o que pode ocasionar em um resultado diferente do real quanto à sua percepção.

TABELA 2- RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 2

Questão 2: No seu entender o que são problemas ambientais? Dê 5 exemplos de problemas ambientais.	
Professora 1	Problemas ambientais é quando alguma coisa sai do ritmo do, do jeito que deveria estar. Por exemplo: o solo – a erosão, nas florestas- o desmatamento, é a falta de água, a poluição, todas as coisas que deixam de acontecer no ritmo que deveria ser, né? E causa algum problema, ou para a sociedade, ou para os animais, ou para a própria natureza, né? Tudo isso são problemas ambientais.
Professora 2	Problemas ambientais para mim, na minha linguagem é referente aquilo que já existe, que era bom, né? E que hoje em dia já não é bom mais devido o mau uso, a má manipulação do meio onde nós vivemos. Um dos problemas ambientais que eu considero grave, até aqui no nosso município é a questão da água, na escassez de água, erosão do solo, lixo, muito lixo na rua e a questão dos desmatamentos e a caça desordenada.
Professora 3	Furacão, tsunami, tempestades, né? Grandes tempestades, enchentes.
Professora 4	Lixo, poluição, desmatamento e queimadas e falta de água.
Professora 5	É o que anda acontecendo, né? Acabando com o verde, né? Com as matas e nisso prejudica todos nós, né? A água que vai se acabando, o calor que vai cada vez aumentando mais, os animais morrendo.
Professora 6	São os prejuízos que os próprios seres humanos causam pelo mau uso dos recursos naturais. Nós temos a poluição dos rios, extração de árvores, de madeira né? Sujeira nas ruas, queimadas e a poluição do ar, em geral.

Percebe-se que ao citar os exemplos de problemas ambientais, todas as professoras souberam exemplificar a maioria, apesar de certa dificuldade em responder quanto ao conceito de problemas ambientais. Assim, é possível concluir que todos têm consciência de quais são os problemas ambientais porque vivemos dia a dia o impacto destes problemas em nossas vidas. Um dos impactos mais recentes sentidos por toda a população de São Mateus - ES foi a falta de água

potável, já que com a seca as águas que chegaram e ainda chegam às torneiras são tão salgadas que torna-se impossível o uso para beber ou cozinhar.

Os problemas ambientais de âmbito nacional (no território brasileiro) ocorrem desde a época da colonização, estendendo-se aos subsequentes ciclos econômicos (cana, ouro, café etc.). Atualmente, os principais problemas estão relacionados com as práticas agropecuárias predatórias, o extrativismo vegetal (atividade madeireira) e a má gestão dos resíduos urbanos.

As principais problemas ambientais atuais são:

- Poluição do ar por gases poluentes gerados, principalmente, pela queima de combustíveis fósseis (carvão mineral, gasolina e diesel) e indústrias.
- Poluição de rios, lagos, mares e oceanos provocada por despejos de esgotos e lixo, acidentes ambientais (vazamento de petróleo), etc;
- Poluição do solo provocada por contaminação (agrotóxicos, fertilizantes e produtos químicos) e descarte incorreto de lixo;
- Queimadas em matas e florestas como forma de ampliar áreas para pasto ou agricultura;
- Desmatamento com o corte ilegal de árvores para comercialização de madeira;
- Esgotamento do solo (perda da fertilidade para a agricultura), provocado pelo uso incorreto;
- Diminuição e extinção de espécies animais, provocados pela caça predatória e destruição de ecossistemas;
- Falta de água para o consumo humano, causado pelo uso irracional (desperdício), contaminação e poluição dos recursos hídricos;
- Acidentes nucleares que causam contaminação do solo por centenas de anos. Podemos citar como exemplos os acidentes nucleares de Chernobyl (1986) e na Usina Nuclear de Fukushima no Japão (2011);
- Aquecimento Global, causado pela grande quantidade de emissão de gases do efeito estufa;
- Diminuição da Camada de Ozônio, provocada pela emissão de determinados gases (CFC, por exemplo) no meio ambiente.

Conscientes de tantos problemas ambientais é urgente uma mudança de comportamento das pessoas, pois a maioria está estacionado em sua zona de

conforto e conformismo, sem preocupar-se com um futuro deles e de outros, então é preciso cobrar hoje das autoridades a efetivação das políticas públicas para as questões ambientais conforme afirma Ribeiro, (2018 p.2)

Diante dessa situação degradante, é necessário que cada cidadão assuma uma postura ambientalista, reivindicando de nossos representantes (do poder público) a intensificação de ações e programas preventivos que realmente combinem o desenvolvimento econômico do país com os princípios de sustentabilidade ecológica.

TABELA 3- RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 3

Questão 3: Quem são os responsáveis pelo surgimento de problemas ambientais?	
Professora 1	A maioria das vezes, acredito que seja o homem. O homem com sua ganância vem desenvolvendo coisas que trazem esses problemas, na maioria das vezes e, que afeta o clima, aí o clima também traz problema, então acredito que seja o homem o maior responsável pelos problemas ambientais.
Professora 2	Na realidade, se for olhar, todas as esferas de responsabilidade, né? Eu quero pegar logo do básico para mim como é o maior o maior agressor da natureza do meio ambiente, né? É o homem, somos nós.
Professora 3	O próprio homem.
Professora 4	Nós seres humanos, onde nós devemos estar sempre atentos para não causarmos efeitos contrários, pois isso servirá para o nosso futuro.
Professora 5	O próprio homem.
Professora 6	São os próprios seres humanos, justamente pelo mau uso.

Quando questionadas sobre quem são os responsáveis pelo surgimento de problemas ambientais, as professoras foram unânimes em responder que é o próprio homem. Então, se temos consciência que somos nós que fazemos tão mau ao ambiente, precisamos aprender a refletir e entender que é preciso e urgente a mudança de atitudes, tanto das maiores empresas que extraem da natureza seus recursos como nós em nossas casas com simples atitudes como apagar as lâmpadas. Além disso, é preciso que tenhamos uma maior participação nos debates e discussões sobre o assunto. A sociedade precisa estar presente em defesa do seu meio.

Segundo a resolução Conama Nº 001 de janeiro de 1986, o impacto ambiental é definido como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer que, direta ou indiretamente, afetam a saúde, a segurança e o bem-estar forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; e a qualidade dos recursos

ambientais. Analisando essa resolução, percebemos que qualquer atividade que o homem exerça no meio ambiente provocará um impacto ambiental.

A professora nº 2 foi além ao dizer que: “Na realidade, se for olhar, todas as esferas de responsabilidade, né?”. Quando ela cita esferas, está se referindo à governantes, órgão competentes da gestão política. A ganância desses governantes pode ser o maior motivo por tanta lentidão com relação à resolução dos problemas causados no meio ambiente.

TABELA 4 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 4

Questão 4: Quem são os responsáveis pela solução desses problemas?	
Professora 1	Também os homens, né?. Nós seres humanos, tomarmos consciência de tudo que está acontecendo e nós que temos inteligência para desenvolver de forma que não vem a causar problemas, então também é o homem, da mesma forma que ele é o responsável, ele também é o principal responsável por não trazer esses problemas, por solucionar os problemas.
Professora 2	Como o próprio homem, ele é um destruidor consciente ou inconsciente, porque não acredito que uma pessoa consciente faria tanta coisa, né?... Assim agressiva ao meio onde ele próprio vive e onde ele depende daquilo para sua subsistência e para sua vida. Como percebo que o homem, ele é o grande vilão nessa história, também, além de outros fatores naturais, eu também acho que o grande é meio para consertar isso aí é o próprio homem, com mudanças de atitudes, mudanças de hábitos e tendo uma educação preventiva neste quesito.
Professora 3	Todos, depende de todos.
Professora 4	O homem.
Professora 5	As autoridades que nem sempre, né? Não se interessam para acabar com o que está acontecendo.
Professora 6	Deveria ser também os quem causa né?... Tanto prejuízo. Mas também a parte pública né? O poder público também deveria cuidar melhor né? Ter um olhar diferenciado sobre essa situação.

Já que somos os responsáveis por destruir, também devemos ser os responsáveis por evitar tanto desastre causado à natureza. Apesar de a maioria das professoras responderem que cabe à nós (todos, o homem), duas responsabilizaram o poder público, as autoridades. O homem tem grande parcela de culpa pela falta de consciência ao consumir tão exageradamente, mas o poder público com privatizações de empresas nacionais ou quando permite que grandes empresas internacionais venham extrair recursos do país visando lucros, ou quando não fiscalizam se as empresas estão cumprindo suas políticas de sustentabilidade, por causa de atitudes de omissão, por parte dos governantes, o maior prejudicado é o meio ambiente e conseqüentemente, nós.

Dessa forma, Layrargues, (2002 p.25) explica que,

Valores morais por um lado, interesses políticos por outro lado. E assim começa a desenhar-se a dialética marxista para a integração da dupla função da educação ambiental face à crise ambiental, nas distintas atribuições da educação ambiental, que, embora não excludentes entre si, adquirem pesos diferenciados segundo a concepção de Educação, Sociedade e Natureza presente no campo da educação ambiental.

Por isso é tão importante que tenhamos em mente que o problema do meio ambiente é consequência da noção de natureza do homem moderno que está contaminada pelo conceito de ganho e de uso, pois produzir mercadoria e trocar no mercado com lucro máximo é o pensamento predominante no mundo moderno. A ambição desenfreada e o conhecimento científico-tecnológico elevaram o poder do homem para amenizar, evitar e isolar fenômenos naturais e isso o tornou iludido levando-o a acreditar que a natureza era infinita, portanto poderia ser utilizada como comércio.

TABELA 5 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 5

Questão 5: Como você acha que as pessoas podem colaborar para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vivem?	
Professora 1	É a consciência de que, o que a gente usa não é só pra gente, é pro outro também então, usar de forma consciente porque com o passar dos anos as outras pessoas que virão precisarão também das mesmas coisas que nós precisamos no nosso tempo, então usar consciência, com cuidado para que o outro no futuro tenha também.
Professora 2	Como eu coloquei né?...nessa pergunta anterior, é uma questão de mudança de hábitos, mudança de mentalidade e do entendimento né? Enquanto o homem não entender que ele necessita do meio ambiente para sobreviver, para poder tirar dali o seu sustento né?... sua sustentabilidade e tudo mais que ele precisa, não vai ter conserto, então eu penso que tudo parte de uma educação preventiva de ensinar mesmo, parte de uma questão de ensino. Ele aprender como se localizar, se posicionar e como viver em sociedade de maneira que não seja um agressor para o meio ambiente.
Professora 3	Se cada um fizer a sua parte, vai melhorar né? Conscientizar da necessidade de preservar. Tem a questão do lixo né? Se cada um priorizar o seu ambiente, cuidar mesmo vai ajudar.
Professora 4	Cada um tem que ter conscientização do que está fazendo, para mais tarde não sofremos.
Professora 5	Eu acho que através de conversa né? De diálogo, a gente com nossos alunos, né? Para que eles possam também passar para os pais, para poder ver se conseguimos né, alguma coisa.
Professora 6	Eles devem ter a consciência da sua responsabilidade enquanto parte ativa no meio ambiente, fazer bom uso dos recursos naturais, também.

Percebe-se que as professoras têm um consenso de que cada um tem sua parcela de culpa e responsabilidade, porém a impressão que se tem é de quando se

fala em atitudes, responsabilizamos mais o outro do que a nós mesmos, o que nos lembra a metodologia tradicional do “certo” e “errado”. Estamos mais focados em reciclar do que diminuir o consumo, quando deveria ser o contrário. As professoras precisam ter em mente essa premissa e disseminá-la para seus alunos e pais. Apenas reciclar não é a solução, mas sim reutilizar e principalmente reduzir.

Sato (2001, p. 20) nos convida a refletir sobre essa tão citada “consciência”,

O mundo social não funciona somente em termos de consciência, mas também de práticas. As nossas predisposições academicista provem da arrogância da intelectual dotada de capital cultural e do discurso, como um instrumento do poder. Ora, as comunidades detêm conhecimentos próprios, entretanto, não utilizam a linguagem acadêmica para legitimar este saber. Há sabedoria que flui de uma relação que poderia envolver diversas formas de conhecimento, num entrelaçamento inseparável da biodiversidade com a cultura local. E afinal, ninguém pode dar consciência a alguém. Somos seres historicamente construídos, e capturamos a realidade na medida que somos capazes de concebermo-nos nos nossos próprios mundos.

TABELA 6 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 6

Questão 6: O que você tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive?	
Professora 1	Respeitando espaço né? Respeito o espaço, isso não é só meu, é das minhas filhas, são dos outros que virão, estão usar com consciência, com sabedoria, por exemplo, a água né? Usar com um com cuidado para que ela não vem a faltar.
Professora 2	Então, a gente parte da prática da educação né? Da questão de educação. Com os meus alunos em sala de aula eu trabalho não somente desmatamento, mas eu trabalho todas as questões, inclusive o que a gente pega muito aqui é a questão da água e do lixo né? Porque se o homem, começando por mim, se eu não me conscientizar de que se eu não cuidar do planeta, dentro de pouco tempo eu não tenho água mais boa para beber, eu não vou ter mais um ar puro para mim poder respirar, eu não vou ter mais animais para sobrevivência né? Também do ser humano e também de outro da cadeia né? da cadeia alimentar, então assim, eu penso que isso vai ser muito prejudicial, então nós partimos da conscientização e o que eu posso promover nisso? Na minha casa trabalho com lixo né? Mexendo, preparando o lixo, ensacolando separadamente para poder tá trabalhando essas questões já de reciclagem e conscientizando tanto a minha família quanto aos alunos sobre essa questão da Bio né? Que é a vida, a vida do planeta.
Professora 3	Fazer a reciclagem, preservar as plantas, animais.
Professora 4	Jogando o lixo dentro da lixeira, não desperdiçando água, conscientizando sempre os meus alunos né?... onde eu trabalho para elas valorizarem o meio ambiente.
Professora 5	Cuidando das plantas, dos animais.
Professora 6	Eu sempre jogo lixo no lixo, quando não acho uma lixeira coloco o lixo dentro da minha bolsa, aquilo que eu produzi eu coloco na minha bolsa até achar um lugar certo para descartar né? Apago as luzes, desligo os ventiladores que estão em desuso, inclusive nas escolas eu faço isso também e sempre procuro trabalhar isso com meus alunos, diariamente né? De maneira lúdica, divertida, para não ficar aquela coisa chata né? Politicamente correta.

A maioria das entrevistadas tiveram respostas relacionadas ao lixo: “Jogar o lixo na lixeira” como idéia de manter o ambiente em que vive limpo, evitar entupimento de redes de esgoto nas ruas e no caso de praias e reservas ambientais, com o fim de evitar que animais morram com plásticos e/ou outros materiais.

Pensando no lixo como reciclagem, foi citada a separação, porém não houve em momento algum, nenhuma conexão com o consumismo, mudança de cultura, o reciclar como forma de reutilizar.

Layrargues, (2002) em seu trabalho intitulado: O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental nos leva a refletir que, atualmente, os indivíduos são obrigados a consumir bens que se tornam obsoletos antes do tempo, já que os eletrodomésticos fabricados em 1950 eram muito mais resistentes do que os produzidos atualmente: eram fabricados para durar e não quebravam com facilidade; caso se quebrassem, seu conserto era economicamente viável, hoje já não acontece assim, até por “modismo”, o eletrodoméstico comprado semana passada torna-se obsoleto com o lançamento de outro modelo no mercado. O autor ainda afirma que

A vida útil dos produtos torna-se cada vez mais curta, e nem poderia ser diferente, pois há uma união entre a obsolescência planejada e a criação de demandas artificiais no capitalismo. É a obsolescência planejada simbólica, que induz a ilusão de que a vida útil do produto esgotou-se, mesmo que ele ainda esteja em perfeitas condições de uso. Hoje, mesmo que um determinado produto ainda esteja dentro do prazo de sua vida útil, do ponto de vista funcional, simbolicamente já está ultrapassado. A moda e a propaganda provocam um verdadeiro desvio da função primária dos produtos. Ocorre que a obsolescência planejada e a descartabilidade são hoje elementos vitais para o modo de produção capitalista, por isso encontram-se presentes tanto no plano material como simbólico. (p. 183)

Muito famosa nas mídias e veículos de informações, a reciclagem é vista como uma das melhores alternativas para diminuição do lixo no meio ambiente, porém a reciclagem não é a solução como é a diminuição da obsolescência planejada, a recuperação dos bens deteriorados e a reutilização de bens descartados são estratégias mais eficientes que a reciclagem, pois demandam menos energia para a conversão. Dobrar a vida útil de um produto significa diminuir pela metade o consumo de energia, o lixo e a poluição gerada.

TABELA 7- RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 7

Questão 7: O que você entende por educação ambiental?	
Professora 1	Educação ambiental pode ser, é esse modo de conscientizar as pessoas, sobre esses problemas que devem ser solucionados pra que outro tenha tudo aquilo que nós estamos tendo, aliás, nós já não temos mais coisas que os nossos antepassados tiveram então a consciência para que o outro venha a ter.
Professora 2	O que eu entendo de Educação Ambiental, no meu conhecer é que nós precisamos retomar essas questões, rever a nossa postura diante da sociedade e do mundo né? Porque Deus fez tudo perfeito e ele disse assim? Haja! E houve, houve terra, houve solo, houve água, houve mar, houve atmosfera. Tudo ele fez. Houve os animais, as plantas, tudo ele fez para que o homem vivesse bem, né? E infelizmente o homem não tá sabendo desfrutar do grande bem que Deus nos deu e nós mesmos estamos destruindo. Então tudo parte daí dessa conscientização, dessa mudança de postura, de mentalidade que o ser humano precisa.
Professora 3	Educação ambiental acho que você tem que ter já a conscientização da preservação do meio ambiente, do mundo que você vive, uma educação já vem de você, da sua casa né? Da sua família.
Professora 4	É uma maneira de educar nós mesmo né? É conscientizar para melhorias, para nós mesmos, no nosso meio.
Professora 5	Eu entendo que o homem tem que ser re-educado, né? Ou até educado, porque na maioria das vezes, o que acontece é pela ignorância, às vezes até sem saber o que está fazendo ele termina destruindo a natureza.
Professora 6	Voltar o seu olhar ao pertencimento, ou seja, cada pessoa pertence ao ambiente em que vive, então, dessa maneira deve preservar e manter um ambiente saudável.

De forma individual e à sua maneira, cada educadora demonstrou firmeza e certeza em responder o que entende por educação ambiental, o que nos leva a refletir sobre sua consciência quanto a importância da educação ambiental na vida das pessoas. Pensar em educação ambiental hoje é pensar em mudança de atitudes e hábitos que irão refletir na cultura do ser humano. Percebe-se que a professora número 1 traz uma comparação entre o presente com o passado e preocupa-se com o futuro das próximas gerações, o que nos leva a confirmar o quanto é importante tratar a educação ambiental na educação hoje. Já a número 2 traz a tona a religiosidade, nos convidando a refletir sobre a cultura e história do mundo desde o começo do mundo.

Na perspectiva interpretativa Alves, (2015 p. 54) traz que,

o meio ambiente é o local onde se estabelecem relações interativas entre a sociedade e a natureza, sem dissociá-los enquanto realidade holística e sistêmica. A Educação torna-se, desse ponto de vista, um processo no qual o sujeito torna-se ativo construtor do conhecimento, a partir do mundo sensível e vivido, interpretando a realidade por meio da experiência que tem com o mundo, entendendo o sentido da própria existência e modificando-se um ao outro. Essa faceta da aprendizagem interpretativa torna-a mais significativa e permite a abertura para novos conhecimentos, experiências e aprendizados, já que cada indivíduo interpreta as experiências vividas de

maneiras diferentes, ampliando assim a forma global do ser humano de forma a refletir sobre as mesmas questões.

Ainda no que diz respeito à Educação Ambiental, Loureiro (2004 p.82) afirma que:

Educação ambiental é uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educação, formada nas relações estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no “ambiente” e na “natureza” categorias centrais e identitárias. Neste posicionamento, a adjetivação “ambiental” se justifica tão somente à medida que serve para destacar dimensões “esquecidas” historicamente pelo fazer educativo, no que se refere ao entendimento da vida e da natureza, e para revelar ou denunciar as dicotomias da modernidade capitalista e do paradigma analítico-linear, não-dialético, que separa: atividade econômica, ou outra, da totalidade social; sociedade e natureza; mente e corpo; matéria e espírito, razão e emoção etc.

TABELA 8 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 8

Questão 8: O que significa trabalhar educação ambiental na educação infantil?	
Professora 1	É muito importante porque se a gente colocar já na cabeça dessas crianças tão novas né? A importância desse meio ambiente preservado e cuidado eles podem se tornar adultos muito mais conscientes e ter soluções práticas que venha a manter esse ambiente saudável para todos.
Professora 2	Eu penso que é uma base. Tudo que agente faz na educação gente tem como principio base. Se eu trabalho matemática, eu trabalho já pensando perspectiva dele lá na frente, então eu trabalho como com o meio ambiente com a preservação ambiental já com uma perspectiva de que eu estou gerando cidadão vai desfrutar de uma sociedade, talvez não 100% boa, como deveria ser ou 90%, mas com uma mentalidade que ele pode ajudar a melhorar a sanar alguns problemas, a ter consciência da sua vida aqui na terra.
Professora 3	É de grande importância para as crianças aprenderem, porque, até de repente, alguns velhos hábitos em casa, as crianças na escola já vão ter novas atitudes de conscientização.
Professora 4	Conversar com as crianças todos os dias né? Para eles valorizarem, por exemplo, a falta de água na hora que eles vão escovar os dentes, na hora que vão lavar as mãos no seu dia a dia, porque todos os dias a gente precisa da água, então se eles não, se a gente não conscientizar as crianças, que são futuro do amanhã, então eles vão precisar mais tarde, então eles tem que tá sempre atentos.
Professora 5	Através de projetos com as nossas crianças, com os alunos, através também de diálogo por que a criança, ela entende tudo que a gente faz e o que a gente passa para elas, elas nunca esquecem, isso vai ficar para o resto da vida.
Professora 6	É conscientizar nas crianças o seu lugar no mundo, lugar em que elas têm que cuidar, pois elas pertencem a este lugar.

Segundo alguns autores, educar é essencialmente um ato político por implicar sempre em escolhas que podem reproduzir o sistema vigente ou orientar práticas que almejam a mudança (REIGOTA, 2009; GUIMARÃES, 2007; LOUREIRO, 2004; BRÜGGER, 2004; LIMA, 2004; FREIRE, 2005).

Assim, falar em educação, cultura, mudanças de atitudes, nos remete à base, às crianças bem pequenas e é satisfatório perceber que as professoras têm consciência da importância de trabalhar a educação ambiental com seus alunos, desde a educação infantil. Elas foram unânimes em dizer como importante abordar o assunto desde a educação infantil, o que vem a reforçar a importância da presente pesquisa e cada uma a sua maneira defendeu seu argumento como na resposta da professora número 1 que diz: “eles podem se tornar adultos muito mais conscientes e ter soluções práticas que venha a manter esse ambiente saudável para todos”. Já a número 2 quando cita trabalhar tal tema em matemática reforça a necessidade de trabalhar interdisciplinarmente. A número 3 nos confirma que as crianças são disseminadoras de cultura e comportamento, que podem mudar velhos hábitos, inclusive em casa, levando para a família o que foi aprendido na escola. A número 4 nos mostra que através do diálogo é possível trabalhar a conscientização e levar as crianças a valorizarem nosso meio. A número 5 comenta sobre projetos que na educação infantil tem sido o meio mais eficaz de se tratar temas transdisciplinares de forma eficiente e significativa. E por fim a número 6 que convida a levar as crianças a refletir sobre o seu lugar no mundo, bem como seu cuidado com o meio.

Sobre a influência da escola na vida das pessoas Sato, (2001 p.27) alega que,

A escola não é todo-poderosa, mas articula as determinações gerais da sociedade, e isto a torna significativa. Ela está "subsidiária" e "tributária" daquela grande reprodução social geral, posto que ela, além de exercer influência na formação dos que a freqüentam, representa uma desqualificação ativa na identidade daqueles que não a freqüentam.

TABELA 9 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 9

Questão 9: Teve alguma formação na área de educação ambiental, curso que tenha feito ou projeto que tenha participado?

Professora 1	Olha, que eu me lembre não, talvez na faculdade, mas tem um tempinho já né? Mas cursos assim, agora atualmente não.
Professora 2	Não.
Professora 3	Não. Seria até muito bom se tivesse, né?
Professora 4	Não, no momento, não.
Professora 5	Não, mas já participei de projetos, aqui no CEIM.
Professora 6	Eu nunca tive uma formação específica, mas toda escola que eu trabalho eu sempre participo ativamente dos projetos relacionados ao meio ambiente.

As professoras, em sua totalidade, responderam que não tiveram formação na área de educação ambiental, o que nos remete à reflexão sobre a contradição de

se afirmar sobre a importância de tratar tal assunto nas escolas, e a falta de incentivo em preparar o profissional para tal. A LDB 9394/96 no seu Art. 59 garante em seu decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016 que dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica:

São objetivos da Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica: VI - promover a formação de profissionais comprometidos com os valores de democracia, com a defesa dos direitos humanos, com a ética, com o respeito ao meio ambiente e com relações étnico-raciais baseadas no respeito mútuo, com vistas à construção de ambiente educativo inclusivo e cooperativo (BRASIL, 2016).

Percebe-se o interesse por parte das entrevistadas em participar de formações sobre o assunto a fim de melhorar sua prática, porém com característica e confiança de que a formação se constrói por acumulação (cursos, conhecimentos de técnicas) para um comportamento ecologicamente correto. Remetendo-se à vertente da Concepção pragmática e utilitarista da Educação Ambiental onde o professor é visto como profissional competente por Carvalho, (2004) apud Tristão, (2007 p.3),

o professor como profissional competente afina-se com o tecnicismo (neopositivismo) e o neoliberalismo (competência como alternativa à qualificação, recursos humanos das grandes corporações capitalistas) e tem uma grande influência nos repertórios interpretativos das políticas neoliberais. Essa noção parece considerar as competências e habilidades desvinculadas das dimensões do lugar, de uma inserção no meio ambiente, de tempo e espaço. Poderíamos associá-la a uma concepção pragmática e utilitarista da Educação Ambiental, deslocada do contexto histórico-social, com uma prática educativa despolitizada das questões ambientais e com a confiança de que a formação se constrói por acumulação (cursos, conhecimentos de técnicas) para um comportamento ecologicamente correto.

Sobre a profissão docente Imbernón aponta para ideia de que:

[...] a profissão docente desenvolve-se por diversos fatores: o salário, a demanda do mercado de trabalho, o clima de trabalho nas escolas em que é exercida, a promoção na profissão, as estruturas hierárquicas, a carreira docente etc. e é claro, pela formação permanente que essa pessoa realiza ao longo de sua vida profissional. (IMBERNÓN, 2004. p.43).

Em suma, está previsto em lei o dever do Poder Público em promover formação continuada para os profissionais da educação, porém pouco tem sido efetivado quanto à qualquer tipo de movimento para este fim, em qualquer área, menos ainda na área da educação ambiental, em especial, no município de São Mateus, cabendo ao professor, buscar por ele mesmo informações e aprimoramentos em suas práticas.

Dentre as dificuldades encontradas pelos professores para a formação continuada está o fato de ter que acontecer em seu horário de descanso, pois não é possível em seu horário de trabalho, devido à vasta demanda que a escola exige como: planejamento de aulas, reuniões com equipe gestora, atendimento aos pais, correções de atividades, lembrancinhas, datas comemorativas, culminâncias de projetos, reuniões de pais entre outras. Para quem trabalha 50 horas semanais essa rotina torna-se corrida e cansativa. Além disso, se o professor quer buscar cursos tem que pagar com seu próprio salário e na área de educação ambiental não existe na cidade. O professor precisa de orientação para direcionar seu estudo, se for buscar por si próprio na internet, existem materiais diversos que pouco atendem sua necessidade, se houvesse um curso focado em educação infantil seria muito mais significativo e eficaz.

TABELA 10 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 10

Questão 10: Trabalha educação ambiental com seus alunos? () SIM () NÃO	
Se sim, de que forma, qual a metodologia? Com que frequência? Descreva uma aula.	
Professora 1	Sim, na verdade nós estamos trabalhando né? Neste segundo trimestre nós iniciamos os trabalhos sobre meio ambiente. A pedagoga passou pra gente os temas que eram para serem abordados a cada semana e eu venho desenvolvendo meu planejamento em relação à isso aí, seguindo esses tópicos que ela passou. A gente trabalha com pesquisa, com recorte de figuras, com leituras de imagens, entender porque que essa cena está dessa, forma porque que essa outra está diferente, o que aconteceu. Basicamente isso aí, na conversa, muito diálogo, ouvindo as criança também do que eles tem a trazer de casa, da família principalmente sobre economia, sobre a preservação, basicamente muito diálogo, muita conversa.
Professora 2	Sim, inclusive estamos trabalhando agora né? projeto meio ambiente que nós fizemos na escola. O projeto, a gente trabalha duas vezes por semana no período de 3 meses, com duração de 3 meses e eu parto, como é educação infantil eu parto de uma história. Por exemplo, nós temos uma história muito interessante que é a Mundinho, onde relata todas as situações de destruição e também de conscientização. Que o mundo já existia e tudo era muito bonito, tudo era muito perfeito e de repente o homenzinho chega no mundo e esse homenzinho vai proliferando, vai aumentando de número populacional e vai desmatando para construir casas, construir prédios, para botar asfalto na terra e daí começa a grande destruição, vão botar assim entre aspas, a palavra né que, quando eu destruo o meio ambiente eu estou me alto destruindo né. E daí parte dessa questão e no final da história eles começam a ter a repensar a postura deles né enquanto o ser humano e da necessidade que ele tem que do animal, da água, do oxigênio para sobreviver, da terra do ar, de tudo que envolve o meio ambiente, das plantas e retoma assim já consciente para que mudanças ocorram no planeta e também na qualidade de vida deles próprios.
Professora 3	Trabalho, no dia a dia, já trabalhamos. Diariamente nós falamos assim da questão do lixo, que você tem que jogar na lixeira. Nossa escola é o meio ambiente precisa

	tá meio ambiente cuidado. Escola cuidada, escola no todo , toda cuidada. Que eles também cuidem dos materiais, da sala, da escola. Que eles respeitem a escola, como meio ambiente.
Professora 4	Sim, uma aula sobre higiene – já tivemos uma aula sobre higiene: como escovar os dentes, como lavar as frutas, que tem que estar sempre lavando as mãos antes de usar as frutas né? Para comer e na hora da escovação dos dentes.
Professora 5	Sim. É nós trabalhamos o projeto né - Meio Ambiente. Foram plantados, mandado para casa sementinha do girassol. Eles plantaram a sementinha e quando essa sementinha germinou, eles trouxeram e nós plantamos aqui no nosso CEIM.
Professora 6	Sim. Em quase todas as aulas né? Como eu já havia dito, sobre jogar o lixo no lixo, apagar a luz e a gente costuma trabalhar mais, né? No Dia Mundial da Água e na semana do meio ambiente. E uma experiência que eu tive aqui no CEIM, foi quando no Dia Mundial da Água, nós fizemos as bolinhas de jornal, que eram as gotas de água, gotas de chuva, aí todo mundo jogou para cima e depois quando o chão estava sujo, nós usamos a coleta como se fosse um rio sujo, poluído e aquelas bolinhas eram a poluição do rio, então todo mundo teve consciência de pegar aquele lixo produzido e jogar diretamente na lixeira.

Essa questão nos leva a refletir sobre as metodologias utilizadas pelos profissionais da educação com relação às práticas em educação ambiental. Percebe-se que é abordado como tema de projeto, com tempo pré-determinado, conteúdos definidos e práticas descontextualizadas da realidade vivida pela criança. Geralmente acontecem em projetos, datas comemorativas como dia mundial da água, ou da árvore. Não existe conexão com o território (município, região) e não foi citado momentos de reflexão, nem de debate com as crianças. Percebe-se que não existe um alinhamento entre as professoras, nem mesmo as com alunos da mesma idade. De acordo com a professora número 1 é a pedagoga quem passa tópicos a serem trabalhados. A professora número 2 parte de uma história. A número 3 cita o dia a dia da escola como organização da sala e conscientização quanto a jogar o lixo dentro do lixo, a número 4 cita aulas de higiene para tratar o assunto meio ambiente. A número 5 utilizou uma metodologia de enviar uma semente para casa e a número 6 cita as datas comemorativas. Essas práticas são muito comuns na maioria das escolas, em todas as faixas etárias, não somente na educação infantil, conforme afirma Sato (2001 p. 16)

Proliferam-se, assim, ações pontuais de abraçar árvores ou oficinas de reciclagem de papel, sem nenhuma postura crítica dos modelos de consumo vivenciados pelas sociedades, ou pela análise do modo de relação dominadora do ser humano sobre a natureza, com alto valor antropocêntrico. A ênfase dada ancora-se no terceiro “R” (Reciclagem) das campanhas dos resíduos sólidos, em detrimento da Redução e da Reutilização, chaves nos programas de EA. As indústrias fazem campanhas

nas escolas, através de jogos competitivos e não solidários, para a coleta de “latinhas” de alumínio, enquanto incentivam mais consumo para a premiação de computadores e de outros materiais escolares. Estudantes plantam árvores no dia mundial do meio ambiente (5 de junho), como se o ambientalismo se resumisse em datas comemorativas e não configurasse como um projeto de vida, de lutas sociais para os cuidados ecológicos, necessários para a construção da sociedade que queremos.

TABELA 11- RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 11

Questão 11: Quais instrumentos você utiliza para auxiliá-lo (a) no planejamento das suas aulas que envolvem educação ambiental?	
Professora 1	Figuras, vídeos né? Imagens, atividades impressas, muito desenho.
Professora 2	Então, como eu coloquei, eu coloco visita no próprio pátio da escola, visitar as plantas que tem no parque da escola, levo eles até à frente da escola na rua para agente observar se tem lixo na rua ou se não tem, o que a gente poderia fazer para mudar aquela situação. Outra situação que a gente também vivencia muito e coloca muito, é a questão da torneira aberta, o tempo de duração de lavação de mão, de escovação de dente e deixa muito claro para eles: você está destruindo o planeta, quanto mais água você gasta mais sede você vai ter no futuro e você está sendo um causador da destruição do planeta terra e eles automaticamente, já quando vê um colega né? Deixando a torneira aberta muito tempo, eles mesmos se corrigem um ao outro: olha você está destruindo planeta, entendeu? E a gente usa atividade direcionada em cima do que ta trabalhando né? Músicas, histórias, DVD, vídeos relacionados.
Professora 3	Não foi respondida, passou despercebido.
Professora 4	A gente vai na aula prática, por exemplo, se eu vou dar uma aula sobre higiene, lógico que a gente vai lá na escova, como usar e sempre, também, tem a dentista que dá sempre palestra para gente, que vem na escola.
Professora 5	Aqui no nosso CEIM, na minha sala o que foi usado foi a germinação do girassol né? Então nós usamos o que? Um vasinho, a terra, a água, uma pazinha para mexer a terra.
Professora 6	Eu uso muito as áreas externas das escolas, os alunos ficam com pé no chão, eu tenho contato direto com a terra né? Para sentir a energia da terra. E, frequentemente temos brincadeiras ao ar livre

Quanto mais contato a criança tiver com a natureza, melhor será sua compreensão e desejo em preservá-la, não adianta o professor dizer para o aluno que nas matas existem diversos animais silvestres que estão sendo extintos por causa dos desmatamentos, queimadas, crescimento das cidades e a criança não ver, não vivenciar. É comum crianças que moram nas cidades e passam a maior parte do tempo em apartamentos e nunca tocaram em um animalzinho, nem de estimação, nunca tomaram banho no rio, ou participaram do plantio de alguma planta. Por isso, é importante o educador promover momentos em que a criança possa vivenciar algumas dessas atitudes que talvez a criança nunca viva. Algumas ações como horta na escola, passeios em trilhas ecológicas, visitação em museus ou projetos de conservação ambiental são alguns caminhos. Melhor do que folhear

livros com desenhos e figuras de paisagens e animais, esse tipo de metodologia leva a criança a vivenciar efetivamente práticas com o meio ambiente, de forma lúdica e prazerosa conforme sugestiona Tristão, (2005 p. 263)

é interessante pensar em abordagens educativas menos cobradoras de uma “consciência racional” nas interações socioambientais e nas práticas sociais cotidianas. Nesse caso, a formação de comunidades interpretativas poderia deslanchar uma abordagem racionalmente menos exigente e mais expressiva no campo da comunicação humana e menos dogmática ao analisar coletivamente por que motivo as sociedades agem de determinadas maneiras e não de outras em relação ao meio ambiente, desenvolvendo um trabalho educativo de sensibilidade para um saber solidário de conhecimento-emancipação.

TABELA 12 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 12

Questão 12: Quais as dificuldades encontradas para a prática de educação ambiental?	
Professora 1	Na escola, assim às vezes é a falta de material né? Nem tudo que agente precisa está pronto, esses recursos que agente precisa está pronto na hora e às vezes também por parte da família, quando é alguma pesquisa né? Que muitas famílias não dão esse retorno pra gente pouso pra gente, então essa parte de pesquisa de casa agente tem essa dificuldade também.
Professora 2	Então, as maiores dificuldades que a gente encontra hoje em dia, porque, por exemplo, a gente poderia levar essas crianças num parque de preservação, hoje em dia até o Projeto Tamar, que a gente poderia levar para mostrar a preservação das tartarugas, não tem investimento tá fechado, no Parque Ambiental Estadual, a gente vai procurar ônibus pelos órgãos que podem nos fornecer, é uma luta. Quando consegue né? Então quando você consegue o ônibus já terminou o projeto. Então, assim os entraves maior que a gente encontra é nessa esfera, na esfera administrativa, em se tratando do município, como por exemplo a ajuda que a secretaria educação pode dar, o suporte de oferecer ônibus né? Outra coisa que massacra muito agente é na hora também por exemplo, a televisão, a gente tem que usar uma televisão só e outra e a televisão que tem ainda é muito antiga e muitas vezes não roda DVD e não passa pen drive e tem os entraves que a gente tem são os recursos mesmo físicos.
Professora 3	Poderíamos ter mais passeios, tirar a criança da escola e levar por exemplo para visitar o Projeto Tamar, tem também o Projeto Araçá, eles lá trabalham muito com a questão ambiental.
Professora 4	O que eu penso é falta de recursos né? Que a gente não tem no momento.
Professora 5	É porque na maioria das vezes nós precisamos de ajuda dos órgãos competentes, né? Para ajudar a gente na preparar terra no plantio e na maioria das vezes isso é impossível.
Professora 6	Até hoje nenhuma.

Essa questão teve respostas diversas, a maioria apoiando-se em responsabilizar o outro, como: órgãos competentes, esfera administrativa, secretaria de educação, recursos tecnológicos e materiais e até mesmo a família. Mas, será que esses obstáculos não podem ser superados? Talvez para uma horta – a

participação da família na construção, para os passeios – outras opções de lugares, por perto, já que o município é tão rico em diversidade, ou mesmo no bairro próximo ao CEIM, se o problema for transporte. Também existe a visita feita nas escolas pela Polícia Ambiental, com palestras e animais empalhados. Recursos tecnológicos – um celular pode servir. Existem muitas maneiras de trabalhar com o que se tem, valorizando seu próprio entorno e assim, a educação ambiental deve tornar-se parte da rotina da escola, em sua verdadeira essência, como uma constante e não como temporária.

De acordo com Sato (2001 p.19),

Geralmente, quando perguntamos às/aos professores a razão da EA ainda não ser bem sucedida em espaços escolarizados, a resposta imediata é: “porque as pessoas não estão `conscientizadas` dos problemas ambientais”. Esta representação da maioria leva-nos a crer que a EA é ainda compreendida como um instrumento metodológico da gestão ambiental, ao invés de ter sua essência ontoepistemológica, propriamente dita. A dimensão ambiental é percebida, mas não se inscreve em uma prática pedagógica transformadora. Em oposição a isso, também assistimos discursos contrários à EA, trazendo o ambiente enquanto “adjetivo” da educação, meramente temporário e necessário para sensibilizar as pessoas, para depois inseri-la em processos educativos generalistas.

TABELA 13 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 13

Questão 13: Em sua opinião qual a importância de trabalhar a educação ambiental? E de trabalhar educação ambiental na educação infantil?	
Professora 1	Despertar para a consciência de ter um mundo melhor um mundo para todos né? Já desde os primeiros anos de vida né? De despertar essa consciência de que esse mundo é pra sempre, então tem que cuidar que o outro vai precisar. Para desenvolver essa consciência que de tudo que tem no mundo agente precisa então, eu preciso agora, o outro vai precisar, então é preciso desenvolver essa consciência nos alunos desde a educação infantil que são agora que é a base, formação de conhecimento deles para que eles cresçam com essa consciência de que é importante preservar e cuidar.
Professora 2	Como eu coloquei no início para mim é muito importante, que é um trabalho de base, eu tô formando cidadão, né? E que mentalidade eu vou trazer para esse cidadão. Então, para mim é crucial trabalhar na educação infantil, não somente na educação infantil, mas no ensino fundamental em todos os níveis eu penso que o ser humano precisa ser trabalhado para isso, para essa educação preventiva.
Professora 3	É muito importante sim porque nós estamos vendo né? Muitas coisas acontecendo com relação ao nosso meio ambiente, muita destruição, né? Falta de conscientização ambiental e trabalhando com criança, desde pequena, ela vai fazer diferente, ela vai preservar o meio ambiente, vivenciando, né? Na escola.
Professora 4	Eu penso que como educadora a gente tem que conscientizar as crianças. Tudo que a gente faz, se a gente não fizer bem feito, vai ser voltado para nós no futuro.
Professora 5	Através dos pequeninos, né? Dos nossos alunos é que nós vamos ter um trabalho bom no futuro. Eles vão crescendo, vão aprendendo e também vão passando para os menores e é assim que continua.

Professora 6	A educação ambiental já está dentro de nós, basta fazermos dela uma forma de auto preservação né? De manter a nossa vida aqui na terra no contexto da educação infantil, a educação ambiental deve ser vista como início de uma consciência coletiva, ou seja, cada um faz a sua parte para um bem comum.
---------------------	---

Todas as entrevistadas responderam que é muito importante trabalhar a educação ambiental na educação infantil (conforme foi abordado ao longo desse trabalho), por ser a base, por ser a criança, disseminadora de idéias e opiniões em sua casa, por ser essa a geração do futuro, que pode intervir na realidade. Essa geração pode, sim, mudar a cultura do consumismo desnecessário, das práticas de destruição do meio ambiente.

Considerando a questão ambiental e sua importância, a escola deverá oferecer meios para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e suas consequências para com sua própria espécie, e para o ambiente. É fundamental que cada aluno desenvolva suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos, colaborando para a construção de uma sociedade socialmente justa, em um ambiente saudável. Com essa visão de esperança, Tristão (2005), nos convida a refletir sobre nossos desejos, sonhos e possibilidades quando argumenta que

A Educação Ambiental inspira-se na utopia de um mundo solidário. Claro que devemos sonhar com a força de nossos desejos, pois, como educadores e educadoras, somos criadores de mundos possíveis, de idéias por realizar. Como uma dinâmica processual da vida e de processos vivos, essa reflexão apóia-se na concepção de um mundo elástico, em constante movimento de expansão e retração, e a utopia inscreve-se na exploração de novas possibilidades e vontades humanas, chamando a atenção para o que não existe em contraposição integrante ao que existe. TRISTÃO (2005 p. 262)

TABELA 14 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 14

Questão 14: Você se considera preparado para trabalhar educação ambiental. Se não, por quê e qual a sua dificuldade?	
Professora 1	Acredito que sim, da forma que eu entendo, até então, eu consigo fazer. Se tivesse outras formações, claro, que a gente a cada formação, a gente cresce né? E aprende mais, com a bagagem que eu tenho até então eu tenho trabalhado.
Professora 2	Então, preparado ninguém tá, porque como eu coloquei para você existe esse gargalo do curso, nunca fomos treinados, a gente trabalha em cima daquilo que a gente vivencia, daquilo que a gente lê, da proposta né? Do currículo das crianças de conteúdos e em cima daquilo que a gente tem, a gente é respaldado em cima de conhecimento de livro, das situações que a gente tá vendo ao nosso redor, que não precisa ir muito longe para você ver o que precisa mudar, tá na cara de todo mundo. Entendeu? Agora em relação a curso eu penso que isso poderia ajudar muito né? Trazer mais algumas orientações para nós nessa área tanto que minha

	filha ela faz biologia e eu falei com ela: faz sua monografia em cima de um projeto de educação infantil sobre meio ambiente, mas assim não houve muito o interesse ela partiu para outro campo de pesquisa e não quis né? fazer nessa área, por que minha vontade era que ela fizesse, que nunca teve um projeto-piloto de UFES ou de qualquer outra faculdade que se interessasse por isso até então.
Professora 3	Na verdade eu acredito que deveria ter curso, deveria ter um, sei lá, um curso ou como disciplina também nas escolas.
Professora 4	Às vezes a gente fica na dúvida como trabalhar em certas, em certos momentos né?
Professora 5	Eu acho que eu ainda preciso de ajuda, mas no que eu posso, eu faço, eu consigo.
Professora 6	Sim

Nesta pergunta as entrevistadas consideraram-se preparadas para trabalhar educação ambiental, porém, novamente reportam-se à necessidade de investimentos em cursos, capacitação e formação continuada para melhor tratarem as questões ambientais em sala de aula.

Sobre a formação docente Delgado (2004 p.4) afirma que

é um conjunto de experiências sociais e culturais, individuais e coletivas, acumuladas e modificadas ao longo da existência pessoal e profissional, sendo um processo inacabado de constantes indagações, incertezas e ambiguidades.

TABELA 15 - RESPOSTAS À PERGUNTA NÚMERO 15

Questão 15: As crianças mudam ou adquirem o hábito de preservação ambiental?	
Professora 1	Eu acho que depende, quando a criança vem de uma família que já tem esses hábitos, eu acho que ele já chega com essa bagagem e aí ele só aprimora. Quando a criança vem de um lar onde ela não tem, ela pode sim vir a mudar, a gente percebe, uma vez eu trabalhei dengue com as crianças e falando da água parada e aí chegou mãe pra mim uns 3 dias depois e falou que nem um copinho com restinho de água em cima da pia o menino deixava mais, que ele falava – mãe, água parada dá mosquito dá dengue, então vamos jogar fora! Então assim, o que ele escutou na escola foi tão forte que ele estava realmente trabalhando aquilo em casa, então eu percebo que tem criança que mudam mesmo.
Professora 2	Então, eu penso que tudo parte de uma conscientização. De início a gente percebe que eles adquirem o hábito né? E esse hábito eles levam para casa, porque até os pais nas reuniões, nos procuram e perguntam: ah! O que vocês estão trabalhando? Porque fulano agora pega no pé todo mundo em relação ao chuveiro, em relação aí a torneira ligada, em relação a jogar lixo e tudo mais então eu penso que é uma preventiva, mas é uma preventiva que vai ficar com ele para sempre, mas daí há também a necessidade de uma educação para família, de trabalhar junto com a família, para ela ser uma constante.
Professora 3	Eu acredito que elas mudam suas atitudes, elas começam a desenvolver, não a praticar novas atitudes ambientais.
Professora 4	Elas adquirem o hábito, né? Porque na convivência do dia a dia, elas vão aprendendo.
Professora 5	Elas adquirirão.
Professora 6	Acredito que elas adquirem esse hábito sim. Como é uma coisa continua, então torna-se um hábito.

Nesta questão, cinco professoras responderam que as crianças adquirem o hábito de conservação ambiental, porque o que aprendem na escola repassam para a família e uma respondeu que na escola e em casa, quando existe o hábito de conservação incentivado pela família.

A criança precisa deste incentivo tanto em casa, como na escola para uma verdadeira efetivação do hábito de conservação, para que realmente aconteça uma mudança de atitude, de cultura pensando na conservação. Não se pode desassociar e/ou tirar a responsabilidade de um ou do outro. A escola pode contribuir para uma mudança de hábitos também fora de seus muros, trazendo as pessoas para debater o assunto na escola, promovendo projetos com a participação efetiva da família, plantando a sementinha da sensibilização em sua comunidade.

De forma geral, podemos notar que apesar de perceberem a importância e necessidade de abordar o tema na Educação Infantil, as professoras notam a Educação Ambiental por um viés pragmático e conservador, tendo como foco o desenvolvimento de posturas que julgam adequadas nas crianças, ou seja, não percebem a complexidade do tema, pois o consideram apenas como o ensino de conservação da natureza e não como um tema que lida com uma relação política, econômica e social entre homem e natureza, podendo guiar certas decisões e opções no que se refere ao lidar da sociedade com os recursos naturais. Podemos fazer tal afirmação ao analisar as respostas das entrevistas que possuem, na maioria das vezes, marcas características das vertentes da educação ambiental citadas por Tristão (2013) e organizadas na tabela abaixo:

TABELA 16 – QUADRO-RESUMO DAS TENDÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

VERTENTES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	TENDÊNCIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE	CARACTERÍSTICAS	PARADIGMA DOMINANTE OU EMERGENTE
Concepção pragmática e utilitarista da Educação Ambiental Tradicional	O professor como profissional competente Conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de dominar e transformar.	Competência como alternativa à qualificação, recursos humanos das grandes corporações capitalistas competências e habilidades desvinculadas das dimensões do lugar, de uma inserção no	PEDAGOGIA TRADICIONAL e TECNICISTA Moderno Tecnicismo (neopositivismo) e o neoliberalismo Pedagogia Tecnicista tem inspiração nas teorias Behaviourista, em

	<p>Ensino centrado no professor, aluno é mero receptor e memorizador dos conteúdos ensinados. Os conteúdos correspondem aos valores acumulados pela humanidade, há uma desconsideração dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade.</p>	<p>meio ambiente, de tempo e espaço Deslocada do contexto histórico-social, com uma prática educativa despolitizada das questões ambientais e com a confiança de que a formação se constrói por acumulação (cursos, conhecimentos de técnicas) para um comportamento ecologicamente correto.</p>	<p>que a tecnologia é o centro dessa tendência. O aluno é reduzido a um indivíduo que reage aos estímulos de maneira que corresponda as resposta esperadas. Aprender é dependente de técnicas e especialismos. A prática pedagógica é controlada pelo professor, com atividades mecânicas, baseada numa proposta rígida e programada em detalhes.</p>
<p>Abordagem tradicional da Educação Ambiental ou Educação ambiental convencional</p>	<p>O professor como profissional reflexivo</p> <p>Essa tendência que considera a prática pedagógica fundamental para a formação do/a professor/a reflexivo/a e pesquisador/a não articula com outros contextos formativos, como a formação inicial ou mesmo, o contexto político idéia, em sua eficácia, em seu sucesso. Ênfase no individualismo, em detrimento da formação da subjetividade, da ação coletiva e/ou da inserção política.</p> <p>Práticas da educação ambiental, são as vivências de sensibilização que, muitas vezes, têm uma ênfase grande na mudança de comportamento pessoal, com enfoque na dimensão individual.</p>	<p>Devemos dar mais importância às conseqüências e efeitos da ação do que a seus princípios e pressupostos, o critério da verdade deve ser encontrado nos efeitos e conseqüências. Concentra-se na reflexão-na-ação (simulação da prática do/a professor/a), ou seja, pensar o que fazem enquanto fazem, para interferir na ação em movimento e repensar as estratégias. Entende a sociedade e a escola como resultado da soma de elementos e de indivíduos e não como um sistema com sua dinâmica complexa em que a soma das partes não expressa as qualidades emergentes do todo.</p>	<p>PEDAGOGIA TÉCNICO-REPRODUTIVISTA</p> <p>Moderno</p> <p>Vitalismo e o pragmatismo</p>

Fonte: Pesquisa Educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas, Matha Tristão, 2013.

O que se percebe ainda é a ausência de um modelo didático explícito que guie a intervenção das professoras e que tenha como objetivo dar coerência à prática e estimular uma reflexão crítica e profunda sobre a racionalidade dominante. Percebe-se, de fato, a ausência de uma práxis inovadora, dialógica e cotidiana que aponte a essas professoras novos rumos transformadores da sociedade. É nítido o abismo que continua a existir entre as especulações dos pesquisadores teóricos e das atuações práticas dos professores, em especial no que se refere à problemática ambiental.

Compreende-se, com esses discursos, que existe uma certa “ingenuidade” e uma fragilidade no pensamento, que está distante dos modelos contra hegemônicos mais revolucionários, como afirma Loureiro (2004 p. 94):

A educação ambiental emancipatória e transformadora parte da compreensão de que o quadro de crise em que vivemos não permite soluções compatibilistas entre ambientalismo e capitalismo ou alternativas moralistas que descolam o comportamental do histórico-cultural e do modo como a sociedade está estruturada.

De forma mais ampla, um aspecto que fica bastante explícito ao final deste estudo, é a necessidade da criação de programas de pesquisa vinculados à intervenção, também, a necessidade de um maior investimento na formação de educadores ambientais através da inclusão da educação ambiental como uma área de formação em todos os cursos de graduação e pós-graduação. E, conseqüentemente, promover a integração e a troca de experiência dos que já atuam nesta área com o objetivo estimular o intercâmbio de ideias entre estes setores e, assim, tentar superar as visões parciais e muitas vezes longe da realidade da educação ambiental, como argumenta Tristão (2013 p.16)

Nesse caso, se defendo a emergência de um novo paradigma para uma formação crítica e emancipadora, racionalmente menos exigente, mais expressiva na atuação de professores/as e educadores/as em práticas educativas comprometidas com o meio ambiente, com a sustentabilidade local e planetária, menos dogmática ao analisar o meio ambiente e mais coletiva nas intervenções, desenvolvendo um trabalho educativo para um saber solidário do conhecimento-emancipação.

Diante de tantos obstáculos e desafios e com a consciência de que a solução vai além das minhas forças, tentei pensar em algo que solucionasse parte das dificuldades partindo do interesse dos professores, assim, proponho uma ferramenta atual e acessível que possa ser acessada por qualquer docente que queira dinamizar suas aulas, buscar conhecimentos e colocar em prática metodologias que

transformem o pensamento dos seus alunos, além de compartilhar conhecimentos entre outros professores, tal ferramenta é a criação da plataforma que será melhor explicitada mais adiante do texto.

4.3.2 Observações

A partir do mês de setembro comecei a observação das práticas dos professores e as produções das crianças durante o terceiro trimestre, com previsão de término em dezembro. Esta observação aconteceu duas vezes por semana, no turno matutino, cada dia em uma turma.

Através da observação e conversas com a equipe pedagógica, foi possível perceber que o CEIM não realiza projetos institucionais de Educação Ambiental de longa duração, que envolvam toda a escola e comunidade em geral. O projeto e as atividades sobre a temática ambiental são realizados dentro das turmas, de forma pontual e descontextualizada.

Através da análise de documentos, percebe-se que no CEIM não há nenhum livro específico sobre Educação Ambiental, o que faz com que as professoras/educadoras tenham que recorrer à Internet, revistas ou às colegas quando desejam buscar informações sobre o tema enquanto estão no CEIM. Este dado leva a pensar na autonomia dos professores e na responsabilidade dos mesmos com sua constante formação. A biblioteca escolar é um espaço com poucos livros, em sua maioria clássicos infantis e é mais utilizada para as práticas de educação física, aulas de filosofia, arte e as vezes as professoras levam os alunos para assistirem desenhos na televisão.

Como definido pela Secretaria Municipal de Educação, existe um Plano de Ensino Municipal da Educação Infantil, desatualizado, mas com a possibilidade de mudanças para o ano de 2020, baseado na nova Base Nacional Comum Curricular.

Este Plano é dividido por áreas de Formação Humana (identidade, linguagem oral, escrita e leitura, movimento, artes, filosofia, pensamento lógico-matemático e natureza e sociedade). O eixo natureza e sociedade é o mais próximo às questões ambientais, porém muito longe de um modelo de direcionamento para tratar os assuntos ambientais com a verdadeira atenção devida.

Todas as professoras utilizam cópias de atividades da internet e de coleções para a aplicação de conteúdos. Na creche (faixa etária de três anos) é muito comum Xerox com desenhos de animais, árvores, sol e outros que lembre a natureza. Também percebe-se muito canto, histórias e brincadeiras livres no pátio.

Já nas turmas de Pré-escola, além das atividades xerocadas com desenho de plantas e animais, as professoras tem uma preocupação maior com a Pré-Alfabetização. O eixo natureza e sociedade é trabalhado apenas uma vez na semana nessas turmas.

A escola não possui horta, apesar de existir amplo espaço para a construção de uma. Também não houve nenhum tipo de atividade voltada para alimentação saudável no período que passei no CEIM. Segundo as professoras alimentação saudável e higiene e saúde foram temas do projeto do 1º trimestre.

Quando indagadas sobre os problemas ambientais que identificavam ao redor do CEIM, as professoras listaram as seguintes problemáticas: lixo nas ruas, animais abandonados, falta de árvores nas vias, falta de saneamento básico no bairro vizinho e a crise da água salgada.

Sobre a participação da família na rotina da escola, foi observado uma reunião de pais, administrativa e pedagógica.

Nas conversas aprendi, refleti, concordei, discordei, sofri e principalmente, sorri. Especialmente nas conversas com as crianças. A interação com elas era sempre um momento de prazer e alegria. Ao término da observação pude sentir saudade dos momentos que passei no CEIM, assim como das professoras que tão bem me acolheram e das crianças com sua alegria contagiante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final deste trabalho, volto meu olhar ao início da caminhada e percebo o quanto essa experiência significou para mim, o quanto aprendi durante todo o processo do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Espero ter conseguido dar a visibilidade que pretendia às práticas de Educação Ambiental que acontecem no cotidiano de um Centro de Educação Infantil e dar voz às professoras, protagonistas dessas histórias de amor e cuidado com as crianças e com a vida, em todas as suas manifestações.

O resultado desta pesquisa é o reflexo da minha convivência com professoras e crianças em um espaço e, em um determinado tempo, nesse sentido, posso dizer que ele é único e inédito. Por outro lado, acredito que os relatos aqui apresentados possuem similaridades com inúmeras outras vivências que acontecem no cotidiano das escolas, especialmente as de Educação Infantil e, sendo assim, esta pesquisa não trata de algo singular e sim plural. Por isso mesmo, algumas considerações que aqui serão feitas têm uma abrangência maior, enquanto outras se referem mais especificamente à realidade da escola pesquisada.

Acredita-se que a Educação Ambiental pode mudar hábitos, transformando a situação do planeta Terra e proporcionando uma melhor qualidade de vida para as pessoas. E isso só se fará com uma prática de educação ambiental, onde cada indivíduo sinta-se responsável em fazer algo para conter o avanço da degradação ambiental vivenciada atualmente.

Quanto às políticas públicas, mesmo não sendo meu foco central, entendo ser pertinente problematizar essa questão que emergiu durante o estudo, pois, apesar de a legislação determinar que a EA aconteça em “todos” os níveis de ensino, não há, na atual gestão, em âmbito federal e em âmbito municipal (São Mateus), políticas públicas de Educação Infantil que enfatizem a Educação Ambiental, assim como não há políticas públicas de Educação Ambiental que contemplem a Educação Infantil.

As práticas de EA que acontecem na escola não foram classificadas, tendo em vista meu posicionamento filosófico-metodológico fundamentado na teoria da complexidade proposta por Edgar Morin, que busca a compreensão da realidade

sem reduzir o que é múltiplo, reconhecendo as interrelações entre os componentes que compõe o todo.

É possível que essas práticas estejam um pouco distantes do ideário prescrito em documentos, programas governamentais e publicações sobre o campo, escritos, em alguns casos.

No entanto, considero ser importante dar maior ênfase aos educadores, investindo em processos de formação continuada para um aprofundamento e internalização dos conhecimentos (emancipatórios) pertinentes ao campo da Educação Ambiental. Também considero importante a ampliação dos espaços coletivos instituídos na escola para estudos e planejamento.

Diante dos dados coletados na pesquisa, conclui-se que a Educação Ambiental é imprescindível e necessária dentro do ambiente escolar. Movimentos educacionais como este, que trabalham a compreensão estimulando a participação, construindo estratégias voltadas para a EA, acrescentam no comportamento social e ambiental mais responsável e mais consciente dos educandos.

A agressão ao meio ambiente aumenta a cada dia, exigindo maior participação das escolas em trabalhar verdadeiramente a Educação Ambiental, mostrando e sensibilizando os educandos a respeito dos problemas ambientais existentes no planeta.

O caminho para uma educação transformadora não é fácil, é intenso, mas necessário. É preciso desenvolver uma Educação Ambiental direcionada para a resolução de problemas, colaborando para um envolvimento ativo na prática consciente das atitudes, estabelecendo uma interdependência entre o ambiente e o ser humano.

É importante destacar que pesquisas voltadas à Educação Ambiental podem estimular a troca de informações e o compartilhamento de experiências, que podem acabar por contribuir na mudança de concepções tanto de gestores como dos demais profissionais e dos discentes.

Concluindo, espera-se que esse trabalho desperte interesse e incentive a realização de novas pesquisas no meio acadêmico, explorando o tema Educação Ambiental e seus subsídios, aproximando a teoria da prática educacional e contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente ambientalmente e socialmente.

6 PRODUTO FINAL

Observando o cotidiano escolar pude perceber como as crianças estão envolvidas e interagidas com a internet e os eletrônicos, assim, como estamos em fase de descobertas, adaptação e revolução tecnológica, onde as redes sociais e aplicativos ocupam a boa parte do tempo das pessoas, porque não pensar em alguma ferramenta tecnológica que una os conteúdos, didáticas e sugestões para trabalhar as questões ambientais conectando várias pessoas de qualquer lugar do mundo? Pensando em ensino híbrido, onde o aluno tem aulas parte on-line e outra parte off-line surge a idéia de criar a plataforma como uma sala de aula virtual com diversas sugestões de atividades e metodologias abordando o tema ambiental de forma lúdica, crítica e consciente, tendo como foco a educação infantil.

O objetivo de criar um produto virtual se dá ao fato de ser prático, acessível e divertido tanto para o professor que terá reunido em um só lugar muitas sugestões e informações para sua temática, quanto para o aluno, pois o professor poderá diretamente da plataforma acessar vídeos, imagens e conteúdos para abrilhantar ainda mais sua aula. Assim, a ferramenta a ser utilizada é o Google Classroom.

O Google Sala de Aula é um objeto de aprendizagem que foi desenvolvido para auxiliar professores e escolas. Consiste num pacote gratuito com recursos como Gmail, Google Drive e Documentos Google. É uma ferramenta que permite a criação de grupos – turmas – para compartilhamento virtual de informações e documentos.

O professor pode criar turmas, compartilhar documentos, propor tarefas individuais ou coletivas, enviar feedbacks e propor discussões. Os alunos podem compartilhar recursos e trocar idéias, juntamente com sua família.

Assim, o Google Sala de Aula é uma ferramenta que disponibiliza vários recursos para facilitar o trabalho do professor. A proposta da ferramenta é ajudar os professores a poupar tempo, manter as turmas organizadas e aprimorar a comunicação com os alunos e pais. O Google Sala de aula possibilita ao docente criar e compartilhar atividades online e também corrigir e informar a nota (quando for o caso) de cada tarefa. Da mesma forma, o aluno realiza a tarefa por meio do Google Sala de aula ou Google Doc, com o benefício de que nada é perdido, sendo

todo conteúdo armazenado no Google Drive, facilitando a consulta e acesso ao conteúdo com o passar do tempo.

É importante ressaltar características tais como: a capacidade para armazenamento de e-mails e arquivos ilimitada, o sistema de comunicação via e-mail - Gmail, a possibilidade de encaminhamento de mensagens instantâneas via Hangouts, o calendário que permite trabalhar com agendamentos, a praticidade da ferramenta para ambiente de Sala de Aula, a possibilidade de criação de Websites e o incentivo à participação em redes sociais. Todas essas características são consideradas pontos positivos presentes nos recursos do ambiente cooperativo.

O Google Sala de Aula é um ambiente familiar às pessoas, pois é semelhante a uma rede social (permitindo partilhar e comentar), possui acesso simples dos alunos, funcionalidades simples de utilizar, integração com serviços Google, nomeadamente e-mail e drive, e fácil manutenção do serviço.

Em minhas pesquisas conclui ser essa a ferramenta mais completa para trabalhos educacionais e para teste criei uma página com duas turmas e em uma terceira, entrei com link para participação, somente a fim de experiência (Figura 2). Não foi possível colocá-la em prática porque o tempo de observação foi curto e para tal implantação não dependia de mim, porém ao fim da pesquisa tive um momento com as professoras onde pude explicar e suggestionar o meu produto final. Também disponibilizo um tutorial de como criar as turmas (Anexo). É importante destacar que para acesso ao Google Classroom o usuário precisa se cadastrar em uma conta do Google.

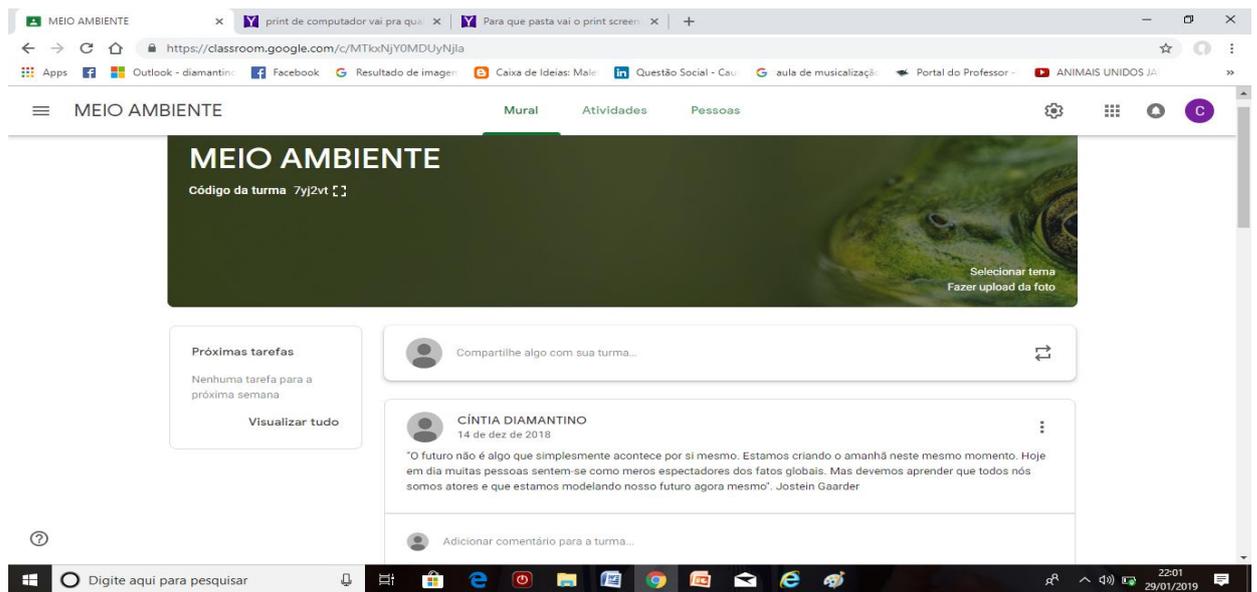


Figura 1: Página de teste com a turma criada pela pesquisadora.

Fonte: Disponível no site: <https://classroom.google.com/c/MTkxNjY0MDUyNjIa>. 2019. Código de acesso para esta turma: 7yj2vt .

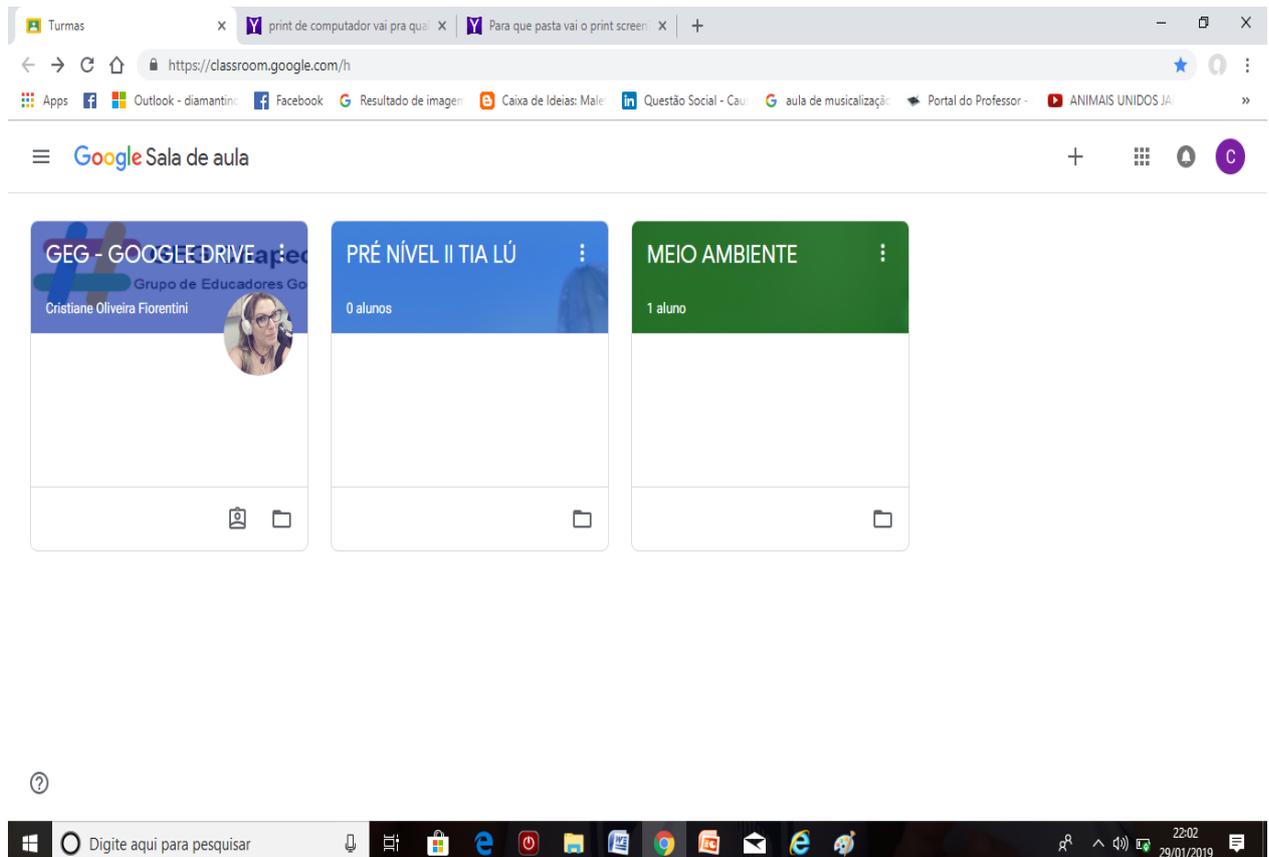


Figura 2: Turmas em que a pesquisadora participou para teste.

Fonte: Disponível no site: <https://classroom.google.com/h> 2019.

REFERÊNCIAS

Agenda 21. (1992) Capítulo 4: **Mudança dos padrões de consumo**. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/d84999e8-28a0-4dde-84db-a2bd79d9b10b/edu-amb-reciclagem-lixo_educacao-ambiental_projetos-exensao_tb.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 23 de junho de 2017.

ALVES, Marcelo Paraíso; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de; PEREIRA, Ronaldo Figueiró Portella. **Educação ambiental: possíveis olhares**. [livro eletrônico]. Volta Redonda: FOA, 2015.

ANDRADE, D.F. Implementação da Educação Ambiental nas Escolas: uma reflexão. In: Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação, 2000.

BAIÔCO, Valdinéia Rodrigues Mantovani. **A educação ambiental e o papel do educador na cultura da sustentabilidade**. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional). Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm>. Acesso em: 06 out. 2018. Acesso em: 12-jul-2016.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. A implantação da Educação Ambiental no Brasil. Brasília, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde. Brasília, DF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2011.

BRUNTLAND, G. Harlem or World Commission on Environment and Development Our Common Future. London: Oxford University Press, 1987.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate**. Brasília: IICA, 2006.

BUARQUE, S.C. (2008). **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. (4 ed.) Rio de Janeiro: Garamond. Disponível em: www.cempre.org.br – Compromisso Empresarial para a Reciclagem (Cempre). Informações sobre reciclagem, empresas recicladoras e coleta seletiva de lixo. > acesso em 21 de junho de 2017.

BUSQUETS, M. D. et al. **Temas transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1997. [Série Fundamentos, 138].

CAMPOS, Marília Andrade Torales; CARVALHO, Andrea Macedônio de. **Desafios emergentes na ação educativo-ambiental**: uma experiência em centros de educação infantil de Curitiba – PR. HOLOS, [S.l.], v. 5, p. 119-129, out. 2015. ISSN 1807-1600. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1698>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CARTEA, P. A. M. **Las barreras sociopolíticas para la práctica de una educación ambiental radical em lãs sociedades avanzadas**: lo que podemos aprender de la basura. In: Anais do V Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental, 5º ed., Joinville, 2006.

CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental crítica**: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, Philippe (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

CARVALHO, Janete Magalhães. **Do projeto às estratégias/táticas de professores como profissionais necessários aos espaços/tempos da escola pública**. In: Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade (Org.). 2. ed. Vitória: EDUFES, 2004. p. 10-44.

CONAMA. **Conselho Nacional do Meio Ambiente**. Resolução CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=8902>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/ IDEC, 2005. 160 p.

COUTO, Adriana Regina de Oliveira; VIVEIRO, Alessandra Aparecida. **Uma proposta de educação ambiental crítica na educação infantil**. X Congresso Internacional sobre Investigación en didáctica de las ciencias Enseñanza, Núm. Extra (2017), p. 3195-3200. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/183993>> [Consulta: 6 octubre 2018].

DELGADO, Ana Cristina Coll. **O que nós adultos sabemos sobre infâncias, crianças e suas culturas?** In: Revista Espaço Acadêmico nº 34/março de 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/034/34cdelgado.htm>> Acesso em 08 de out. 2018.

Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <
<https://dicionariodoaurelio.com/consumismo>>. Acesso em: 15 de outubro 2018.

FERNANDES, Andressa Lemos. **Educação ambiental na educação infantil: sentidos produzidos no cotidiano** - Vitória, 2007. 141 folhas: il.
 Disponível em: BDTD – UFES
 <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_73_ANDRESSA%20LEAMOS%20FERNANDES.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

FERRARO JUNIOR, L. A. (Org.): **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores – Volume 3**. Brasília: MMA/DEA, 2013.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GIBBIS, G. **Análise de dados qualitativos**. Rio Grande do Sul: Artmed, 2009.

GODOI, C.K .; MATTOS,P.L.C.L. **Entrevista qualitativa. Instrumento de pesquisa e evento dialógico**. 2. ed. são Paulo, 2010.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais**. RAE – Revista de Administração de empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, Daniela Vasconcellos. **Educação para o consumo ético e sustentável**. Rev. Eletrônica. Mest. Educ. Ambient, Porto Alegre, v.16, p.18-31, jan/jun 2006.

GONÇALVES, C. W. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental crítica**. In: LAYRARGUES, Philippe (Org.). **Identities da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: participação para além dos muros da escola**. In: MELLO, S.S; TRAJBER, R. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação: Ministério do Meio Ambiente: UNESCO, 2007. p. 85-93.

IMBÉRNON, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2004.

IMBÉRNON, F. **Formação docente profissional: forma-se para mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2002.

JORGE, Miriam José Fernandes, **A cultura da Sustentabilidade Social, um instrumento de Humanização,** Coimbra, Janeiro/2015, Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

KLIGERMAN, D.C. **A era da reciclagem x a era do desperdício.** In: SISINNO, C.L.S. & OLIVEIRA, R.M. de. (Orgs.) **Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 99-110. 2000.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia da pesquisa científica.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAYARGUES, Philippe. **O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental.** LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2002, 179-220.

LAYARGUES, Philippe; PTAGLIEBER, José Erno; GALLIAZZI, Maria do Carmo. **Um Panorama da Educação Ambiental no Brasil.** A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Dossiê de implantação do GE EA 22 da ANPEd, 2005. Disponível em: <http://26reuniao.anped.org.br/>. Acesso em: 21 out. 2018.

LAYARGUES, Philippe Pomier. **Um Panorama da Educação Ambiental no Brasil.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 25, 2002. Caxambu. Anais GT22. Disponível em <<https://www.anped.org.br/inicio.htm>>. Acesso em: 15 de outubro. 2018.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEFF, **A Complexidade Ambiental.** Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, G. da C. **O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/arqs/gustlima_ambsoc.pdf. Ambiente & Sociedade – Vol. VI nº. 2> jul./dez. 2003. Acesso em: 27 nov. 2018.

LIMA, G.F.C. **Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental.** In: LAYRARGUES, P.P. (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 85-111.

LIMA, Gustavo Ferreira. **Formação e dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios.** 2005. 207f. Tese (Doutorado em Ciências sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental Transformadora.** In: Layrargues, P. P. (Coord.) **Identidades da Educação Ambiental Brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C. F. B **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo, Cortez, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental transformadora**. In: LAYRARGUES, Philippe (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

MARCHESAN, Tatiane; PAZ, Dirce Maria Teixeira. **Reciclar, recriar, transformar e reinventar na educação infantil**. Revista Gestão E Desenvolvimento em Contexto - GEDECON VOL.3, Nº. 01, 2015. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/GEDECON/article/view/2791>>. Acesso em: 06 out. 2018.

MEDINA, N. M.; SANTOS, E. da C. **Educação Ambiental: uma metodologia participativa de formação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MONTIBELLER FILHO, G. **Empresas, desenvolvimento e ambiente: diagnóstico e diretrizes de sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2006.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia da educação**. São Paulo: Ática. 1993.

PENNA, Carlos Gabaglia. **O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio Ambiente e a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação Ambiental**. Coleção Primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1996

REMPEL, Enaide Tereza. **Políticas públicas ambientais e seus nexos com a educação: um estudo no município de Sinop**. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. São Leopoldo/RS. 183f. 2010.

RIBEIRO, Krukemberghe Divino Kirk da Fonseca. **"Problemas ambientais brasileiros"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/biologia/problemas-ambientais-brasileiros.htm>>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

ROOS, A. BECKER, E. L. S. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, REGET/UFSM, Rio Grande do Sul, v.5, n.5, p. 857-866, 2012.

SAHEB, Daniele; RODRIGUES, Daniela Gureski. **A educação ambiental na educação infantil: Limites e possibilidades.** Cadernos de Pesquisas UFMA, São Luís, v. 23, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/3927>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** São Paulo. São Paulo, Nobel, 1998.

SANTOS, V. M. N.; JACOBI, P. R. **Formação de professores e cidadania: projetos escolares no estudo do ambiente.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p.263-78, maio/ago. 2011. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v37n2/v37n2a04.pdf. Acesso em: 15 de outubro. 2018.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **“Impactos Ambientais”**; Mundo Educação. Disponível em < <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/impactos-ambientais.htm>>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

SATO, Michele. **“Debatendo os desafios da educação ambiental”**. In Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro. Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 21/maio/01.

SATO, Michele. **Educação para o ambiente amazônico.** São Carlos: Tese de Doutorado, PPG-ERN/UFSCar, 1997, 245p.

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental.** In: SATO, Michele e CARVALHO, I.C. M (org) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

SOUSA, Bruna Silva de; SOUZA, Edison Antônio de. **A importância da educação ambiental na proposta pedagógica da educação infantil: um estudo na Creche Palmeiras em Sinop.** Revista Eventos Pedagógicos v.5, n.2 (11. ed.), número regular, p. 64 - 73, jun./jul. 2014. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1486>>. Acesso em: 06 out. 2018.

TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Temas ambientais como temas geradores: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória.** Educar, Curitiba n.27, p.93-110. 2006, Ed. UFPR. TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: natureza, razão e história.** Campinas: Autores Associados, 2004.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30, 2007, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2007.

TRISTÃO, M. P. **Tecendo os fios da educação ambiental:** o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30, 2007, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2007.

TRISTÃO, Martha. **As dimensões e os desafios da Educação Ambiental na sociedade do conhecimento.** In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental:** abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZANETI, I. **Além do lixo. Reciclar:** um processo de transformação. Brasília, Terra Una, 1997.

APÊNDICE

Apêndice A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA REALIZADA NO MÊS DE JULHO DE 2018 AOS PROFESSORES DO CEIM SÃO PEDRO.

Pesquisadora: Cintia Andrezza dos Santos Diamantino

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Gonçalves Castor

Título da Dissertação: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CEIM SÃO PEDRO

PERGUNTAS:

- 1 Para você o que é meio ambiente?

- 2 No seu entender o que são problemas ambientais? Dê 5 exemplos de problemas ambientais.

- 3 Quem são os responsáveis pelo surgimento de problemas ambientais?

- 4 Quem são os responsáveis pela solução desses problemas?

- 5 Como você acha que as pessoas podem colaborar para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vivem?

- 6 O que você tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive?

- 7 O que você entende por educação ambiental?

- 8 O que significa trabalhar educação ambiental na educação infantil?

- 9 Teve alguma formação na área de educação ambiental, curso que tenha feito ou projeto que tenha participado?

- 10 Trabalha educação ambiental com seus alunos? () SIM () NÃO
Se sim, de que forma, qual a metodologia?

Com que frequência?

Descreva uma aula.

11 quais instrumentos você utiliza para auxiliá-lo (a) no planejamento das suas aulas que envolvem educação ambiental?

12 Quais as dificuldades encontradas para a prática de educação ambiental?

13 Em sua opinião qual a importância de trabalhar a educação ambiental? E de trabalhar educação ambiental na educação infantil?

14 Você se considera preparado para trabalhar educação ambiental.
Se não, por quê e qual a sua dificuldade?

15 As crianças mudam ou adquirem o hábito de preservação ambiental?

ANEXOS

Criar uma turma

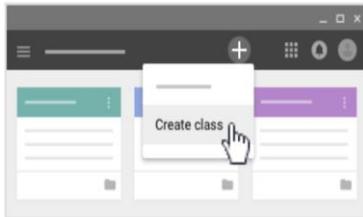
Uma das primeiras ações de um professor no Google Sala de aula é criar turmas. Em uma turma, você pode [atribuir trabalhos](#) e [postar avisos](#) para os alunos.

Qualquer pessoa com mais de 13 anos pode criar uma turma usando uma Conta do Google pessoal.

[Computador](#) [Android](#) [iPhone e iPad](#)

Criar uma turma

1. Acesse classroom.google.com [↗](#).
2. Clique em Adicionar + > Criar turma.



3. Digite o nome da turma.

4. (Opcional) Para incluir uma breve descrição, a série ou o horário da turma, clique em **Seção** e digite os detalhes.
5. (Opcional) Para incluir a disciplina, clique em **Disciplina** e digite o nome ou clique em uma das opções da lista que é exibida enquanto você digita.
6. (Opcional) Para incluir a localização da turma, clique em **Sala** e digite os detalhes.
7. Clique em **Criar**.

Todas as novas turmas têm a página "Atividades", que pode ser removida. Se você removê-la, o professor principal da turma poderá adicioná-la novamente. Para saber mais detalhes, consulte

novamente. Para saber mais detalhes, consulte [Adicionar ou remover a página "Atividades"](#).

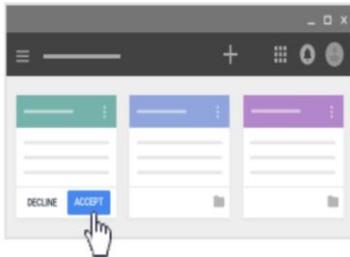
Próximas etapas: o Google Sala de aula cria automaticamente um código quando você cria uma nova turma. Use esse código para [convidar os alunos](#) para a turma. Se quiser, [altere o tema](#) ou [exiba uma foto do perfil](#). Você pode arquivar uma turma se não precisar mais dela. Para mais detalhes, consulte [Arquivar uma turma](#).

Aceitar uma turma provisionada

O administrador que gerencia o Google Sala de aula pode criar turmas para você e adicionar alunos a elas. As turmas criadas pelo administrador ficam em um estado provisionado. Você precisa fazer login no Google Sala de aula para aceitá-las ou recusá-las antes que elas fiquem visíveis para os alunos ou professores auxiliares.

1. Acesse classroom.google.com [↗](#).

2. No cartão da turma, clique em Aceitar.



3. Confirme o número de alunos e a ativação da turma e clique em **Aceitar**.

Observação: para saber mais sobre o provisionamento de turmas, consulte [Recursos da Classroom API](#) [↗](#).

Alterar o tema da turma

Depois de criar uma turma, você pode alterar a imagem padrão ou o padrão de cores exibido na parte superior do mural. Somente professores podem alterar o tema.

Ajuda

- [Participar de uma turma como aluno](#)
- [Cancelar a inscrição em uma turma](#)
- [Ver as informações sobre sua turma](#)
- [Ver uma turma arquivada](#)
- [Ver suas tarefas em uma agenda](#)
- [Reordenar seus cards de turmas](#)
- [Criar uma turma](#)
- [Adicionar materiais à página "Atividades"](#)
- [Adicionar ou remover a página "Atividades"](#)
- [Copiar uma turma](#)
- [Gerenciar as configurações da turma](#)
- [Participar ou sair de uma turma como professor auxiliar](#)
- [Adicionar um professor auxiliar a uma turma](#)
- [Remover um aluno de uma turma](#)
- [Convidar os alunos para uma turma](#)
- [Remover um professor de uma turma](#)
- [Arquivar ou excluir uma turma](#)
- [Definir permissões de compartilhamento e postagem de alunos](#)
- [Transferir a propriedade de uma turma](#)

Figura 3: Tutorial para criação de turmas no Google Classroom, formatado pela pesquisadora.
Fonte: Retirado da página: